

*Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira*

**Aquisição de constituintes-QU  
em dois dialetos do português brasileiro**

Campinas  
abril de 2003

*Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira*

**Aquisição de constituintes-QU  
em dois dialetos do português brasileiro**

Dissertação apresentada ao Departamento de  
Linguística do Instituto de Estudos da  
Linguagem –IEL da Universidade Estadual  
de Campinas –UNICAMP como requisito  
parcial para obtenção do título de Mestre em  
Linguística.

Orientadora:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Cecília Perroni

Campinas  
abril de 2003

UNIDADE	UNICAMP
Nº CHAMADA	L566a
V	EX
TOMBO BC/	54306
PROC.	124703
C <input type="checkbox"/>	D <input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	14/06/03
Nº CPD	

BIB ID 2 294462

CM 00125864-3

## FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

L566a

Lessa de Oliveira, Adriana Stella Cardoso

Aquisição de constituintes-QU em dois dialetos do português brasileiro / Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira. - - Campinas, SP: [s.n.], 2003.

Orientador: Maria Cecília Perroni

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Aquisição da linguagem. 2. Língua portuguesa – sintaxe. 3. Princípios e parâmetros (Linguística). 4. Constituintes. I. Perroni, Maria Cecília. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

# Banca Examinadora

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Cecília Perroni  
(presidente)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mary A. Kato

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ruth Vasconcelos Lopes

---

Pro.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Aparecida Torres Moraes

---

*Aos meus pais pelo amor e  
dedicação com que me educaram.*

*A Sindoval, Juliana e Mayana  
pelo amor e companheirismo.*

# Agradecimentos

Agradeço à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Cecília Perroni, por uma orientação tão próxima, firme e presente, que ultrapassou as atividades relativas ao trabalho de pesquisa e de elaboração desta dissertação, proporcionando-me amparo e segurança durante todo o curso. Agradeço por ela ter sido mais que orientadora, por ela ter sido meu anjo-guardião.

Agradeço ao Prof. Dr. Jairo Morais Nunes pelo diálogo constante, pela ajuda nas questões relativas à sintaxe e pelas importantes sugestões no Exame de Qualificação.

Agradeço à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mary A. Kato pelas sugestões, como membro da Banca de Qualificação, que tanto contribuíram para o aprimoramento desta dissertação.

Agradeço à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cecília Perroni e à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mary A. Kato pelo trabalho desenvolvido na disciplina Seminário Avançado em Aquisição da Linguagem e ao Prof. Dr. Jairo Morais Nunes pelo trabalho desenvolvido nas disciplinas Introdução à Sintaxe, Teoria da Gramática Gerativa I, Tópicos da Gramática Gerativa I e Seminário Avançado em Sintaxe Gerativa, cujas discussões foram fundamentais para construção e embasamento teórico deste trabalho.

Agradeço à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Fausta Pereira de Castro e ao Prof. Dr. Kanavillil Rajagopalan com os quais cursei disciplinas que contribuíram para minha formação acadêmica.

Agradeço aos professores que gentilmente aceitaram fazer parte da Banca Examinadora para defesa desta dissertação, juntamente com minha orientadora, e cujas sugestões enriqueceram interessantemente este trabalho: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mary A. Kato, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ruth E. Vasconcelos Lopes, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Aparecida Torres Moraes.

Agradeço ao Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários da UESB por ter compreendido a necessidade de qualificação de seus professores e ter me liberado para o cursar o mestrado.

Agradeço à UESB pela bolsa de estudos SAEB/UESB que ajudou a custear as despesas para realização deste trabalho.

Agradeço à UNICAMP, especialmente ao Instituto de Estudos da Linguagem – IEL, por ter me recebido e me apoiado em todas as etapas de meu curso e elaboração deste trabalho.

Agradeço ao casal Gracione e Clóvis de Cavalho, pais de Luana, e ao casal Sandra e Antônio José Nascimento, pais de Ester, pelo paciente e cuidadoso trabalho que realizaram durante um ano inteiro, coletando dados em sessões de gravação semanais com suas filhas.

Agradeço a Luana de Carvalho e a Ester Nascimento, duas crianças adoráveis, que, mesmo sem saberem, colaboraram imensamente com a realização deste estudo, fornecendo os dados de aquisição de suas falas.

Agradeço ao meu pai, Antonino M. Lessa, pelo carinho e colaboração, e a minha mãe, Silene T. C. Lessa, pelo incentivo e amparo emocional nesse período em que tive que ficar distante de casa.

Agradeço às minhas filhas, Juliana e Mayana, que sempre tinham a me oferecer um sorriso de incentivo, um abraço confortante. Agradeço por elas compreenderem com tanta maturidade a necessidade de termos que ficar distante por um longo período.

Agradeço ao meu marido, Sindoal R. de Oliveira, pela compreensão, incentivo, carinho e amor que alimentaram o meu desejo de prosseguir e que foram fundamentais para o meu equilíbrio, força e ânimo na realização deste trabalho. Agradeço o seu gesto de me receber com flores.

Agradeço aos amigos, com os quais sempre pude contar. Agradeço à amiga Maria da Conceição Fonseca Silva, o meu outro anjo-guardião, irmã nos ideais dos estudos lingüísticos, minha maior colaboradora e incentivadora.

Agradeço aos meus irmãos, cunhados e outros parentes, que sempre tinham palavras encorajadoras para renovar as minhas forças e me animar.

E agradeço a Deus pela oportunidade, condição e capacidade de realizar um trabalho que poderá contribuir com os estudos lingüísticos.

# Resumo

Com base na hipótese inatista de Aquisição da Linguagem e, em particular na vertente continuísta, neste trabalho busco estudar a aquisição da categoria funcional CP, mais especificamente, a aquisição dos constituintes-QU (constituintes interrogativos), partindo de fundamentos da Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981) da Gramática Gerativa, em sua versão mais recente – o Programa Minimalista (Chomsky, 1995).

A partir de dados longitudinais/observacionais, coletados em sessões de gravação semanais, de duas crianças baianas, na faixa etária entre os 18 e 28 meses, o presente estudo chega a resultados que revelam que o fenômeno de aquisição tardia do tipo *QU in situ* de interrogativas em português brasileiro, encontrado pelas pesquisas paulistas de Sikansi (1999) e Grolla (2000), não ocorre em dialetos do português brasileiro como o falado na Bahia, que apresenta um *input*, em termos de interrogativas-QU, diferente do paulista. Proponho, por conseguinte, que o papel de princípios de economia na aquisição da linguagem não é o de emprego inicial (pela criança) do tipo estruturalmente mais barato, mas o de utilização de processo de aquisição a mercê do *input*, a partir, possivelmente, de um mecanismo de aquisição da linguagem, baseado em *freqüência de ocorrências e tempo de exposição aos dados do input*.

Proponho ainda que, dentre as hipóteses para o valor do parâmetro do movimento-QU em português brasileiro, a que mais se aproxima do novo quadro empírico de aquisição de interrogativas-QU nesta língua, ampliado pela presente pesquisa, é a que sugere que tal parâmetro, nesta língua, seria marcado como [+movimento-QU]. Entretanto, contrariamente ao que se supõe, não haveria opcionalidade, mas dois C<sup>0</sup> matrizes interrogativos nulos (um com traço-QU forte e o outro com esse traço fraco), conforme propõem Hornstein, Nunes e Grohmann (2001).

# Abstract

Based on the innatist theory of Language Acquisition and, in particular, on the continuist hypothesis, in this research I studied the acquisition of the functional category CP, more specifically wh-constituent (interrogative constituent) acquisition. The theoretical framework used was the Generative Grammar (Chomsky, 1981) in the Principles and Parameters version, taking into account new developments of the Minimalist Program (Chomsky, 1995).

The longitudinal/observational data were collected during weekly sessions of tape-recording of the speech of two Brazilian children, aged 18 to 28 months. The results of the analysis demonstrate that the phenomenon of late acquisition of the type *wh in situ* in Brazilian Portuguese, as found by Sikansi (1999) and Grolla (2000) in the state of São Paulo, does not occur in this dialect of Brazilian Portuguese (spoken in Bahia), in which the input is different from that of the dialect spoken in São Paulo. In virtue of this, I propose that the role of principles of economy in Language Acquisition is not that of the initial use (by the child) of the structurally “less costly” type, but rather the use of an acquisition process possibly dependent on a mechanism of language acquisition that is derived from the *frequency of occurrences* and the *period of exposure to the input data*.

I propose that among the hypotheses concerning the value of the wh-movement parameter in Brazilian Portuguese the one that most closely approaches the new picture of empirical research on the acquisition of wh-interrogatives in Brazilian Portuguese is the one that suggests that the wh-movement parameter, in this language, is marked as [ $\pm$  wh-movement]. Nevertheless, contrary to what is sometimes assumed, there is no optionality, but two C<sup>0</sup> null interrogatives matrices (one with a strong wh-feature and the other with a weak wh-feature) as Hornstein, Nunes and Grohmann (2001) have proposed.

# Sumário

<b>Capítulo 1 – Introdução</b> .....	01
1.1 – Justificativa .....	01
1.2 – Hipótese e objetivos .....	03
1.3 – Questão metodológica .....	05
1.4 – Organização da dissertação.....	09
<b>Capítulo 2 – Panorama teórico</b> .....	11
2.1 – A teoria inatista de aquisição da linguagem .....	11
2.2 – A hipótese maturacionista .....	14
2.3 – A hipótese continuísta .....	17
2.4 – O parâmetro do movimento-QU .....	19
2.5 – A aquisição de interrogativas-QU segundo Sikansi (1999)..	24
2.6 – A aquisição de interrogativas-QU segundo Grolla (2000)....	28
2.7 - A aquisição de interrogativas-QU segundo Sell (2001).....	34
<b>Capítulo 3 – Os dados da pesquisa</b> .....	39
3.1 – Dados da fala infantil .....	41
3.2 – Dados do <i>input</i> .....	61
<b>Capítulo 4 – Análise dos dados</b> .....	67
4.1 – Comparando com os dados das pesquisas anteriores .....	68
4.2 – O Papel do <i>input</i> na aquisição .....	79
4.3 – A economia na aquisição da linguagem .....	91
4.4 – Um possível mecanismo de aquisição da linguagem .....	96
4.5 – O parâmetro do movimento-QU em PB .....	107
<b>Capítulo 5 – Conclusões</b> .....	115
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	119
<b>Anexos</b> .....	125

# Capítulo 1

## 1.1 – Justificativa

Embora a preocupação no que diz respeito à linguagem infantil não seja nova, a discussão ganha, no século XX, as fronteiras da ciência. Várias teorias sobre a aquisição da linguagem com diferentes enfoques foram propostas: o *behaviorismo*, de Skinner; o inatismo, de Chomsky (Teoria Gerativa); o cognitivismo, baseado nos estudos de Piaget; o interacionismo, representado por trabalhos que privilegiam a construção social do conhecimento.

O fato de coexistirem várias teorias preocupadas em explicar o processo de aquisição da linguagem indica que este assunto é bastante controverso. Pode-se dizer que o desafio, no que diz respeito à aquisição da linguagem, é “a relação entre o inato e o adquirido, entre o biológico e o sócio-histórico, entre o lingüístico e o extralingüístico, entre o sujeito aprendiz e o objeto a ser aprendido” (Scarpa, 2001).

As diversas teorias, na realidade, indicam os modos como cada teoria tem concebido a linguagem e o seu desenvolvimento, o que leva, conseqüentemente, cada teoria a diferenciar a metodologia e a unidade de análise com que opera. Partindo dessa idéia e diante do meu interesse em

Introdução

---

trabalhar com a aquisição da categoria funcional CP, optei pelo inatismo como suporte teórico e pela aquisição das interrogativas-QU em português brasileiro (doravante PB) como objeto de estudo.

Assim como a área de estudos de aquisição da linguagem propriamente dita, o inatismo, a seu turno, segue longo percurso de construção. Desde o modelo-padrão (Chomsky (1965)), impõe-se sobre a Teoria Gerativa uma tensão entre a adequação explicativa e adequação descritiva. O maior peso desse problema recai sobre a aquisição da linguagem: no modelo-padrão, a criança era tida como um pequeno lingüista, diante de uma enorme lista de regras. Com Princípios e Parâmetro (doravante P&P), particularmente a versão GB (*Government and Binding*), foi possível dar um grande salto no sentido de uma adequação explicativa, pois a tarefa da aquisição tornou-se mais plausível, reduzindo-se a marcar os parâmetros de sua língua materna.

Essa tarefa de aquisição da linguagem, presumida como simples para a criança, é especificada como sendo guiada por princípios de economia<sup>1</sup>. E é com base nesse pressuposto que muitos trabalhos em aquisição são desenvolvidos. A gramática emergente, aparentemente deficitária em relação à do adulto, é explicada como decorrente de uma marcação inicial pela criança do valor do parâmetro que produz derivações mais econômicas.

Os trabalhos sobre aquisição de interrogativas-QU em PB de Sikansi, (1999) e de Grolla (2000) apresentaram importante informação empírica a respeito de princípios de economia na aquisição. Esses trabalhos mostram que a aquisição de interrogativas-QU em PB iniciou-se, no caso das crianças pesquisadas naqueles trabalhos, pelo tipo estrutural – *QU deslocado* – que seria logicamente menos econômico porque implica movimento na sintaxe aberta, ficando o tipo mais econômico – *QU in situ* –

---

<sup>1</sup> De acordo com Kato (1995:71 e 1999:12), “O programa Minimalista propõe o Princípio da Economia (Chomsky, 1991, 1993, 1995), atualizado através de sub-princípios.”

no último lugar entre as estruturas interrogativas-QU adquiridas por essas crianças.

Mas, com base no pressuposto de que a criança marca os parâmetros da forma mais econômica possível (cf. Kato 1995:71), nos dois estudos citados e também em trabalho realizado por Sell (2001) sobre o mesmo objeto, procurou-se fatores que, de alguma forma, acarretariam um custo a mais para aquisição de *QU in situ*, justificando com isso sua aquisição tardia em PB.

Verificando, entretanto, que os *corpora* das referidas pesquisas constituem-se de dados oriundos apenas do dialeto paulista e que, por isso, não se sabe se os resultados das referidas pesquisas se estenderiam a outros dialetos do PB, o presente estudo se propõe a ampliar as pesquisas feitas sobre aquisição de interrogativas-QU em PB, acrescentando à base de dados já existente novos *corpora* constituídos de dados do PB baiano, falado na região sudoeste do Estado (Vitória da Conquista).

## 1.2 – Hipótese e objetivos

Discuto, no presente estudo, a possibilidade de o papel da economia na aquisição da linguagem não ser o de emprego inicial (pela criança) do tipo estruturalmente (ou derivacionalmente) mais barato<sup>2</sup>, mas o de utilização de processo de aquisição a mercê do *input*. Sendo assim, o fenômeno de aquisição tardia de *QU in situ*, encontrado no dialeto paulista nas pesquisas mencionadas, pode não ocorrer em outros dialetos do PB

---

<sup>2</sup> O princípio da economia das derivações exige que as operações computacionais sejam guiadas por alguma condição sobre as representações, como se essas operações constituíssem um “último recurso” para resolver uma falha na satisfação de determinadas condições, de acordo com Lasnik, 1995: 28. Essas operações tornam determinadas construções estruturalmente mais caras que outras concorrentes, como os vários tipos de construções com interrogativas-QU.

(como o baiano) que apresentam um *input*, em termos de interrogativas-QU, diferente do paulista.

Então, como hipótese, proponho que o processo de aquisição da linguagem, possivelmente, se vale de um mecanismo de aquisição a mercê do *input*, baseado nos fatores *freqüência de ocorrências e tempo de exposição aos dados do input*.

Um dos objetivos das pesquisas que encontraram o fenômeno de aquisição tardia de *QU in situ* foi o de estabelecer o valor do parâmetro do movimento-QU em PB, fazendo relação entre o valor desse parâmetro e o referido fenômeno. Será também objetivo meu neste estudo propor um possível valor para o parâmetro do movimento-QU em PB, considerando o quadro empírico encontrado e a hipótese há pouco mencionada.

Como objetivos específicos, através do presente estudo, pretendo:

- a) verificar se as propostas das pesquisas anteriores para aquisição do parâmetro do movimento-QU em PB são confirmadas ou não por dados de aquisição do dialeto baiano;
- b) discutir os papéis dos princípios da economia e do *input* na aquisição da linguagem;
- c) verificar entre as propostas existentes na literatura, para o valor do parâmetro do movimento-QU em PB, qual a que mais se aproxima do quadro empírico de aquisição de interrogativas-QU em PB (que abrange os *corpora* das duas pesquisas anteriores e os da presente pesquisa).

### 1.3 – Questão metodológica

Que a escolha metodológica está diretamente relacionada ao objeto e aos objetivos do estudo é óbvio. Assim, para realizar o presente trabalho, era necessário um método que:

- a) possibilitasse um acompanhamento contínuo do fenômeno de aquisição em tempo real;
- b) possibilitasse a verificação do período em que surgem as estruturas de interrogativas-QU;
- c) possibilitasse a observação do fenômeno em progressão.

Dentre os dois métodos mais utilizados nos trabalhos da área – observação longitudinal e método experimental – o que melhor pôde servir aos propósitos da presente pesquisa foi o primeiro, que se caracteriza como observação da produção espontânea ao longo de determinado período.

Entre as vantagens desse método (cf. Perroni, 1996) aponto duas que considero de suma importância para o estudo por mim realizado:

- a) esse método fornece dados do curso natural, espontâneo, do processo de aquisição;
- b) esse método pode revelar informações insuspeitadas pelo pesquisador.

O estudo aqui realizado foi completamente guiado por esses dois fatores. Determinadas descobertas feitas a partir da observação do curso natural, espontâneo, do processo de aquisição nos *corpora* das duas crianças pesquisadas e o surgimento, no *corpus* de uma das crianças, de um fato não

imaginado *a priori* levaram-me a análises e conclusões insuspeitadas no primeiro momento.

Como é de se esperar, desvantagens do método longitudinal também são apontadas (cf. Perroni, 1996). Fica difícil para o pesquisador, com emprego do método longitudinal, interpretar se a criança possui competência gramatical produtiva em determinadas situações, pois não se sabe se a ausência de uma construção particular numa sessão de gravação é causada pela falta de conhecimento lingüístico, pela falta de exposição à referida construção ou pela falta de contextos discursivos apropriados na sessão (cf. tb. Demuth, 1996).

Há ainda um outro problema que considero sério – generalizações feitas com base em amostra muito reduzida. Este problema não é exatamente uma desvantagem do método longitudinal, já que outros métodos podem apresentar o mesmo problema, mas está diretamente relacionado a esse método, porque, pelo fato de se ter que observar crianças durante longo período, o que acarreta um volume grande de dados, a população que compõe os *corpora* de trabalhos longitudinais acaba geralmente se limitando a um número muito reduzido de indivíduos.

É perfeitamente possível realizar trabalhos na área de aquisição com um número reduzido de informantes, o problema não está aí. O perigoso é, a meu ver, os trabalhos em aquisição partirem para fortes generalizações com base em fatos lingüísticos encontrados em amostra muito reduzida.

O pesquisador em aquisição precisa ter cuidado para não assumir como garantido aquilo que, na verdade, se está procurando provar. Temos que estar atentos para não tomar como verdade indiscutível os pressupostos da teoria (o pressuposto de que princípios de economia guiam a aquisição, por exemplo). É preciso tomar cuidado para não utilizar determinado pressuposto como garantia de que os dados de um único indivíduo, ou de

Introdução

---

alguns poucos indivíduos, representam o universal, ao invés de buscar dados mais representativos que possam servir como garantia (pelo menos relativa) de que determinado pressuposto teórico pode ser tomado como consistente e coerente e, por isso, será possível partir para generalizações.

Quando o pesquisador assume posição que o leva a partir para generalizações, em casos como o acima referido, seu trabalho está apresentando uma criança muito mais epistemológica do que empírica. É preciso, entretanto, ter clareza disso, para que a criança epistemológica não seja tomada em lugar da empírica, ou seja, entre o que a teoria hipotetiza/idealiza e a realidade dos fatos há muito caminho a ser ainda percorrido.<sup>3</sup>

Os *corpora* do presente trabalho são constituídos de dados da fala de duas crianças e de seus respectivos *inputs*. São também considerados nas análises e discussões *corpora* de duas pesquisas anteriores sobre o mesmo tema que se constituem de dados da fala de mais quatro crianças (somando-se os dois trabalhos) e também de dados do NURC/SP (utilizados como referência ao *input* por esses trabalhos) e da fala de um dos adultos que compõem o *input* de uma das crianças dessas pesquisas.

Esses *corpora* constituem também uma amostra reduzida. Assim como ocorre, no geral, com as pesquisas nessa área, enfrentei o problema de me deparar com a impossibilidade de formar, em um curto espaço de tempo, amostra com dados longitudinais da fala de mais que dois indivíduos, por causa do volume de dados gerados por cada *corpus*. Por outro lado, uma amostra do tamanho da que foi utilizada (com dois informantes e respectivos *inputs*) serviu adequadamente para constatar que o fenômeno de

---

<sup>3</sup> Para aprofundamento de discussão sobre o lugar/conceito da criança nos períodos da teoria gerativa ver Lopes (1995).

aquisição tardia<sup>4</sup> de interrogativas-*QU in situ* não se estende à totalidade do português brasileiro.

A amostra constituída pelos dados da fala das duas crianças baianas pesquisadas neste estudo serviu também adequadamente aos outros propósitos deste trabalho, a saber: ampliação do quadro empírico de aquisição de interrogativas-QU em PB (sobretudo porque o enriqueceu com informações sobre um dialeto do PB ainda não estudado no que diz respeito à aquisição da referida categoria); e discussão, a partir do quadro empírico ampliado pelos dados do dialeto baiano, dos papéis dos princípios de economia e do *input* na aquisição e das propostas anteriores para aquisição e valor do parâmetro do movimento-QU em PB.

A somatória com o já obtido por trabalhos anteriores contribui para superação do problema acima mencionado. É o que estou propondo fazer. Não parto da estaca zero, mas de pontos adiantados pelas pesquisas anteriores, além de utilizar dados dessas pesquisas nas discussões. E é claro que os que vêm depois estão sempre numa posição mais confortável que a dos que os antecederam.

Enfim, o método longitudinal/observacional propiciou a ampliação, pelo presente trabalho, do estudo já existente sobre o tema, trazendo para a discussão elementos inusitados, insuspeitados, que alteram completamente as informações empíricas sobre a aquisição de interrogativas-QU em PB, exigindo revisão das conclusões e previsões das pesquisas anteriores, bem como discussão a respeito dos pressupostos que norteiam esses e outros trabalhos na área de aquisição. É o que será visto nos capítulos a seguir.

---

<sup>4</sup> Fenômeno encontrado por pesquisas anteriores.

## 1.4 – Organização da dissertação

Nos capítulos que se seguem apresento uma discussão com base em novo quadro empírico de aquisição de interrogativas-QU em PB, ampliado pelos dados trazidos pela presente pesquisa. No capítulo 2, além de explanação sobre o panorama teórico geral do inatismo e estudos, feitos ao longo de duas décadas, sobre o parâmetro do movimento-QU, apresento os trabalhos sobre a aquisição de interrogativas-QU em PB de Sikansi (1999), Grolla (2000) e Sell (2001).

No capítulo 3, faço a descrição dos *corpora* constituídos por dados da fala de duas crianças baianas e respectivos *inputs*. Há, nesse capítulo, uma preocupação em descrever o processo em progressão ao longo do período pesquisado e em fazer comparações entre os dados das duas crianças e dados dos respectivos *inputs*, para que se possa verificar o grau de representatividade do *input* no processo de aquisição.

No capítulo 4, a análise parte da comparação entre os dados coletados neste trabalho e os dados das pesquisas anteriores para chegar a uma visão do quadro geral. Nas seções seguintes, procuro demonstrar, através do quadro empírico geral, que é preciso reanalisar o papel da economia<sup>5</sup> na aquisição, bem como o grau de representatividade do *input*, visto que o

---

<sup>5</sup> As noções de economia derivacional e de economia processual muitas vezes se confundem nos trabalhos em aquisição da linguagem. Esclareço que o termo *processual* não está sendo empregado neste estudo como relativo a *processamento*, ato ou efeito de a mente/cérebro processar os dados lingüísticos, mas relativo ao ato de preceder, relativo à sucessão de atos e fatos que correspondem ao *processo* de aquisição da linguagem, isto é, refere-se ao que é comumente caracterizado, na área de aquisição da linguagem, como *learnability*.

quadro empírico de aquisição de interrogativas-QU em PB, ampliado por esta pesquisa, revela que a aquisição das interrogativas-QU não acontece via mesmo itinerário entre os dialetos paulista e baiano, podendo haver variação desses itinerários até mesmo entre as crianças adquirindo um mesmo dialeto. Ainda nesse capítulo, avalio a possibilidade da existência de um possível mecanismo de aquisição da linguagem, baseado em *freqüência de ocorrências e tempo de exposição ao input* e faço uma avaliação das hipóteses existentes para o valor do parâmetro do movimento-QU em PB, buscando verificar qual dessas hipóteses mais se aproxima do novo quadro empírico de aquisição de interrogativas-QU em PB.

E no capítulo 5, apresento as conclusões a respeito: da adequação ou não das propostas das pesquisas anteriores ao novo quadro empírico de aquisição de interrogativas-QU em PB; do papel do *input* e da economia na aquisição; de que hipótese para o valor do parâmetro do movimento-QU em PB mais se aproxima desse novo quadro empírico; e de evidências, com base no referido quadro, de que na faixa etária aqui pesquisada (dos 18 aos 28 meses), na qual se inclui o período léxico-temático dos maturacionistas, está presente a categoria funcional CP, fortalecendo a hipótese continuísta de que “a gramática da criança em todas as fases é uma gramática das línguas naturais (...), com todos os princípios ativados, embora seus enunciados possam ser truncados por problemas de processamento” (Kato, 1999:13)

Dessa maneira, discorrerei, ao longo dos capítulos seguintes, sobre a aquisição das interrogativas-QU em português brasileiro, dentro da perspectiva inatista de aquisição da linguagem, procurando adequar as explicações sobre o fenômeno de marcação do parâmetro do movimento-QU em PB à descrição do quadro empírico aqui ampliado.

## Capítulo 2

### Panorama teórico

Neste capítulo, apresento o quadro geral teórico a respeito da corrente inatista das teorias de aquisição da linguagem, que se fundamenta na teoria da sintaxe gerativa. São enfocadas, nas seções 2.2 e 2.3, as subcorrentes inatistas – maturacionista e continuísta. Na seção 2.4, apresento um panorama, de duas décadas de discussões a respeito do parâmetro do movimento-QU, para nas duas seções seguintes, 2.5 e 2.6, tratar das propostas, existentes até o momento, para explicar a aquisição do parâmetro do movimento-QU no português brasileiro.

#### 2.1 A teoria inatista de aquisição da linguagem

Sabe-se que o inatismo tem como pressuposto básico a capacidade inata do ser humano para a linguagem, já que esta é específica da espécie e independe de quaisquer outros conhecimentos. Com base no pressuposto de que a língua é um sistema de conhecimento interiorizado na mente humana, Chomsky cria o programa de investigação da Gramática Gerativa, cuja principal questão é saber como é que a gramática se desenvolve na mente do

falante e em que base, resgatando assim o **problema de Platão**, que pode ser sintetizado na seguinte pergunta: *Como pode o homem aprender tanto, tendo acesso somente a fragmentos da realidade?* (Chomsky, 1986)

De acordo com a perspectiva racionalista, na qual Chomsky se inscreve, "as propriedades centrais da linguagem são determinadas por princípios e estruturas mentais de conteúdo especificamente lingüístico. (...) essas estruturas mentais pertencem à espécie humana e são geneticamente determinadas" (Raposo, 1992:35-6). Assim, a Gramática Universal (doravante GU) é entendida como o estado inicial  $S_0$ , uniforme a todas as crianças.

Chomsky (1986) trabalha com a concepção de Língua Interna (LI), algo interno à mente, e não com a Língua Externa (LE), algo externo ao falante. Ele adota a perspectiva modular de LI, postulando ser esta autônoma em relação a outros sistemas, embora mantenha com eles uma interação complexa em pontos específicos.

Os fenômenos lingüísticos resultam da interação do módulo da gramática com outros sistemas modulares da faculdade da linguagem, cujo sistema computacional, com base num conjunto de itens lexicais, constrói um par de representações estruturais interpretáveis nas interfaces (cf. Chomsky, 1993). Tais interfaces são denominadas de Forma Fonética (doravante PF, do inglês *Phonetic Form*) e Forma Lógica (doravante LF, do inglês *Logical Form*).

Objetivando resolver o problema lógico de como se define a GU e a LI para que uma criança passe do estado inicial  $S_0$  para o estado final  $S_S$ , a teoria sintática de Chomsky tem passado por várias modificações e encontra-se amparada no modelo de Princípios e Parâmetros (doravante P&P), proposto inicialmente por Chomsky (1981) como teoria de Regência e Ligação (*Government and Binding*), e reformulado como Programa Minimalista (doravante PM) no início dos anos 90. Esse modelo é

composto por um sistema constituído de Princípios, leis universais, invariáveis, que valem para todas as línguas naturais; e de Parâmetros, conjuntos de propriedades de escolha binária<sup>1</sup> que podem variar de uma língua para outra; são comutadores lingüísticos cujo valor final [+ ou 1] ou [- ou 0] só é adquirido durante o processo da aquisição, através da fixação numa das posições possíveis com base no *input* que a criança recebe da comunidade a que está exposta (cf. Chomsky, 1981,1986).

Compreende-se, assim, que num estado inicial de aquisição da linguagem, existiriam duas possibilidades para a posição de um parâmetro encontrar-se ligado: a primeira, numa *posição neutra* (esta independe das duas posições possíveis em que um parâmetro pode ser fixado), através da qual a criança decide, a partir de sua experiência lingüística, se a fixação é feita em <+> ou em <->; a segunda, numa posição não-marcada, pois hipoteticamente é possível que o parâmetro tenha um valor primitivo não-marcado, <+> ou <->, isto é, é possível que o processo de aquisição se inicie em S<sub>0</sub> com o parâmetro fixado em um desses dois valores, mesmo antes de a criança ter sido exposta aos dados de uma língua particular. (cf. Raposo, 1992).

Essa idéia de valor prévio em S<sub>0</sub>, foi desenvolvida em propostas como a de Hayms (1986), de acordo com a qual o parâmetro iniciaria com valor previamente determinado – o valor *default* – para depois ser reajustado no momento da fixação, com a exposição ao *input*. Outra proposta, nessa linha, assumida por Clark e Roberts (1992/1993), foi a denominada “Princípio do subconjunto”, de Berwick (1985). De acordo com esse princípio o valor selecionado pela GU, na ausência de qualquer evidência lingüística, é o valor do parâmetro mais restritivo (o subconjunto) especificado como valor não-marcado (cf. Raposo, 1992 e Galves, 1995).

---

<sup>6</sup> Segundo Meisel (1997), existe também a possibilidade de haver mais de duas opções para o valor do parâmetro.

Dessa forma, no modelo de P&P, a tarefa da criança se restringe a marcar positivamente ou negativamente os parâmetros com base na língua alvo, já que a criança detém um estado de conhecimento anterior a qualquer experiência lingüística.

Apesar de apresentar alguns problemas, o modelo de P&P, segundo Kato (1995:12), propiciou um renascimento do interesse pelo desenvolvimento da sintaxe infantil em tempo real. Recentemente, objetivando responder às questões psicológicas da aquisição em tempo real – como os princípios são ativados; como os parâmetros são definidos; e de que natureza é o conhecimento da criança nas diversas fases do desenvolvimento (cf. Kato, 1999:13) – muitos estudiosos têm pesquisado sobre as categorias funcionais na produção da criança, tentando dar conta de sua presença ou ausência em determinados momentos na aquisição.

A hipótese postulada pelos estudiosos da aquisição da corrente gerativista é que "a sintaxe particular de uma língua é determinada pela sua morfologia e léxico funcional" (Kato, 1995:70). Entretanto, apesar de haver consenso sobre tal hipótese, existem duas tendências antagônicas dentro da mesma teoria lingüística: a maturacionista e a continuísta.

## **2.2 – A hipótese maturacionista**

Esta hipótese defende a existência de uma fase pré-sintática. Os estudiosos dessa tendência postulam que, nessa fase, a linguagem da criança não envolve o conhecimento gramatical, mas somente a competência pragmática; que a aquisição da linguagem comporta certos estados não restringidos pelos princípios da GU; que as gramáticas iniciais podem diferir da gramática da língua alvo ou da gramática núcleo, podendo violar

os princípios da GU; e que a aquisição da linguagem se dá de forma gradual e progressiva, conforme os processos de maturação.

O pressuposto da hipótese maturacional, na formulação de Borer & Wexler (1987), é de que certos princípios maturam. Para esses autores, a criança começa dispondo de certos aspectos da competência gramatical e vai acrescentando outros com o passar do tempo. Pelo fato de a criança não dispor de todos os princípios da GU, como advoga esta hipótese, entende-se que a produção infantil inicial não seja restringida pelos mecanismos da GU, o que faz emergir estruturas não autorizadas pela GU, dando origem a um tipo de gramática “ilegal”. Kato (1999:13) afirma que, por esta teoria (maturação forte), “o que a criança entende ou produz inicialmente não se caracteriza como gramática, assemelhando-se a um *pidgin*.”

Outros maturacionistas, da tendência maturacional mais fraca, a exemplo de Radford (1990), Guilfoyle & Noonan (1988), Lebeaux (1988), defendem a existência de um estágio inicial no desenvolvimento da linguagem da criança, caracterizado pela ausência de categorias funcionais.

Esse estágio inicial é caracterizado, como assinala Kato (1999:13), “como sub-configurações de uma língua-I”. Essa autora diz ainda que, para alguns estudiosos dessa tendência, a criança só dispõe de projeções lexicais (VP, NP, AP, PP), embora Rizzi (1994), *apud* Kato (1999), afirme que as crianças italianas possuem o IP (categoria funcional), mas não dispõem do CP. Para Kato, essa controvérsia indica que os dados das crianças refletem a diferença de *input*.

Essa versão mais fraca da hipótese maturacionista, também chamada de Teoria do Truncamento (cf. Radford, 1990; Guilfoyle & Noonan, 1988), pressupõe que as produções lingüísticas nos vários estágios da aquisição constituem gramáticas possíveis do ponto de vista da GU e assim não há lugar para gramáticas ilegais. Nessa versão, os princípios da GU estão disponíveis para a criança desde o início da aquisição, mas as categorias

funcionais são os elementos que dependem de um processo de maturação, que se desenvolve segundo um programa determinado pela GU.

Para Radford (1990), as primeiras realizações de crianças com idade entre 12 e 18 meses são consideradas como acategoriais. Conforme esse autor, nessa fase, que compreende o estágio de uma palavra, as produções da criança não têm propriedades sintáticas.

Somente num estágio posterior, denominado por Radford (1990) de estágio léxico-temático (18 a 24 meses), caracterizado como pré-funcional, as estruturas produzidas pelas crianças mostram evidências de desenvolvimento de sistemas de categorias lexicais, como o uso produtivo de flexões nominal (plural) e verbal (gerúndio e particípio) e a correta distribuição dos itens lexicais, mas nenhuma evidência de sistemas de categorias funcionais como, por exemplo, o uso produtivo das flexões de tempo e concordância.

Para o autor, portanto, as crianças entre 18 e 24 meses, no estágio pré-funcional ou léxico-temático, apresentam apenas as categorias lexicais (NP, VP, AP, PP), mas não apresentam evidências de categorias funcionais (CP, IP, DP).

Radford defende que, nesse período, as estruturas de frases das crianças se assemelham a "*Small Clause*" do adulto, por não possuírem o sistema CP, nem apresentarem o sistema IP, responsável por certas características encontradas na gramática do adulto, mas ausentes na gramática da criança, tais como: a utilização dos modais, o emprego da partícula *to* que indica infinitivo em inglês, e o uso de formas verbais flexionadas.

## 2.3 – A hipótese continuísta

A segunda tendência, a continuísta, postula, por sua vez, que desde o início as crianças apresentam uma estrutura sintática que se conforma com os princípios e/ou com as categorias que regem a gramática do adulto. Continuístas (como Clahsen, 1992; Bloom 1993, Hayms & Wexler, 1993; Pinker, 1984; Hyams, 1986) defendem que as categorias funcionais estão presentes na gramática da criança desde o começo. Kato (1999), ao lado desses autores, defende que a gramática da criança, em todas as suas fases, é uma gramática de línguas naturais, com todos os princípios ativados, embora seus enunciados apareçam truncados por problemas de processamento ou de desconhecimento de itens lexicais.

Para os continuístas, o problema de desenvolvimento é resolvido em termos da “hipótese da aprendizagem”, de acordo com a qual as mudanças que ocorrem na gramática da criança têm sua causa em fatores como aumento de memória e capacidade de processamento. Assim é que de acordo com a hipótese continuísta, a GU é o único fator responsável por restringir as gramáticas infantis intermediárias, enquanto que o processo de aquisição da linguagem é direcionado essencialmente pela mudança de percepção da evidência externa pela criança.

Partindo do pressuposto de que toda produção da criança deriva de possibilidades autorizadas pela GU, a hipótese da continuidade trabalha com a idéia de que, no início da aquisição, os parâmetros estão marcados na GU como uma opção *default* (cf. Hayms, 1986), já mencionada na seção anterior. Essa idéia procura garantir que a criança seja capaz de atuação lingüística exclusivamente dentro das opções da GU, mesmo antes de identificar qual escolha é adequada como parâmetro na sua língua.

Segundo Kato (1995:70), a aparente fase léxico-temática oculta, na visão dos continuístas, categorias funcionais, visíveis em certas regularidades na produção da criança. A autora explica que, no francês, o verbo sobe para a categoria I (Flexão) quando a sentença é finita e permanece em VP quando o modo é infinitivo. Então, a diferença de posição da negação seria uma pista para dizer se há ou não a categoria I na gramática da criança. A alternância entre “*pas manger*” e “*manger pas*” na fala da criança seria, de acordo com essa explicação, indício da presença de I na estrutura.

Em outro trabalho, essa autora afirma que “todos os comportamentos aparentemente deficitários da criança, na fase da gramática emergente, em relação aos do adulto, podem ser explicados pela escolha do valor do parâmetro que produza derivações mais econômicas: movimentos encobertos, movimentos mais curtos quando necessários” (Kato, 1999:13).

No que se refere aos sistemas de categorias funcionais D, I e C primários, a autora argumenta que se a gramática emergente não tem D nem I, nem C, os nominais não têm referência e são meros predicados, os enunciados não podem ser verdadeiros nem falsos e nem podem ser interpretados como asserções ou perguntas e, em consequência, a sintaxe da criança não teria forma lógica. Assim, partindo do pressuposto de que os movimentos visíveis em algumas línguas ocorrem de forma invisível (na forma lógica) em outras línguas, a autora propõe o mesmo para as gramáticas emergentes e defende que as categorias funcionais necessárias para a interpretação dos enunciados estão presentes desde o início: D, I, C, Neg (cf. Kato, 1999:15).

Na próxima seção, apresento as discussões gerativistas que vêm sendo travadas ao longo de duas décadas, buscando compreender e definir o parâmetro do movimento-QU, para, nas seções seguintes, tratar de propostas de aquisição desse parâmetro em PB.

## 2.4 - O parâmetro do movimento-QU

De acordo com proposta de Cheng (1991), o parâmetro do movimento-QU distingue tipologicamente as línguas. A autora propõe que as línguas naturais são separadas, primeiramente, em dois grupos: línguas de *QU in situ*, que nunca efetuam o movimento do elemento-QU, e línguas de *QU deslocado*, que nunca deixam o elemento-QU em sua posição argumental. Um outro tipo de língua também é analisado pela autora, que é o caso de línguas que apresentam o elemento-QU *in situ* apenas opcionalmente. Essa idéia de opcionalidade para o movimento do elemento-QU, na sintaxe visível, é adotada por Kato e Raposo (1994), que propõem uma análise para algumas interrogativas do português brasileiro semelhante à análise de Cheng (1991) para o *QU in situ* opcional.

Tanto no modelo de Regência e Ligação quanto no modelo Minimalista da teoria de Princípios e Parâmetros a idéia básica sobre o parâmetro do movimento-QU na sintaxe visível é que o elemento-QU é movido para a posição de especificador da categoria funcional CP ([Spec, CP]) nas línguas marcadas por [+ movimento-QU]. A diferença entre os dois modelos está na motivação para esse movimento. Em GB, o movimento-QU era explicado basicamente pela necessidade de determinação de escopo. Já para o modelo Minimalista as operações de movimento-QU, assim como as demais operações de movimento, acontecem por causa da necessidade de checagem de um traço forte que será, em seguida, eliminado.

A motivação do movimento-QU, em GB, tem a ver, assim, com a natureza de operador do elemento-QU, e seu ponto de pouso<sup>7</sup> com a

---

<sup>7</sup> Outras categorias, além do CP, foram consideradas como ponto de pouso para o operador-QU. Começaram a surgir, a partir do final dos anos 80, várias análises propondo projeções funcionais entre IP e CP, como FP (cf. Uriagereka (1992), Raposo (1994), Rizzi (1997) e Boskovic (1998)). Para o caso do PB, Sikansi (1999) postula que há um contraste entre *QU in situ* e *QU deslocado* por estar o último numa posição focal (FP).

necessidade de determinação de escopo. De acordo com a proposta de Chomsky e Lasnik (1991), os elementos-QU têm propriedades de *operadores lógicos* e devem se mover para uma posição de escopo apropriada, ou seja, sua natureza de operador os levaria ao movimento para a posição [Spec, CP].

Essa operação de movimento de elementos interrogativos, denominada *Mover- $\alpha$*  em GB, é definida como uma operação que permite movimentos cíclicos sucessivos, formando uma cadeia “operador-variável” entre o elemento movido e seus vestígios *t* (de *trace*, do inglês). Esses vestígios são o *vazio* fonológico que, em muitas línguas, permanece no lugar do elemento interrogativo movido. Semanticamente, esses vestígios representam uma *variável lógica*, cujo valor é interpretado pelo elemento movido (*um operador lógico*) nessa posição (cf. Kato *et alii*, 1996).

No PM o tipo oracional – *QU deslocado* ou *QU in situ* – é determinado pelos traços formais da categoria funcional C. Segundo Chomsky (1995:289), a variação visível nas línguas, em relação às interrogativas, decorre do fato de elas terem ou não traço **Q** (marca de *question*) forte. Se uma língua não tem **Q** forte não apresenta alçamento (operação atrair/mover) de elemento-QU em nenhum momento. A língua que tem traço **Q** forte deve checá-lo antes de *Spell-Out*, ou seja, haverá movimento visível do elemento-QU para o CP, na periferia esquerda da cláusula.

Com relação ao fenômeno do *QU in situ*, este é tratado, em GB, a partir de duas perspectivas. Uma parte de estudos que caracterizam o *QU in situ* como envolvendo movimento coberto de operador interrogativo para uma posição periférica à esquerda da cláusula, tanto na sintaxe visível quanto em LF (cf. Huang (1982), Rizzi (1990), Watanabe (1991)). A outra perspectiva parte de estudos que questionam a idéia de movimento universal de operador interrogativo em LF (cf. Pesetsky (1987), Fiengo *et al* (1988)).

Os trabalhos da primeira perspectiva tomam o movimento-QU como um princípio universal – todas as línguas realizam essa operação, as que não realizam de forma visível a realizam no componente semântico. Já os trabalhos da segunda perspectiva buscam explicações alternativas para o fenômeno do *QU in situ*, chegando a questionar, em alguns casos, a natureza de *operador* do elemento-QU, para algumas línguas.

Nas primeiras versões do PM (Chomsky, 1993, 1994), o *QU in situ* é tratado dentro da perspectiva de movimento de operador em LF para uma posição de escopo. Essa perspectiva é depois abandonada por Chomsky (1995:291), de acordo com o qual, em línguas com Q fraco, o elemento-QU se mantém *in situ* em PF e em LF. Essas línguas empregam, possivelmente, uma estratégia de interpretação alternativa para a construção Q [... *QU*...], interpretando-a, talvez, de modo semelhante à ligação não-seletiva.

Para o caso do PB, encontram-se na literatura diferentes propostas de marcação desse parâmetro, pautadas nessa longa discussão que vem sendo travada desde os primeiros anos da teoria gerativa. O grande pivô da indefinição e surgimento de propostas tão variadas para esse parâmetro no caso do PB é a forma muito peculiar de realização do tipo *QU in situ* de interrogativas nessa língua. Essas várias propostas para definição do valor desse parâmetro em PB procuraram fundamentar-se nas avaliações da natureza (de operador ou quantificador) do elemento-QU, na possibilidade de pouso numa categoria focal para o elemento-QU movido, ou na possibilidade de movimento livre (ou não) entre os tipos de interrogativas com *QU deslocado* e *QU in situ*. Essas propostas apresentam, então, pelo menos quatro possibilidades de marcação do valor desse parâmetro em PB: [-movimento-QU], [+movimento-QU] e [ $\pm$ movimento-QU]; e ainda a possibilidade de não-marcação.

Para Lopes-Rossi (1996), que se fundamenta em propostas como a de Fiengo *et al* (1988), o parâmetro do movimento-QU em PB é negativo. A

autora parte da hipótese de que o elemento-QU em PB seria um quantificador e não um operador, e, por isso, o que ocorreria no caso de movimento do elemento-QU em PB seria um alçamento de quantificador e não um movimento de operador interrogativo. Portanto, esse parâmetro em PB seria [-movimento-QU].

Sikansi (1999), propondo que as interrogativas *QU in situ* em PB aproximam-se das chamadas perguntas-eco (que ocorrem inclusive em línguas que não apresentam o tipo *QU in situ* como o inglês) e que o ponto de pouso de *QU deslocado* seria uma categoria focal entre IP e CP, acredita que esse parâmetro seja marcado em PB como [+ movimento-QU].

Grolla (2000), por sua vez, procurando explicar o processo de aquisição das interrogativas-QU em PB, sem entrar em nenhuma das discussões a respeito da natureza ou ponto de pouso de elemento-QU, apresenta como possibilidade de marcação para o referido parâmetro a opção [ $\pm$ movimento-QU], que sugere liberdade de movimento do elemento-QU.

Hornstein, Nunes e Grohmann (2001), dentro de uma perspectiva minimalista, rechaçam essa idéia de que em PB haveria liberdade para o movimento-QU. Segundo os autores, o que há em PB são dois  $C^0$  matrizes interrogativos nulos: um com traço forte e outro com traço fraco. Assim, a opcionalidade entre os tipos *QU deslocado* e *QU in situ* em PB seria ilusória porque para cada uma dessas opções estaria associado um  $C^0$  diferente. Dessa maneira, o  $C^0$  da cláusula em (1a) teria traço-QU forte, que dispararia o movimento aberto, e o  $C^0$  da cláusula em (1b) teria traço-QU fraco e por esse motivo o elemento-QU permanece *in situ*.

- (1) a. Que livro você disse que ela comprou?  
b. Você disse que ela comprou que livro?

(Hornstein *et al*, 2001:11)

O elemento-QU também teria um traço-QU forte, que dispararia movimento aberto obrigatório, para os seguintes casos do PB:

a) cláusulas com complementizador *que* foneticamente realizado:

- (2) a. *Como* que Você consertou o carro?  
b. \**Que* você consertou o carro *como*?

(Hornstein *et al*, 2001:11)

b) cláusulas com complementizador interrogativo encaixado nulo ou foneticamente realizado:

- (3) a. Eu perguntei *como* (que) você consertou o carro.  
b. \*Eu perguntei (que) você consertou o carro *como*?

(Hornstein *et al*, 2001:11)

c) cláusulas com elementos-QU inerentemente *non-D-linked*<sup>8</sup> :

---

<sup>8</sup> Essa classificação, que se fundamenta em Pesetsky (1987), estabelece uma ligação entre determinados elemento-QU *in situ* e o discurso. Apresentando evidências em casos do inglês, do japonês e do polonês, o autor propôs que haveria dois tipos de *QU in situ*: um que se moveria em LF, tendo propriedades de operador, e outro que não seria movido em LF porque não seria operador, mas apenas um quantificador. Pesetsky (1987) retomou as interpretações do escopo de *QU in situ* de Baker (1970) e Chomsky (1976) e estabeleceu uma relação entre a discussão do *QU in situ* e a discussão dos indefinidos de Heim (1982), para propor diferentes fatores de determinação de escopo pelos dois tipos de *QU in situ* propostos por ele. De acordo com Baker (1970) o escopo de elementos-*QU* deslocados ou *in situ* seria representado pela coindexação com um morfema Q existente no Comp de cláusulas interrogativas. Já a proposta de Chomsky (1976) consiste em considerar uma regra de Movimento-QU no nível de LF também para *QU in situ*; assim, o escopo do elemento-*QU* dependeria do ponto de pouso. Segundo Pesetsky (1987), uma parte dos elementos-QU pode ser analisada de acordo com a proposta de movimento de Chomsky (1976) – os “*non-D(iscourse)-linked*” – que não estariam relacionados a um discurso prévio e têm características de quantificadores (*who, what, why, how*). A outra parte dos *QU in situ* – os “*D(iscourse)-linked*” – estariam ligados previamente no discurso e teriam escopo semelhante ao dos indefinidos (é o caso de *which*). Esses últimos seriam tratados como na proposta de Baker (1970). O efeito de Subjacência em LF dependeria, segundo o autor, da ligação no discurso (*D-linking*). O elemento-*QU* do tipo *non-D-linked* não obedeceria ao efeito de Subjacência em LF, enquanto que o elemento-*QU* do tipo *D-linked*, que proíbe o *pied-piping*, sim. Assim, todo elemento-*QU non-D-linked* se moveria para uma posição-A’ (ou seja, para [Spec, CP]), em Estrutura-S, mas o *D-linked* deveria permanecer *in situ*, também em LF.

- (4) a. *Que diabo* você bebeu?  
b. \*Você bebeu *que diabo*?

(Hornstein *et al*, 2001:11)

Por último, Sell (2001), considerando a impossibilidade de qualquer uma das três hipóteses de marcação do parâmetro do movimento-QU citadas acima, cada uma por um motivo específico, e considerando a possibilidade da existência de dois  $C^0$  matrizes interrogativos nulos no PB, como proposto por Hornstein *et al* (2001), propõe que o parâmetro do movimento-QU em PB não seria marcado nem positivamente nem negativamente, ou seja, esse parâmetro seria não-marcado em PB.

Os estudos de aquisição de interrogativas-QU em PB apresentam propostas variadas tanto para a opção desse valor, como acabamos de ver, quanto para o processo de marcação do valor desse parâmetro. Esses estudos procuram explicar um fenômeno, que se repetiu nos *corpora* de tais pesquisas, que é aquisição tardia do tipo *QU in situ* de interrogativas. Abaixo apresento as propostas de Sikansi (1999), Grolla (2000) e Sell (2001) para aquisição do parâmetro do movimento-QU em PB.

## **2.5 – A aquisição de interrogativas-QU em PB segundo Sikansi (1999)**

Pelo fato de ter encontrado em dados empíricos de aquisição do PB um fenômeno de aquisição tardia de *QU in situ*, Sikansi (1999) contesta a hipótese de Lopes-Rossi (1996) de que o parâmetro do movimento-QU em PB seria negativo. A autora alega que, se a marcação desse parâmetro fosse

[-movimento-QU] como propõe Lopes Rossi (1996), deveriam observar-se nos dados de aquisição, desde o início, ambas as estruturas – *QU deslocado* e *QU in situ* – que seriam compatíveis com o novo parâmetro de movimento-QU proposto por ela.

Então, Sikansi (1999) procura explicação para a aquisição tardia de *QU in situ*, assumindo a hipótese de Prince (1985), de acordo com a qual certos tipos de construções sintáticas podem desempenhar funções cognitivas específicas. Sikansi (1999) parte, assim, do pressuposto de que, em PB, a posição em que o elemento-QU ocorre na cláusula – deslocado ou *in situ* – obedece a restrições semântico-pragmáticas.

Com base em *corpora* constituídos por dados orais de três crianças paulistas (Gabriela (G.); Raquel (R.) e André (A)), dados de programas de televisão e dados do NURC/SP, Sikansi (1999) defende hipótese que aproxima as interrogativas do tipo *QU in situ* das chamadas perguntas-eco<sup>9</sup>, postulando que as interrogativas do tipo *QU in situ* aconteceriam em contextos em que é pressuposto que o falante possui o conhecimento necessário para atribuir um valor para o elemento interrogativo. De acordo com essa proposta, *QU deslocado* e *QU in situ* em PB ocorreriam em contextos pragmáticos diferentes – *QU in situ* teria como base informação prévia de que o interlocutor poderá responder à pergunta feita e *QU deslocado* não.

Para construir sua hipótese para aquisição de interrogativas-QU a autora parte da proposta de Cheng (1991). Como explica Sikansi, de acordo com a referida proposta, a criança adquirindo línguas como o japonês (de elemento *QU in situ* e partícula-QU (partícula interrogativa)), assim que

---

<sup>9</sup> A diferença entre as interrogativas com *QU in situ* e as perguntas-eco, segundo Sikansi (1999), é que no caso das últimas a evidência em que o falante se apóia para construir a sua pergunta com o elemento *QU in situ* consiste de uma cláusula previamente produzida pelo seu interlocutor.

F1: Eu fui ao shopping center ontem.

F2: Você foi **onde** ontem?

F1: Eu fui ao **shopping center**.

percebe que aquela língua possui uma partícula-QU nas sentenças polares (sim/não), assume a existência dessas partículas, independentemente do fato de escutá-las ou não. Em línguas como o inglês não há nenhuma evidência para a criança postular a existência da partícula-QU nas sentenças interrogativas. Isto é, a criança usa a partícula-QU como evidência positiva para fixar o parâmetro [-movimento-QU] na sua língua.

Assim, Sikansi (1999) explica que, como não existe essa partícula em PB, o parâmetro de movimento-QU é marcado positivamente nessa língua e caberá à criança, adquirindo o PB, aprender em que situações específicas ela pode deixar o elemento-QU *in situ* nas interrogativas e em que contextos pragmaticamente restritos ocorre a estrutura *QU in situ*.

Pode-se perguntar, porém, como é que ocorre *QU in situ* em PB, se o valor do parâmetro do movimento-QU for positivo nessa língua. A previsão da autora é que, em PB, as interrogativas do tipo *QU in situ* ocorrem da mesma maneira que essa estrutura ocorre em línguas nas quais *QU in situ* aparece somente nas perguntas-eco, como o inglês.

Para a autora, contrariamente ao que propõe Lopes-Rossi (1996), não houve em PB uma alteração diacrônica de marcação do referido parâmetro de positivo para negativo, nem esse fenômeno estaria por acontecer. Para ela a ocorrência do elemento-QU, em PB, deslocado e *in situ*, não caracteriza uma situação de variação livre, porque cada uma das duas opções está relacionada a contextos pragmáticos específicos.

A autora propõe, assim, que existe um contraste entre as interrogativas com *QU deslocado* e *QU in situ* em PB. Para explicar esse contraste, a autora toma como base a idéia de que o elemento-QU estaria associado a *foco* porque este equivaleria a parte não pressuposta da cláusula, e assume, com base em Martins (1994) e Kato & Raposo (1994), que o elemento-QU *deslocado* ocorreria, em PB, numa projeção intermediária entre CP e IP, a saber, FP (*Focus Phrase*).

Assim, segundo a autora, o fato de o elemento-QU *deslocado* se encontrar numa posição focal faz com que o falante não assuma como certo que o seu interlocutor tem condições de lhe fornecer o valor da variável que substitui o elemento-QU em sua posição de origem. Por outro lado, nas interrogativas com *QU in situ* o falante assume tacitamente que o ouvinte tem como responder adequadamente à pergunta que lhe foi feita. Exemplificando essa idéia, Sikansi (1999) explica que a cláusula (5) abaixo é uma resposta perfeitamente possível para uma pergunta como (6) – com elemento-QU *deslocado* –, mas é, no mínimo, uma resposta muito estranha para a interrogativa em (7), que apresenta *QU in situ*.

(5) Eu não telefonei pra ninguém.

(6) **Pra quem** você telefonou?

(7) Você telefonou **pra quem**?

(Sikansi, 1999:46)

Portanto, para Sikansi (1999), o fato de as crianças adquirindo o PB apresentarem aquisição tardia de interrogativas do tipo *QU in situ*, e não juntamente com *QU deslocado*, que aparece desde o início do processo, é indício de que o parâmetro do movimento-QU em PB é positivo e não negativo e, que a aquisição tardia de *QU in situ* pode ser justificada, se consideramos que as crianças precisam aprender em que contextos pragmáticos específicos *QU in situ* é realizado.

## 2.6 – A aquisição de interrogativas-QU em PB segundo Grolla (2000)

Em trabalho que trata do fenômeno de aquisição de toda a periferia esquerda da cláusula e não apenas das interrogativas-QU, Grolla (2000) apresenta uma explicação para o caso da aquisição tardia de *QU in situ* (fenômeno também encontrado por ela no *corpus* de sua pesquisa), buscando motivações internas ao  $C_{HL}$  (Sistema computacional humano). A autora acredita que a criança precisa perceber a possibilidade de não realização de movimento de elementos-QU via percepção de não realização de movimento em construções com um resumptivo especial.

A autora investiga a aquisição dos fenômenos lingüísticos que compõem a periferia esquerda da cláusula, analisando dados longitudinais/observacionais da fala de uma criança (N.), no período dos 2 aos 4 anos de idade, e divide esse período em 4 fases, de acordo com as conquistas aquisicionais que paulatinamente, segundo a autora, N. vai fazendo nesse período. Da descrição apresentada, faço referência aqui apenas ao que interessa ao presente trabalho, aquisição das interrogativas-QU:

- a) Primeira fase – (dos 2;1 aos 2;3) caracterizada como “o início”, período quase letárgico por apresentar baixíssimo número de ocorrências de interrogativas-QU (5 ocorrências), com apenas dois tipos de elementos-QU (*que e cadê*);
- b) Segunda fase – (dos 2;4 aos 2;7) caracterizada como fase dos primeiros avanços, período em que há uma maior atividade, aparecendo mais elementos-QU (*onde, por que, o que e quem*);
- c) Terceira fase – (dos 2;8 aos 3;0) caracterizada como fase de maiores sofisticacões lingüísticas, de intenso aprimoramento,

aparecendo nessa fase, os primeiros casos de complementizador abertamente realizado (*QU que*);

- d) Quarta fase – (dos 3;1 aos 4;0) caracterizada como fase bem próxima à gramática alvo, período em que aparecem as estruturas *QU é que* e *QU in situ*.

Considerando que a estrutura *QU in situ* é abundante no *input* (com base em dados do NURC/SP<sup>10</sup> apresentados por Lopes-Rossi (1996)) e que por isso o fenômeno de aquisição tardia de *QU in situ* por crianças aprendendo o PB é caso excepcional, Grolla (2000) procura a razão para esse fenômeno numa suposta vinculação entre a estrutura *QU in situ* e outro fenômeno lingüístico. Segundo a autora, a aquisição de *QU in situ* acontece tardiamente porque a aquisição desse tipo de interrogativa, em PB, está atrelada a aquisição de um resumptivo especial (*Pro<sub>especial</sub>*). Assumindo a teoria de *pistas*, de Lightfoot (1999), e tomando como base também a proposta de Cheng (1991), Grolla (2000) constrói hipótese de acordo com a qual um resumptivo, o *Pro<sub>especial</sub>*, serve de *pista* para aquisição do elemento-*QU in situ*.

A autora explica que a variação aparentemente livre entre lacunas e pronomes resumptivos não é na realidade uma variação entre *movimento/ inserção de pronome resumptivo*, mas, em vez disso, uma variação entre *pronome resumptivo nulo/pronome resumptivo lexical*.

Em (8a) e (8b) abaixo se observa que nesta cláusula não é permitido que um pronome seja substituído pela lacuna. Neste caso, os pronomes resumptivos salvam as construções da agramaticalidade, o que está, segundo

---

<sup>10</sup> A autora apresenta quadro de ocorrências das interrogativas-QU nos *corpora* com os seguintes números:

- NURC/SP: *QU deslocado* (29%); *QU que* (21%); *QU é que* (37,5%); e *QU in situ* (12,5%).
- Programas de TV: *QU deslocado* (30%); *QU que* (19%); *QU é que* (18,6%) : e *QU in situ* (32,4%).
- Dados da criança (N.): *QU deslocado* (66%); *QU que* (29,4%); *QU é que* (2,9%) : e *QU in situ* (1,7%).

a autora, plenamente de acordo com a hipótese de que os pronomes resumptivos são *estratégia de último recurso*.

(8) a. Que menina<sub>i</sub> que você falou com *ela*<sub>i</sub> ontem?

b. \* Que menina<sub>i</sub> que você falou com \_\_\_<sub>i</sub> ontem?

Grolla (2000:66)

A autora continua explicando que, embora a omissão de todo PP, que é uma estratégia bastante freqüente em PB, seja uma forma de tornar gramatical estas construções, como em (9) abaixo, não se pode assumir que o sintagma preposicional está sendo movido para o SpecCP, porque o elemento-QU é um DP, enquanto que o verbo seleciona um PP. Um outro argumento apresentado pela autora é que esse tipo de estrutura pode ser encontrado em ilhas confirmando a ausência de movimento, como em (10a). Então, para a autora, as lacunas em (9) e (10a) correspondem a um pronome nulo com algumas propriedades peculiares, que ela trata por nulo especial (ou Pro<sub>especial</sub>).

(9) Que menina<sub>i</sub> que você falou \_\_\_<sub>i</sub> ontem?

(10) a. Esse livro<sub>i</sub>, o João conversou com a menina que disse que  
gostou \_\_\_<sub>i</sub>

b. \*Esse livro<sub>i</sub>, o João conversou com a menina que disse que  
gostou ele<sub>i</sub>

Grolla (2000:66 e 67)

Segundo a autora comparando-se (10a) com (10b), que é agramatical, verifica-se que esta categoria vazia especial não alterna com um pronome resumptivo aberto.

Para o caso de resumptivos em posição de objeto direto, a autora demonstra que a lacuna presente nesses casos não corresponde a um vestígio deixado por movimento, pois essa lacuna pode aparecer dentro de ilhas, como em (11) abaixo. Baseando-se nessa evidência, Grolla (2000) trata as lacunas em posição de objeto direto como pronomes resumptivos nulos (um *pro*)

(11)a. Esse livro<sub>i</sub>, eu conheço [uma menina que já leu \_\_\_<sub>i</sub> dez vezes].

b. Esse livro<sub>i</sub>, eu conheço [uma menina que já leu **ele**<sub>i</sub> dez vezes].

Grolla (2000:67)

No caso de pronome resumptivo em posição de sujeito, a autora assume a proposta de Kato (1993) e Kato *et alii* (1996), para explicar que também neste caso não há paralelismo entre *movimento/ inserção de pronome resumptivo*, mas entre *pronome resumptivo nulo/ pronome resumptivo lexical*, pois as cláusulas envolvendo lacunas são derivadas via movimento de dentro do TP para a periferia esquerda, enquanto que as cláusulas contendo um pronome resumptivo são derivadas de suas respectivas estruturas contendo um deslocado à esquerda (LD), como demonstrado abaixo.

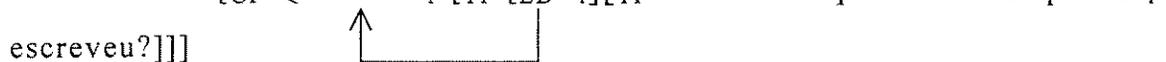
(12) a. Que menino<sub>i</sub> você acha que ele<sub>i</sub> ganhou o campeonato?

b. [<sub>CP</sub> Que menino<sub>i</sub> [<sub>TP</sub> [<sub>LD</sub> t<sub>i</sub>] [<sub>TP</sub> você acha que ele<sub>i</sub> ganhou o campeonato]]]      ↑

- (13) a. Que menino<sub>i</sub> você acha que \_\_<sub>i</sub> ganhou o campeonato?  
b. [CP Que menino<sub>i</sub> [TP você acha [CP t<sub>i</sub> que [TP \_\_<sub>i</sub> ganhou o campeonato]]]]
- 
- The diagram shows two upward-pointing arrows. The first arrow starts from the trace  $t_i$  in the inner CP and points to the CP of the outer CP. The second arrow starts from the empty category  $__$  in the inner TP and points to the TP of the outer TP.

Grolla (2000:69 e 70)

Assim, Grolla (2000) demonstra que (13a), cuja estrutura é (13b) assim como (12a), cuja estrutura é (12b) são construções com pronomes resumptivos, derivadas de estruturas contendo elemento deslocado à esquerda. A gramaticalidade de (13a) prova, para a autora, que a categoria vazia, nesse caso, não é uma lacuna resultante de movimento, mas um resumptivo nulo. Já em (14a) a categoria vazia é uma lacuna derivada de movimento de dentro do TP, como demonstrado em (14b). A agramaticalidade de (14a) indica, de acordo com a explicação da autora, que cláusulas com uma lacuna são derivadas por movimento dentro do TP, diferindo de sua contraparte com pronome resumptivo.

- (14) a. \* Que autor<sub>i</sub> o João comprou [o livro que \_\_<sub>i</sub> escreveu]?  
b. [CP Que autor<sub>i</sub> [TP [LD t<sub>i</sub>][TP o João comprou o livro que ele<sub>i</sub> escreveu?]]]
- 
- The diagram shows an upward-pointing arrow starting from the trace  $t_i$  in the LD and pointing to the LD.

Grolla (2000:69)

Dessa maneira, baseando-se na hipótese de que pronomes resumptivos são estratégias de “último recurso” e em análises que mostram que a estratégia de uso de resumptivos em dependências-A’ em PB não alteram estratégias de movimento, a autora assume que cláusulas como as acima analisadas ((9), (10a), (11a), (13a)) e como (15) abaixo possuem uma categoria vazia especial, que não possui conectividade categorial com o

elemento-QU (ou tópico) presente na periferia esquerda co-referente a ela. Essa ausência de conectividade levou a autora a assumir que nestas construções não há movimento de elemento-QU (ou tópico) para a periferia esquerda da cláusula, sendo esse elemento gerado na base na posição de Spec FocP (ou TopP, no caso do tópico)

- (15) a. Quem você gosta ( $pro_{especial}$ )?  
b. O que você vai precisar ( $pro_{especial}$ ) pra fazer o bolo?  
c. Esse livro eu vou precisar ( $pro_{especial}$ ) pra semana que vem?  
d. O João eu gosto ( $pro_{especial}$ ).

Grolla (2000:86)

Então, com base na teoria de pistas supracitada, Grolla (2000) apresenta a seguinte explicação para o processo de aquisição de interrogativas-QU em PB. A marcação do parâmetro de elemento-QU *in situ* em línguas que possuem apenas elemento-QU *in situ* se dá através da identificação por parte da criança de uma *pista* (uma partícula-QU existente nessas línguas) que preenche o C°. Como em PB não existe essa partícula, pelo menos na sintaxe visível, a criança não encontra a *pista* para marcação do elemento-QU *in situ*. Não encontrando essa *pista* a criança adquirindo o PB faz a marcação de [+movimento-QU]. A marcação *QU in situ* aconteceria num momento posterior, quando a marcação desse parâmetro seria alterada com o aparecimento do  $Pro_{especial}$ .

A existência do resumptivo  $Pro_{especial}$ , conforme assume a autora, significa que o DP e o tópico na periferia esquerda da cláusula não são resultados de movimento, são gerados na base, pois os verbos *precisar* e *gostar* (exemplo (8) acima) subcategorizam PPs e não DPs. Esse fenômeno

faria a criança questionar o parâmetro [+movimento-QU], uma vez que ela está diante de estruturas que não foram geradas via movimento. A criança, que até o momento era “surda”<sup>11</sup> para construções com *QU in situ*, ao notar que a marcação do parâmetro [+movimento-QU] pode estar equivocada, ou incompleta, passa a analisar as construções com *QU in situ* e se vê diante de duas possibilidades – mover o elemento-QU ou deixá-lo *in situ*. Assim, a criança muda a marcação desse parâmetro, tornando-o [+movimento-QU], isto é, o *pro*<sub>especial</sub> funcionaria como *pista* para aquisição do parâmetro de [+movimento-QU], em PB. Esse processo justificaria, para a autora, o fato de a aquisição inicial de elemento-QU ser de elemento-QU *deslocado*, aparecendo *QU in situ* só mais tarde.

Dessa maneira, para Grolla (2000), o padrão encontrado na fala da criança pode ser tomado como indício de que os pronomes resumptivos em PB realmente se qualificam como uma estratégia de último recurso e fornece argumento favorável à análise que classifica o PB como uma língua de traço QU forte opcional.

## 2.7 A aquisição de interrogativas-QU segundo Sell (2001)

Discutindo os trabalhos de Sikansi (1999) e Grolla (2000), Sell (2001) chama atenção para a possibilidade de dados de aquisição de interrogativas-QU referentes a dialetos nordestinos apresentarem resultados

---

<sup>11</sup> A autora não deixa claro por que razão a criança ficaria “surda” para a estrutura *QU in situ*. Provavelmente a criança não ficou “surda” para estruturas como *QU deslocado*, uma vez que *QU deslocado* não foi adquirido tardiamente, pelo contrário. Essa “surdez” parece ser o fator que impede a aquisição da estrutura *QU in situ* em momento anterior (juntamente com *QU deslocado*, por exemplo). Se este é o caso, por que razão essa “surdez” só atingiu a estrutura *QU in situ* e não atingiu nem a estrutura *QU deslocado* nem as demais?

diferentes dos encontrados por essas autoras. Isto porque, embora Sell (2001) não tenha apresentado nenhum dado, segundo ela, o dialeto falado em Maceió/Alagoas, por exemplo, apresentaria uso mais acentuado de *QU in situ* do que de *QU deslocado*. E no caso de situações como em (5, 6 e 7) acima, para falantes do dialeto nordestino a pergunta em (7) seria adequada à resposta em (5) tanto quanto a pergunta em (6), diferentemente do que observou Sikansi (1999) nos dados por ela analisados. Mas, partindo dos dados das duas pesquisas mencionadas e considerando o fenômeno de aquisição tardia da estrutura *QU in situ* em PB, apresentado por esses dados, a autora contesta os resultados dos trabalhos de Sikansi (1999) e Grolla (2000) e apresenta nova proposta.

Sell (2001) levanta muitas questões sobre a proposta de Sikansi (1999). Para Sell (2001) não é possível considerar que *QU in situ* e perguntas-eco tenham a mesma estrutura, pois, mesmo línguas que não possuem *QU in situ*, como o inglês, apresentam perguntas-eco. Segundo a autora, uma pergunta-eco só ocorreria em situações muito específicas e com uma entonação peculiar, numa situação em que o ouvinte retoma o discurso do falante; já as interrogativas do tipo *QU in situ* apareceriam tanto em contextos (pragmáticos) semelhantes aos das perguntas-eco quanto em contextos (pragmáticos) semelhantes aos das perguntas do tipo *QU deslocado*.

Uma outra crítica da autora à proposta de Sikansi (1999) é dirigida à idéia de que “no caso das perguntas com elemento-*QU in situ* o falante não assume como certo que o seu interlocutor tem condições de lhe fornecer o valor da variável que substitui o elemento-*QU* em sua posição de origem, por não está esse elemento numa posição focal”. Para Sell (2001), sempre que uma pergunta é feita, espera-se que o interlocutor saiba preencher o vazio que o elemento-*QU* ocupa, independentemente da posição que este ocupe na sentença.

E uma terceira crítica da autora a Sikansi (1999) dirige-se a sua proposta de marcação positiva do parâmetro do movimento-QU em PB. Segundo Sell (2001), se o valor desse parâmetro fosse positivo em PB, não poderia haver nessa língua a estrutura *QU in situ*.

Em relação à proposta de Grolla (2000) a maior crítica feita por Sell (2001) diz respeito à análise dos dados, que resulta numa interpretação de que haveria um “largo” uso do tipo *QU in situ* no *input* (tomado como referente ao PB), constituído por dados do NURC/SP e de programas de TV. Reanalisando esses dados, Sell (2001) soma os percentuais de ocorrências dos tipos *QU que* e *QU é que* ao percentual do tipo *QU deslocado*, considerando que há deslocamento do elemento-QU para o CP também nesses dois tipos de estrutura, e confronta esse novo percentual de *QU deslocado* com o percentual do tipo *QU in situ*. Os números dessa reanálise são os seguintes: nos dados do NURC/SP o tipo *QU deslocado* tem uma frequência de 87,5% contra a frequência de 12,5% do tipo *QU in situ* e nos dados dos programas de TV a frequência de *QU deslocado* é de 67,6% contra 32,4% de frequência do tipo *QU in situ*. A partir dessa análise, Sell (2001) conclui que a estrutura *QU in situ* não é abundante no *input* como julga Grolla (2000). Outra crítica feita à proposta de Grolla (2000) refere-se à hipótese de dupla marcação do parâmetro do movimento-QU em PB (com os valores positivo e negativo), que Sell (2001) diz que não pode ser confirmada.

Considerando, todavia, o fenômeno de aquisição tardia de *QU in situ* evidenciado nos dados apresentados nas pesquisas de Sikansi (1999) e Grolla (2000), Sell (2001) procura explicar o referido fenômeno assumindo a proposta de Hornstein, Nunes e Grohmann (2001), mencionada na seção 2.4, de acordo com a qual haveria em PB dois C<sup>0</sup> matrizes interrogativos nulos, um com traço-QU forte e outro com traço-QU fraco.

A autora explica que, num primeiro momento da aquisição, a criança só acessa  $C^0$  com traço-QU forte por ser essa a forma mais comum de se fazer pergunta-QU. Mais tarde, no processo de aquisição, com a entrada do complementizador *que*, ela passa, então, a acessar  $C^0$  com traço-QU fraco. O surgimento do complementizador aberto serve, na visão da autora, de pista para a criança passar a acessar também o outro  $C^0$ . O que leva a autora a essa conclusão é o fato de as crianças pesquisadas por Sikansi e Grolla, apresentarem a estrutura *QU in situ* somente depois do aparecimento das estruturas com complementizador aberto (*QU é que* e *QU que*).

A teoria de pistas não é considerada pela autora para a aquisição do primeiro  $C^0$  (o  $C^0$  com traço-QU forte). Para esse caso a autora considera a abundância do tipo *QU deslocado* no *input*, ou seja, a robustez (considerando a maior frequência) do dado no *input* (cf. Lightfoot, 1991). A criança só disporia, de acordo com essa hipótese, de uma pista para adquirir o outro  $C^0$  (o  $C^0$  com traço-QU fraco). Assim, de acordo com a hipótese de Sell (2001), a criança utilizaria duas estratégias diferentes para aquisição dos supostos dois  $C^0$  do PB, a saber: dados do *input* robustos em um caso e uma pista no outro.

No próximo capítulo faço uma descrição dos dados da presente pesquisa, para, em seguida, fazer no capítulo 4, uma análise desses dados, comparando-os com os dados das pesquisas apresentadas neste capítulo, ao tempo em que discuto as hipóteses e conclusões das referidas autoras.

Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira  
Aquisição de constituintes-QU em dois dialetos do português brasileiro

Panorama teórico

---

## Capítulo 3

### Os dados da pesquisa

Neste capítulo, descrevo os *corpora* da presente pesquisa, que são constituídos da fala de duas crianças – Luana (L.) e Ester (E.) –, na faixa etária entre 18 e 28 meses, e de seus respectivos *inputs*. Essas crianças nasceram em Vitória da Conquista, Bahia, são filhas de pais baianos, que nasceram e/ou residem na cidade. Os dados foram coletados através do método longitudinal/observacional, realizando-se sessões semanais de 30 minutos de gravação, no ambiente doméstico ou outros locais do convívio da criança. Essas gravações foram realizadas pela mãe ou outras pessoas que estavam como responsáveis pela criança no momento da sessão de gravação.

Na seção 3.1, apresento os dados da fala infantil, da qual procuro coletar os elementos interrogativos (elementos-QU) e construções de interrogativas-QU, classificando-as por tipos, de acordo com a presença, ou não, de movimento de elemento-QU na sintaxe aberta e presença ou não de complementizador aberto (*que*). Coletei e quantifiquei ainda as ocorrências de uma cláusula específica (*Que é isso (aqui/aí)?*), porque notei que essa

Os dados da pesquisa

---

cláusula não só aparecia (de forma produtiva)<sup>12</sup> em elevado número de ocorrências como também predominava na fala de apenas uma das crianças.

Na seção 3.2, apresento os dados dos *inputs* das duas crianças. Procurei coletar desses *inputs* dados relativos às mesmas estruturas procuradas nos dados infantis no intuito de fazer comparação e análise posterior do grau de interferência do *input* no processo de aquisição.

Utilizo gráficos de tipos diferentes, a depender do objetivo, para exposição dos dados. Os gráficos 1, 2, 3, 4, 5 e 6 são utilizados para demonstrar a progressão da aquisição de elementos e estruturas interrogativas ao longo do período pesquisado. Já os gráficos 7 e 8 são referentes aos *inputs* e não têm a finalidade de mostrar progressão temporal. Também são encontradas tabelas, no corpo do texto e na seção de anexos, que ampliam as informações sobre os *corpora* deste estudo.

Os dados da fala das duas crianças pesquisadas revelam que a aquisição das interrogativas-QU em português brasileiro pode não seguir o mesmo itinerário, tanto entre crianças adquirindo diferentes dialetos<sup>13</sup>, quanto entre crianças adquirindo o mesmo dialeto.<sup>14</sup> E os dados dos *inputs* das duas crianças pesquisadas revelam que os itinerários de aquisição de interrogativas-QU apresentados por cada uma das duas crianças baianas foram traçados a partir do que cada criança encontrou nos seus respectivos *inputs*.

---

<sup>12</sup> Essa cláusula aparece perfeitamente adequada a todos os contextos nos quais se encontra, ficando claro que a criança tanto se faz entender quanto entende as produções com a referida cláusula, estando longe de ser essa cláusula, neste caso, classificada como “sentença formular”.

<sup>13</sup> Este estudo só aborda a aquisição de interrogativas-QU nos dialetos baiano e paulista.

<sup>14</sup> Nenhuma referência é feita aos dados do dialeto paulista neste capítulo. Os dados desse dialeto serão abordados no capítulo seguinte, onde serão comparados aos dados das duas crianças baianas descritos neste capítulo.

### 3.1 Dados da fala infantil

Nos dados da fala infantil, procurei observar o aparecimento de cláusulas interrogativas com elementos-QU deslocados à esquerda ou *in situ*, em sentenças matrizes, constituindo cinco tipos de estruturas: *QU deslocado*, *QU que*, *QU é que*, *QU in situ* e *é QU que*. Os quatro primeiros tipos são citados em pesquisas anteriores (cf. Grolla, 2000, Sikansi, 1999, e Lopes-Rossi, 1996), o último acrescentei ao quadro já existente, por observar realização produtiva dessa estrutura no *input* e também nos dados de uma das crianças dos *corpora* desta pesquisa.

Abaixo alguns exemplos encontrados nos *corpora*.<sup>15</sup>

(16) *QU deslocado*:

- a. **que** cô é essa/ Simoni” (+) é vermelha” (L. aos 2;2.21)
- b. **que** foi isso/ mamãe” (E. aos 2;1.3)

(17) *QU in situ*:

- a. o carro é **de quem**/ Socorro” (L. aos 2;2.8)
- b. foi **o que**”/ tá falano **o que**/ mamãe” (E. aos 2;1.14)

(18) *QU que*:

- a. **quem que** tá pegano o pé da/ o pincipe” (L. aos 2;3.6)
- b. **que que** é isso” (E. aos 2;2.21)

(19) *QU é que*:

- a. **que é que** vai pegá o jacaré” (L. aos 2;3.6)
- b. **como é que é**” (E. aos 2;1.3)

(20) *é QU que*:

- a. **é o que que** cô qué/ filha”(+) hein” (*input* de L.)
- b. **é quem que** tá tomano banho” (*input* de E.)

---

<sup>15</sup> Símbolos de transcrição utilizados encontram-se na seção de anexos.

No total, esses dados apresentam os seguintes números: L. realizou, em 38 sessões semanais (de 1;6 a 2;3) de meia hora, 7 tipos de elementos-QU, totalizando 481 ocorrências e 5 tipos de cláusulas interrogativas-QU, totalizando 145 ocorrências, sendo 14 dessas cláusulas ocorrências da cláusula *Que é isso (aqui/ai)?*; e E. realizou, em 41 sessões semanais (de 1;5 a 2;3) de meia hora, 9 tipos de elementos-QU, totalizando 467 ocorrências e 4 tipos de cláusulas interrogativas-QU, totalizando 206 ocorrências, sendo 101 dessas cláusulas ocorrências da cláusula *Que é isso (aqui/ai)?*

Foram excluídos três tipos de dados na classificação dos tipos estruturais de cláusulas-QU: a) *QU isolado (Que?, O que?, Onde?)*, que não pode ser classificado por causa das elipses de constituintes; b) cláusulas cujo elemento-QU é *cadê*, que não podem ser classificadas entre os cinco tipos de estruturas de interrogativas-QU porque pode observar que cláusulas com esse elemento não trazem verbo, pelo menos foneticamente realizado (o elemento *cadê* inclui, na verdade, o conteúdo semântico do verbo (*cadê = onde está*)); e c) cláusulas cujo elemento-QU é *quem* com função de sujeito (*quem/sujeito*), que não foram incluídas na análise por se tratar de um dado ambíguo, sobre o qual ainda não é possível fazer análise para uma classificação segura do tipo de cláusula-QU (se *QU deslocado* ou se *QU in situ*), uma vez que nem na estrutura de superfície dessa cláusula nem em outros aspectos apresentam-se evidências que indiquem se o elemento-QU, nesse caso, se move para CP ou permanece *in situ* em Spec de IP.

Os dados coletados revelam que as duas crianças pesquisadas não apresentaram exatamente o mesmo comportamento em termos da aquisição de interrogativas com elementos-QU. As diferenças concentram-se principalmente quanto à predominância, ao longo do período entre 18 e 28 meses, de tipos diferentes das estruturas de interrogativas-QU para cada

Os dados da pesquisa

---

criança, ou seja, determinada estrutura foi predominante ao longo do período dos 18 aos 28 meses porque apareceu mais cedo e porque foi mais freqüente. Isso vai determinar, considerando o conjunto dos cinco tipos de estruturas de interrogativas-QU, o itinerário de aquisição dessas estruturas por cada criança. A seguir, descrevo os dados da fala de cada criança, considerando:

- a) ordem de aparecimento e o número de ocorrências dos vários tipos de elementos-QU;
- b) predominância de um dos tipos de estruturas em cada *corpus*;
- c) mudança de comportamento<sup>16</sup> relativo à utilização das estruturas de interrogativas-QU supracitadas ao longo do período pesquisado;
- d) papel da cláusula *Que é isso (aqui/aí)?* na diferenciação entre os *corpora* pesquisados.

Descrevendo os dados de aquisição da primeira criança, L., observa-se o seguinte quanto à aquisição lexical dos elementos-QU. Os primeiros elementos-QU a aparecerem nas sessões de gravação de L. são *cadê*<sup>17</sup>, que aparece desde a 1ª sessão (aos 1;6.22) de forma bastante produtiva, com 7 ocorrências, e *quem*, que aparece na 3ª sessão (aos 1;7.9), também de forma bastante produtiva, com 13 ocorrências, muito embora o número caia abruptamente para 1 ocorrência, de forma esporádica, nas sessões subseqüentes, até os 2;0.27, quando L. realiza 5 elementos *quem* e depois

---

<sup>16</sup> Quando falo em *mudança de comportamento*, não me refiro a nenhuma *mudança de marcação paramétrica* como apresenta Grolla (2000), refiro-me simplesmente à diminuição ou aumento nos dados das estruturas de interrogativas-QU acima citadas.

<sup>17</sup> Segundo Sikansi (1999), *cadê* é o primeiro elemento-QU a aparecer para crianças adquirindo o PB, mas este elemento é o primeiro para apenas uma das crianças de acordo com o que foi encontrado nos dados deste estudo.

Os dados da pesquisa

---

números superiores. Registros assim tão produtivos indicam que esses elementos provavelmente foram adquiridos em momento anterior ao início da coleta de dados desta pesquisa, ou seja, antes dos 18 meses de idade.

Os elementos com maior número de ocorrências no *corpus* de L. são também *cadê*, com 275 ocorrências e *quem*, com 111 ocorrências. Outros elementos a aparecerem são *o que*, *que*, *onde*, *por que* e *que N*.

- (21) **cadê** mamãe” (L. aos 1;2.22)
- (22) **quem** é” (L. aos 1;7.9)
- (23) **que**”/ papai tá qui” (L. aos 1;8.21)
- (24) rádio (+) de Luana/ achô **aonde**/ papai” (L aos 1;10.21)
- (25) **que cô:** é” (L. aos 2;2.21)
- (26) qué **o que**” (L. aos 1;11.23)
- (27) **por que** olho tão gande” (L. aos 2;2.15)

Com relação aos tipos de estruturas de interrogativas-QU observa-se que:

- a) O primeiro tipo de interrogativa-QU a aparecer nos dados de L. é o tipo *QU in situ*, que ocorre 1 vez na 3ª sessão (aos 1;7.9)<sup>18</sup> e mais 1 vez na 4ª sessão (aos 1;7.14)

(28) é **quem**” (L. aos 1;7.9 e aos 1;7.14)

- b) Ao longo das demais sessões até chegar à 30ª (aos 2;1.19), as realizações do tipo *QU in situ* predominaram, aparecendo, na maior parte dos casos, em número de 1 ocorrência em algumas sessões.

---

<sup>18</sup> Nessa sessão (3ª sessão) há 11 ocorrências da cláusula *Quem é?*, não incluídas na análise por se tratar de dado ambíguo.

Os dados da pesquisa

---

c) Durante esse período, antes de 2;0, aparece, na 6ª sessão (aos 1;7.27), a estrutura *QU que*:

(29) **quem que é buxa**” (L. aos 1;7.27)

d) O tipo *QU deslocado* aparece em número de 2 ocorrências na 8ª sessão (aos 1;8.12)

(30) **que é isso aqui**” (L. aos 1;8.12)

e) A partir dos 2;1.19 ocorre um fato interessante, as interrogativas com *QU deslocado* voltam a aparecer em um número superior a 1 ocorrência e as interrogativas com *QU in situ* passam a ser realizadas em número também superior a 1 ocorrência, sem deixar de ser a estrutura predominante, sendo superada, em percentual, pela estrutura do tipo *QU deslocado* apenas em 2 sessões.

f) A estrutura *QU é que* aparece pela primeira vez nos dados aos 2;2.8 e a estrutura *QU que* reaparece aos 2;3.27.

(31) *QU é que*:

**quem é que tá gavando**” (L. aos 2;2.8):

(32) *QU que*:

**que que Gabe tá dodói**” (L. aos 2;3.27)

g) O tipo acrescentado por mim ao quadro – *é QU que* – aparece em número de 1 ocorrência na 36ª sessão, aos 2;3.6.

(33) **é quem que tá qui**” (L. aos 2;3.6)

Os dados da pesquisa

A tabela 1 abaixo traz um resumo<sup>19</sup> do número de ocorrências, no *corpus* de L., de cada um dos cinco tipos mencionados acima. A tabela mostra ainda o número de ocorrências de *QU isolado* (“*Que?*”, “*O que?*”, “*Quem?*”) e o número de ocorrências de cláusulas com *quem/sujeito* (dado ambíguo).

**Tabela 1**  
 (dados de L.)

Tipos de estruturas →		<i>QU deslocado</i>		<i>QU que</i>		<i>QU é que</i>		<i>QU in situ</i>		<i>é QU que</i>		<i>QU isolado</i>	<i>quem/sujeito (dado ambíguo)</i>
sessões semanais ↓	Período etário ↓	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%		
1ª e 2ª	1;6.22 a 1;6.29											01	
3ª a 6ª	1;7.9 a 1;7.27			01	33,3			02	66,7			01	11
7ª a 9ª	1;8.6 a 1;8.21	02	100									01	02
10ª a 13ª	1;9.0 a 1;9.21							01	100				
14ª a 18ª	1;10.0 a 1;10.26							01	100				
19ª a 22ª	1;11.2 a 1;11.23							01	100			02	
23ª a 27ª	2;0.2 a 2;0.27							05	100			01	
28ª a 31ª	2;1.10 a 2;1.25	05	27,8					13	72,2			06	06
32ª a 36ª	2;2.1 a 2;2.29	13	18			07	9,7	52	72,2			24	07
37ª e 38ª	2;3.6 a 2;3.13	02	4,7	03	7,1			36	85,7	01	2,4	01	

A outra criança, E., diferentemente da primeira, apresenta como primeiro elemento *que*, que aparece na 2ª sessão (aos 1;6.9), em número de

<sup>19</sup>Para ver número de ocorrências das interrogativas-QU por sessão semanal consultar a tabela 4, na seção de anexos.

Os dados da pesquisa

---

1 ocorrência, passando a aparecer nas sessões subseqüentes com grande freqüência e em número elevado (8, 10, 12 ocorrências em algumas sessões). O *cadê* só começa a aparecer nos dados de E., em 1 ocorrência, na 5ª sessão (aos 1;7.19), aumentando gradativamente, nas semanas subseqüentes, sua freqüência e número de ocorrências por sessão.

Outros elementos-QU presentes nos dados de E. são *o que*, *quem*, *qual*, *onde*, *por que*, *como* e *que N*, que aparecem paulatinamente, em número reduzido (alguns com 1 ocorrência em todo o *corpus* – *que N* e *como*) e com uma concentração maior a partir dos 2;1. Os elementos de maior número de ocorrências em todo o *corpus* de E. são *que*, com 127 ocorrências, e *cadê*, com 66.

- (34) **que** é isso” (E. aos 1;6.9)
- (35) **cadê** eal” (E. aos 1;7.19)
- (36) é **o que**” (E. aos 1;9.6)
- (37) **qual**” (E. aos 1;11.26)
- (38) é **quem**” (E. aos 1;11.13)
- (39) tá **onde**” (E. aos 2;0.2)
- (40) **como** é que é” (E. aos 2;1.3)
- (41) **que remédio** tá qui” (E. aos 2;1.14)
- (42) tirô **por que**” (E. aos 2;1.25)

Com relação aos tipos de estruturas de interrogativas-QU observa-se o seguinte:

- a) Encontra-se nos dados de E. predominância do tipo *QU deslocado* durante as 24 primeiras semanas do período de gravação (dos 1;6.9 aos 1;11.26).

- (43) **que** é isso” (E. aos 1;9.6)

Os dados da pesquisa

---

b) Durante esse período, nas 24 primeiras sessões, ocorre 1 cláusula do tipo *QU in situ* aos 1;9.6 e 2 cláusulas desse tipo aos 1;11.4.

(44) a. é **o que**” (1;9.6)

b. é **quem**”(+) tá babanho”(+) é **quem**” (E. aos 1;11.14)

c) Também a estrutura *QU é que* aparece nesse período, realizada 1 vez aos 1;11.4.

(45) **quem é que** tá babanho”(+) (E. aos 1;11.14)

d) A partir dos 2;0, a estrutura *QU in situ* começa a aumentar a frequência, chegando a 12 ocorrências numa mesma sessão (aos 2;2.1)

e) O número de ocorrências do tipo *QU deslocado*, também se eleva substancialmente a partir dos 2;1.

f) A estrutura *QU que* só aparece a partir dos 2;1.14.

(46) **que que** é isso aqui” (E. aos 2;1.14)

A tabela 2 abaixo traz um resumo<sup>20</sup> do número de ocorrências, no *corpus* de E., de cada um dos tipos de interrogativas-QU mencionados acima. A tabela mostra ainda o número de ocorrências de *QU isolado* e o número de ocorrências de cláusulas com *quem/sujeito* (dado ambíguo).

---

<sup>20</sup> Para ver número de ocorrências das interrogativas-QU por sessão semanal consultar a tabela 3, na seção de anexos.

Os dados da pesquisa

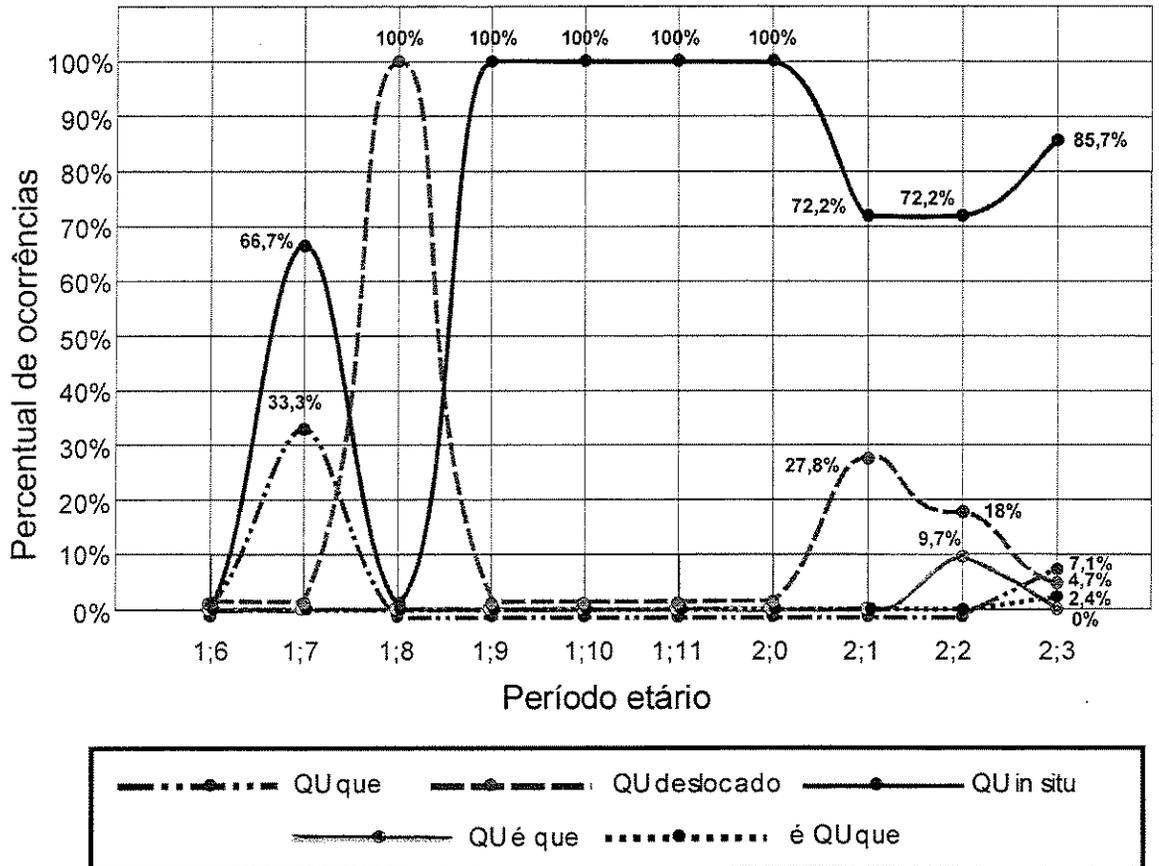
**Tabela 2**  
 (dados de E.)

Tipos de estruturas →		<i>QU deslocado</i>		<i>QU que</i>		<i>QU é que</i>		<i>QU in situ</i>		<i>é QU que</i>		<i>QU isolado</i>	<i>Quem /sujeito (dado ambíguo)</i>
sessões semanais ↓	Período etário ↓	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%		
1ª	1;5.24												
2ª a 4ª	1;6.9 a 1;6.28	08	100									01	
5ª a 7ª	1;7.3 a 1;7.26	15	100									01	
8ª a 10ª	1;8.2 a 1;8.16	10	100										
11 a 15ª	1;9.0 a 1;9.27	20	95,2					01	4,8				
16ª a 19ª	1;10.4 a 1;10.28	13	100									02	02
20ª a 24ª	1;11.4 a 1;11.26	11	78,6			01	7,1	02	14,3			04	
25ª a 29ª	2;0.2 a 2;0.28	02	33,3			01	16,7	03	50,0			03	03
30ª a 34ª	2;1.3 a 2;1.25	32	65,3	01	2,0	02	4,1	14	28,6			28	01
35ª a 39ª	2;2.1 a 2;2.29	27	45,7	02	3,4			30	50,1			07	03
40ª e 41ª	2;3.10 a 2;3.18	06	60	01	10	01	10	02	20			02	

As diferenças entre os dados das duas crianças, acima mencionadas, podem ser melhor observadas nas configurações diferenciadas que os gráficos 1 e 2 a seguir revelam. Esses gráficos representam a evolução do processo de aquisição de interrogativas-QU de L. e de E., respectivamente, ao longo dos 10 meses de coleta de dados (dos 18 aos 28 meses). Os eixos verticais representam o percentual de ocorrências de tipos estruturais de interrogativas-QU, os eixos horizontais representam a progressão temporal correspondente ao período etário entre 18 e os 28 meses e as linhas representam os cinco tipos de estruturas de interrogativas-QU encontrados nos *corpora*, conforme indicam as legendas.

Gráfico 1

(Dados de L com a cláusula "Que é isso (aqui/aí)?")



Verifica-se no gráfico 1:

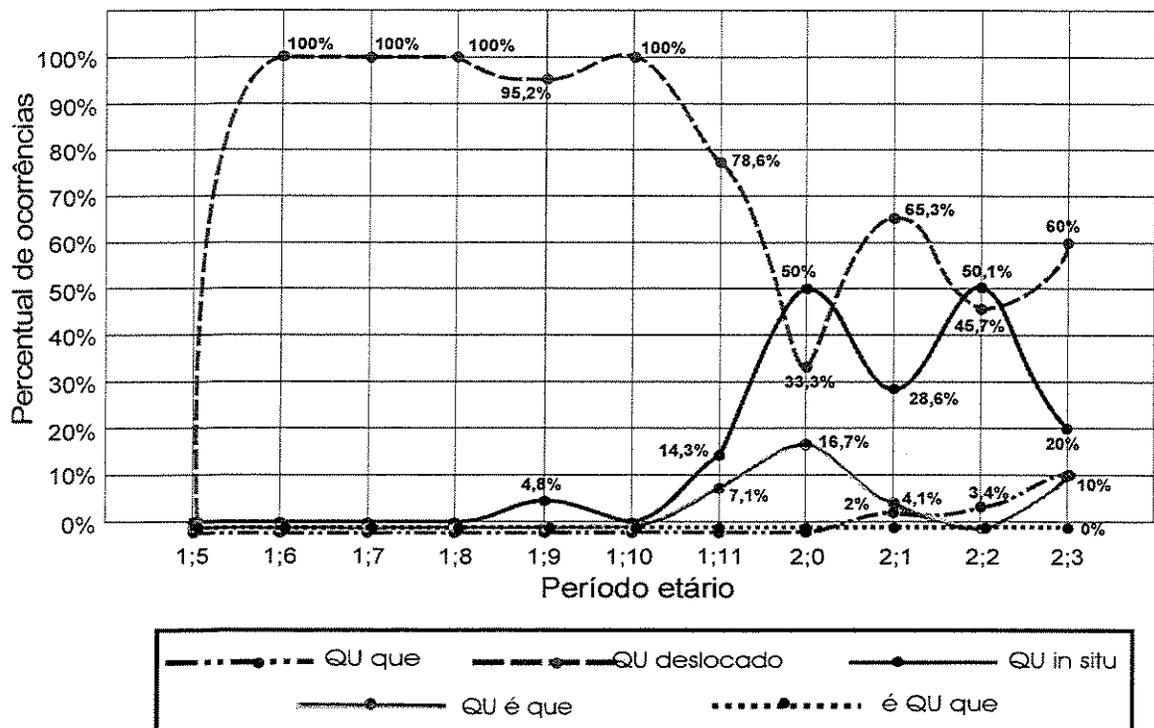
- predominância da estrutura *QU in situ* durante todo o período etário observado (dos 18 aos 24 meses) de aquisição de interrogativas-QU por L., pois a linha que representa a estrutura *QU in situ* atinge os maiores percentuais durante, praticamente, todo esse período;

Os dados da pesquisa

- b) aparecimento das estruturas *QU que* e *QU deslocado* com 1;7 e 1;8, respectivamente, seguido de longo período sem realização dessas estruturas;
- c) significativa mudança de comportamento, devido ao aumento da freqüência de estruturas antes quase inexistentes – *QU deslocado* e *QU que* – e ao aparecimento de outras estruturas, que ainda não haviam sido realizadas – *QU é que* e *é QU que* –, fato que aproxima a gramática de L., no aspecto das interrogativas-QU, da gramática alvo.

Gráfico 2

(Dados de E. com a cláusula “Que é isso (aqui/aí)?”)



No gráfico 2, diversamente, observa-se:

Os dados da pesquisa

---

- a) predominância da estrutura *QU deslocado* durante todo o período etário observado (dos 18 aos 24 meses), pois a linha que representa a estrutura *QU deslocado* atinge os maiores percentuais durante praticamente todo esse período;
- b) aparecimento gradativo da estrutura *QU in situ* a partir de 1;9;
- c) significativa mudança de comportamento, devido ao aumento de frequência da estrutura *QU in situ* e aparecimento de outras duas estruturas, que ainda não haviam sido realizadas – *QU que* e *QU é que* (é *QU que* não aparece até os 28 meses);

O que os dados até agora revelam é que, devido ao surgimento antecipado e maior frequência de *QU in situ* e *QU deslocado* para L. e para E. respectivamente, essas crianças, da mesma região, apresentam itinerários de aquisição de interrogativas-QU diferentes. Também um outro comportamento de produção de interrogativas-QU diferenciado entre essas duas crianças apresentou-se nos dados. Curiosamente, E. realiza a cláusula *Que é isso (aqui/aí)?* (desde a 2ª sessão (com 1;6.9)) com grande frequência durante os 10 meses de coleta de dados, chegando a 12 ocorrências numa sessão. Diferentemente, essa cláusula aparece nos dados de L. na 7ª sessão (aos 1;8.6), em número de 2 ocorrências, e só reaparece na 30ª sessão (aos 2;1.19) em número que não supera 4 ocorrências por sessão.

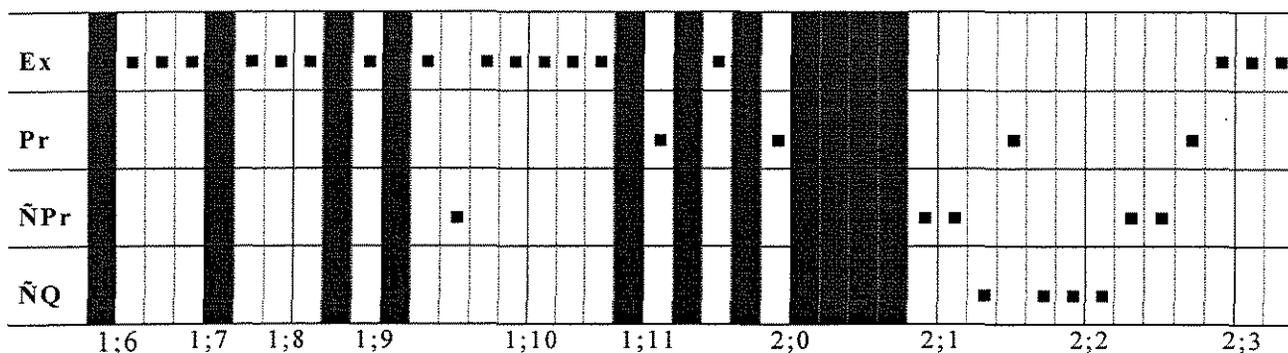
Um dado importante aparece aqui. A grande frequência dessa cláusula no *corpus* de E. é que é o maior fator responsável pela grande frequência da estrutura do tipo *QU deslocado* nesse *corpus*, em contraste com o *corpus* de L. que apresenta índices de ocorrências de *QU deslocado* muito inferior aos índices de *QU in situ*.

Os dados da pesquisa

Os gráficos 3 e 4 abaixo representam o aparecimento da cláusula *Que é isso (aqui/aí)?* nos *corpora*, conforme indicação das legendas.

### Gráfico 3

(cláusula *Que é isso (aqui/aí)?* nos dados de E.)



Legenda:

- Ex** Sessões semanais nas quais a cláusula *Que é isso (aqui/aí)?* é exclusiva entre as cláusulas do tipo *QU deslocado*.
  - Pr** Sessões semanais nas quais a cláusula *Que é isso (aqui/aí)?*, embora não seja exclusiva, é predominante entre as cláusulas do tipo *QU deslocado*.
  - ÑPr** Sessões semanais nas quais, embora ocorra a cláusula *Que é isso (aqui/aí)?*, ela não é predominante entre as cláusulas do tipo *QU deslocado*.
  - ÑQ** Sessões nas quais ocorre *QU deslocado*, mas não ocorre a cláusula *Que é isso (aqui/aí)?*
- Sessões semanais nas quais não ocorre nenhuma cláusula do tipo *QU deslocado*.

A respeito dessa cláusula presente nos dados de E. (gráfico 3), podemos fazer as seguintes observações:

Os dados da pesquisa

---

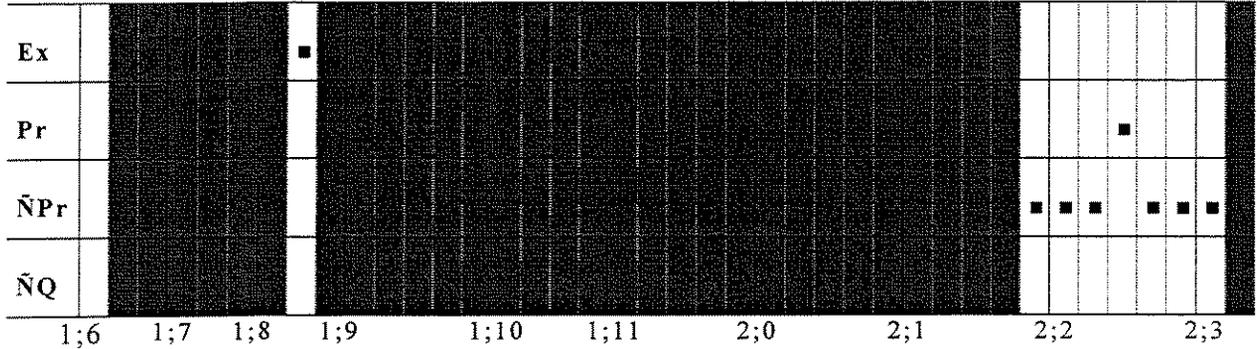
- a) essa cláusula aparece em 26 das 41 sessões semanais de coleta de dados (ocorre em todas as sessões marcadas na 1<sup>a</sup> (Ex), 2<sup>a</sup> (Pr) e 3<sup>a</sup> (ÑPr) linhas do gráfico)
- b) ela é responsável pelos índices percentuais de *QU deslocado* de 21 das 30 sessões semanais em que aparecem realizações de *QU deslocado* (há predominância dessa cláusula em todas as sessões marcadas na 1<sup>a</sup> (Ex) e na 2<sup>a</sup> (Pr) linhas do gráfico);
- c) *Que é isso (aqui/ai)?* é cláusula exclusiva<sup>21</sup> entre as cláusulas do tipo *QU deslocado*, em 17 das 30 sessões em que aparece *QU deslocado* (ver 1<sup>a</sup> (Ex) linha do gráfico)
- d) somente em 9 das 30 sessões em que aparece *QU deslocado*, a cláusula supracitada não é a maior responsável pelos índices do *QU deslocado*, ou porque nem aparece nessas sessões (ver 4<sup>a</sup> (ÑQ) linha do gráfico) ou porque aparece em número igual ou inferior a outras cláusulas (ver 3<sup>a</sup> (ÑPr) linha do gráfico);
- e) as ocorrências da cláusula “*Que é isso(aqui/ai)?*” deixam de ser o maior fator responsável pelos índices de ocorrências de *QU deslocado* a partir da 24<sup>a</sup> sessão (aos 2;0), período em que se verifica uma significativa mudança de comportamento em relação às ocorrências dos 4 tipos de estruturas presentes nos dados de E., conforme verificado na análise do gráfico 2.

---

<sup>21</sup> *Exclusiva* aqui não deve ser confundida com *única*, ou seja, com uma única ocorrência.

## Gráfico 4

(cláusula *Que é isso aqui/aí*)? nos dados de L.)



Legenda:

- Ex** Sessões semanais nas quais a cláusula *Que é isso (aqui/aí)?* é exclusiva entre as cláusulas do tipo *QU deslocado*.
- Pr** Sessões semanais nas quais a cláusula *Que é isso (aqui/aí)?*, embora não seja exclusiva, é predominante entre as cláusulas do tipo *QU deslocado*.
- ÑPr** Sessões semanais nas quais, embora ocorra a cláusula *Que é isso (aqui/aí)?*, ela não é predominante entre as cláusulas do tipo *QU deslocado*.
- ÑQ** Sessões nas quais ocorre *QU deslocado*, mas não ocorre a cláusula *Que é isso (aqui/aí)?*
- Sessões semanais nas quais não ocorre nenhuma cláusula do tipo *QU deslocado*.

Observando esse fenômeno nos dados de L. (gráfico 4 acima), verifica-se um quadro bem diverso, comparando-se ao de E., que é o seguinte:

- a) a referida cláusula só aparece em 8 das 38 sessões semanais de coleta de dados (ver 1<sup>a</sup> (Ex), 2<sup>a</sup> (Pr) e 3<sup>a</sup> (ÑPr) linhas do gráfico);
- b) é exclusiva em apenas 1 das 8 sessões em que ocorre o tipo *QU deslocado* (ver 1<sup>a</sup> (Ex) linha do gráfico);
- c) em apenas 2 sessões ela é responsável pelos índices percentuais de *QU deslocado* (ver 1<sup>a</sup> (Ex) e 2<sup>a</sup> (Pr) linhas do gráfico);

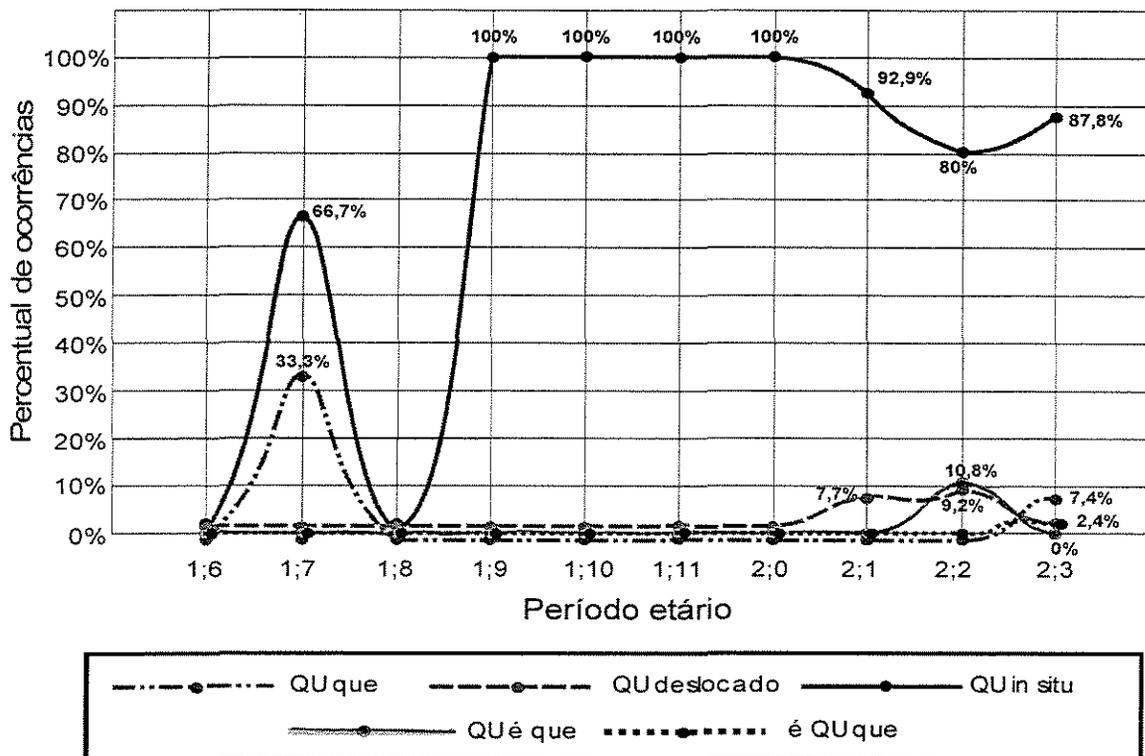
Os dados da pesquisa

- d) não houve sessões em que ocorreu *QU deslocado*, mas não ocorreu a cláusula *Que é isso (aqui/aí)?* (ver 4ª (ÑQ) linha do gráfico);
- e) em 6 das 8 sessões em que há realizações de *QU deslocado*, a cláusula supracitada aparece em número igual ou inferior a outras cláusulas do tipo *QU deslocado*, ou seja, a cláusula em questão não predomina (ver 3ª (ÑPr) linha do gráfico);

Separando-se as ocorrências da cláusula *Que é isso (aqui/aí)?* das demais cláusulas do tipo *QU deslocado* nos dados das duas crianças, verifica-se pouca alteração em relação aos dados de L., mas, em relação aos dados de E., a alteração é bastante significativa. É o que pode ser observado através dos gráficos 5 e 6 a seguir.

Gráfico 5

(Dados de L sem a cláusula "Que é isso (aqui/aí)?")

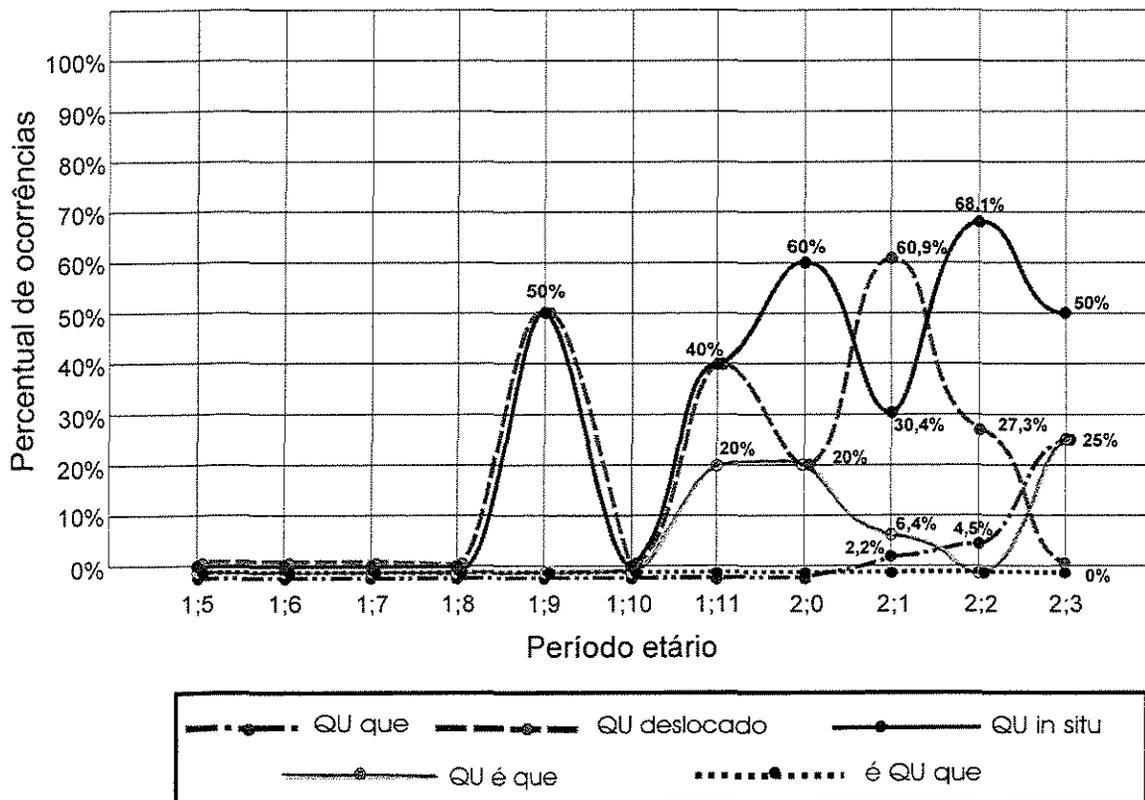


Os dados da pesquisa

A maior alteração que se verifica no gráfico 5, que se refere aos dados de aquisição de interrogativas-QU por L., sem as ocorrências da cláusula *Que é isso (aqui/aí)?*, é que a linha tracejada, referente à estrutura *QU deslocado*, se mantém em zero até os dois anos (2;0), ou seja, o único sinal de existência da estrutura *QU deslocado* antes dos 2;0 nos dados de L. são as ocorrências da cláusula *Que é isso (aqui/aí)?* Observa-se também que os índices de ocorrência de *QU deslocado* caem para menos de 10% no período após os 2;0 (comparar gráficos 1 e 5).

Gráfico 6

(Dados de E sem a cláusula "Que é isso (aqui/aí)?")



Os dados da pesquisa

---

Em relação aos dados de E., entretanto, a eliminação das ocorrências da cláusula *Que é isso (aqui/ai)?* provoca grande alteração, como se observa no gráfico 6. A predominância absoluta da estrutura *QU deslocado* não mais se verifica. As estruturas *QU deslocado* e *QU in situ* apresentam uma trajetória idêntica até 1;11. A partir de 2;0 a estrutura predominante, durante praticamente quase todo o período seguinte passa a ser *QU in situ* (comparar gráficos 2 e 6).

Como é possível observar, os *corpora* aqui descritos apresentam, em relação à aquisição de interrogativas-QU, quadros que trazem semelhanças – o que é de se esperar uma vez que se tratam de dados paralelos de aquisição infantil de interrogativas-QU (em termos de faixa etária e dialeto) – e diferenças – o que constitui aspecto significativo, considerando-se esse paralelismo dos *corpora*.

As diferenças revelam que as duas crianças baianas aqui estudadas apresentam, como foi dito anteriormente, itinerários de aquisição das interrogativas-QU, em PB, diferentes. Isto, a meu ver, é um dado bastante significativo para os estudos de aquisição das interrogativas-QU em PB e para os estudos de aquisição da linguagem de modo geral, pois nos leva a buscar os fatores determinantes desses itinerários diferentes, avaliando discussões anteriores. O esquema abaixo sintetiza as referidas semelhanças e diferenças.

**Quadro 1** (semelhanças entre os dados de L. e de E.)

	Aspectos	semelhanças
Elementos- QU	Ordem de surgimento no <i>corpus</i>	<i>Que, cadê, quem</i> e <i>o que</i> são os 4 primeiros elementos a aparecerem nos dados de ambas as crianças (embora em ordens diferentes para cada uma delas)
	número de ocorrências	<i>Cadê, quem, que</i> e <i>o que</i> são, para ambas as crianças, os 4 elementos que aparecem em maior número de ocorrências (embora alterem a ordem de classificação entre si para cada criança)

Os dados da pesquisa

Tipos de estruturas	Predominância ao longo da maior parte do período	<i>QU in situ</i> e <i>QU deslocado</i> são as 2 estruturas mais freqüentes nos dados de ambas as crianças.
	Mudança de comportamento	As duas crianças apresentam mudança significativa de comportamento que começa por volta dos 1;11.4 para E. e por volta dos 2;1.25 para L., envolvendo: aumento da freqüência de <i>QU in situ</i> e <i>QU deslocado</i> e aparecimento de outras estruturas.

**Quadro 2** (diferenças entre os dados de L. e de E.)

	Aspecto	Diferenças
Elementos-QU	Ordem de surgimento no <i>corpus</i>	Para L. a ordem em que surgem os elementos-QU é: <i>cadê</i> (1;6.22), <i>quem</i> (1;7;9), <i>que</i> (1;8.21), <i>o que</i> (1;11.23), <i>onde</i> (1;10.21), <i>por que</i> (2;1.25) e <i>que N</i> (2;2.21).
		Para E. a ordem em que surgem os elementos-QU é: <i>que</i> (1;6.9), <i>quem</i> (1;6.28), <i>cadê</i> (1;7.26), <i>o que</i> (1;9.6), <i>qual</i> (1;11.26), <i>onde</i> (2;0.2), <i>como</i> (2;1.3), <i>que N</i> (2;1.14) e <i>por que</i> (2.1.25).
	Quantidade de tipos a aparecerem	Nos dados de L. ocorrem 7 tipos de elementos-QU.
		Nos dados de E. ocorrem 9 tipos de elementos-QU.
Classificação por número de ocorrências	Nos dados de L. os elementos-QU se classificam por número de ocorrências na seguinte ordem: <i>cadê</i> (275), <i>quem</i> (111), <i>o que</i> (41), <i>que</i> (33), <i>onde</i> (14), <i>por que</i> (8) e <i>que N</i> (3).	
	Nos dados de E. os elementos-QU se classificam por nº de ocorrências na seguinte ordem: <i>que</i> (127), <i>cadê</i> (66), <i>o que</i> (38), <i>quem</i> (35), <i>qual</i> (34), <i>onde</i> (19), <i>por que</i> (6) e <i>como</i> e <i>que N</i> (1 ocorrência cada um).	
Tipos de estruturas	Predominância na maior parte do período	Nos dados de L. o tipo estrutural predominante é: <i>QU in situ</i>
		Nos dados de E. o tipo estrutural predominante é: <i>QU deslocado</i>

Os dados da pesquisa

	Ordem de surgimento no <i>corpus</i> e quantidade	Nos dados de L. ocorrem as 5 estruturas, até os 2;3, aparecendo na ordem: <i>QU in situ</i> (1;7.9), <i>QU que</i> (1;7.27) e <i>QU deslocado</i> (1;8.6) ao mesmo tempo <sup>22</sup> , <i>QU é que</i> (2;2.15) e, por último, <i>é QU que</i> (2;3.6).
		Nos dados de E. ocorrem 4 das 5 estruturas, até os 2;3, na seguinte ordem: <i>QU deslocado</i> (1;6.9), <i>QU in situ</i> (1;9.6), <i>QU é que</i> (1;11.4) e, por último, <i>QU que</i> (2;1.14).
Cláusula “ <i>que é isso?</i> ”	Número de ocorrências	Nos dados de L. há 14 ocorrências da cláusula <i>Que é isso (aqui/aí)?</i>
		Nos dados de E. há 108 ocorrências da cláusula <i>Que é isso (aqui/aí)?</i>
	Distribuição de ocorrências ao longo de todo o período	Nos dados de L. a cláusula <i>Que é isso (aqui/aí)?</i> está concentrada dos 2;1.19 aos 2;3.6 (31 <sup>a</sup> à 37 <sup>a</sup> sessão), com mais 2 ocorrências isoladas na 7 <sup>a</sup> sessão (aos 1;8.6)
		Nos dados de E. a cláusula <i>Que é isso (aqui/aí)?</i> está distribuída ao longo de todo o período
	Exclusividade em relação ao tipo <i>QU deslocado</i>	Nos dados de L. a cláusula <i>Que é isso (aqui/aí)?</i> só aparece com exclusividade em 1 das sessões.
		Nos dados de E. a cláusula <i>Que é isso (aqui/aí)?</i> é exclusiva em 17 das 30 sessões em que aparece <i>QU deslocado</i> .
Predominância entre outros tipos de cláusula com <i>QU deslocado</i>	Nos dados de L. a cláusula <i>Que é isso (aqui/aí)?</i> é predominante entre outras cláusulas de estrutura <i>QU deslocado</i> em apenas 2 das 8 sessões em que aparece <i>QU deslocado</i> .	
	Nos dados de E. a cláusula <i>Que é isso (aqui/aí)?</i> é predominante entre outras cláusulas de estrutura <i>QU deslocado</i> em 21 das 30 sessões em que aparece o <i>QU deslocado</i> .	

<sup>22</sup> Com diferença de 1 sessão semanal de um tipo para o outro que estou considerando uma diferença irrisória.

### 3.2 – Dados do *input*

Os dados do *input* foram coletados das falas dos adultos que acompanharam as sessões semanais de gravação. Essas falas são quase totalmente das mães, havendo em algumas sessões também falas dos pais ou de algum parente. As crianças pesquisadas são filhas de pais baianos: os pais de L. são ambos naturais da região sudoeste da Bahia (onde fica situada Vitória da Conquista) e os pais de E. são ambos da região de Camamu, no sul da Bahia.

No total, os dados dos *inputs* apresentam os seguintes números: na amostra do *input* de L., coletada em 38 sessões semanais de meia hora, foram encontrados 11 tipos de elementos-QU, com número de ocorrências totalizando 1956, e 5 tipos de cláusulas interrogativas-QU, com número de ocorrências totalizando 1004 (excluindo-se elementos-*QU* isolados e cláusulas com *quem*/sujeito), sendo 16 dessas cláusulas ocorrências da cláusula *Que é isso (aqui/aí)?*; e na amostra do *input* de E., coletada em 41 sessões semanais de meia hora, foram encontrados 12 tipos de elementos-QU, com número de ocorrências totalizando 3307, e 5 tipos de cláusulas interrogativas-QU, com número de ocorrências totalizando 2276 (excluindo-se elementos-*QU* isolados e cláusulas com *quem*/sujeito), sendo 258 dessas cláusulas ocorrências da cláusula *Que é isso (aqui/aí)?*

Esses dados apresentam as seguintes informações específicas. O quadro de elementos-QU dos dois *inputs* é praticamente o mesmo em relação à classificação por número de ocorrências. Em ambos os quadros, os dois elementos de maior número de ocorrências são, nessa ordem, *o que* e *quem* e os elementos *que* e *cadê* aparecem entre os cinco mais realizados.

Em relação aos tipos estruturais de interrogativas-QU, os quadros do *input* das duas crianças são semelhantes pelo fato de *QU in situ* aparecer como a estrutura predominante. Entretanto, pelo menos duas diferenças

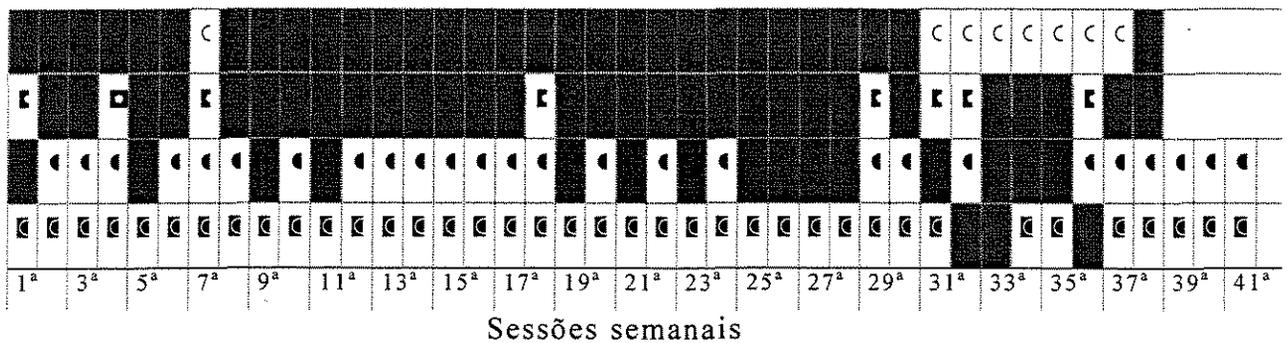
Os dados da pesquisa

significativas podem ser observadas entre as amostras dos *inputs* das duas crianças. Esses dois aspectos diferentes são significativos sobretudo porque estabelecem uma relação direta com aspectos que se apresentaram também como diversos entre os dados da fala de L. e da fala de E.

O primeiro aspecto diz respeito à frequência da cláusula *Que é isso (aqui/aí)?* No gráfico 7 abaixo, é possível observar que a significativa diferença de frequência dessa cláusula verificada nos dados das duas crianças, como vimos, também se verifica nos *inputs*.

### Gráfico 7

(frequência da cláusula *Que é isso (aqui/aí)?* nos dados e no *input* de L. e de E.)



Legenda:

○ Ocorrências da cláusula *Que é isso(aqui/aí)?* nos dados de L.

■ Ocorrências da cláusula *Que é isso(aqui/aí)?* no *input* de L.

● Ocorrências da cláusula *Que é isso(aqui/aí)?* nos dados de E.

⊗ Ocorrências da cláusula *Que é isso(aqui/aí)?* no *input* de E.

■ Sessões semanais nas quais não há nenhuma ocorrência da cláusula *Que é isso(aqui/aí)?*

Observa-se no gráfico 7 que no *input* de L., essa cláusula é pouco realizada, aparecendo em apenas 8 das 38 sessões semanais de gravação. Já no *input* de E., a cláusula em questão aparece em 38 das 41 sessões semanais.

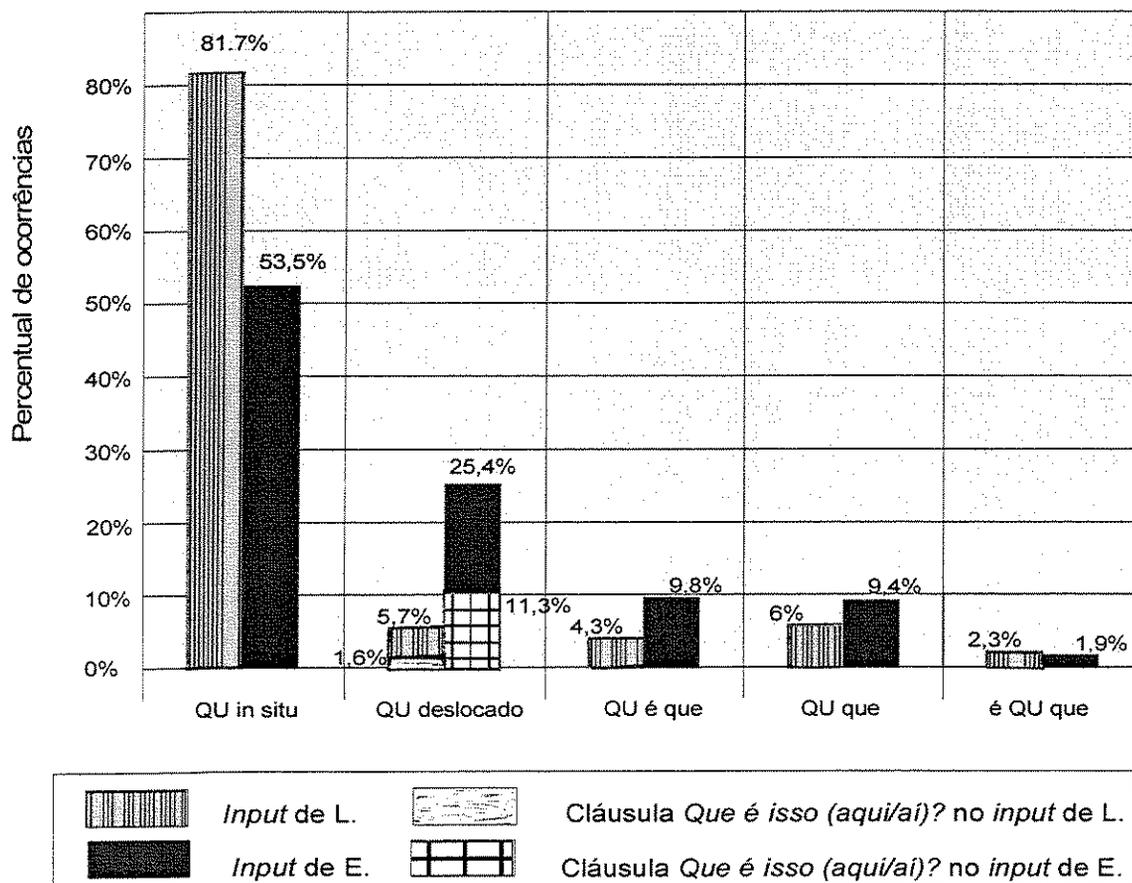
Os dados da pesquisa

O índice de ocorrência dessa cláusula no *input* de L. é de apenas 1,6%, enquanto que no *input* de E. a frequência da cláusula *Que é isso (aqui/aí)?* chega a superar a frequência das estruturas *QU é que* (9,8%), *QU que* (9,4%) e *é QU que* (1,9%), apresentando um índice de 11,3% de ocorrências.

O segundo aspecto significativo relativo à diversidade entre os *inputs* diz respeito ao grau de frequência dos cinco tipos de interrogativas-QU. No gráfico 8 a baixo, é possível comparar o percentual de ocorrências das cinco estruturas nos dois *inputs*.

Gráfico 8

(Inputs de L e de E)



No quadro do *input* de L., observa-se que a estrutura *QU in situ* atinge índices de ocorrências de 81,7%, guardando grande distância dos índices de ocorrências das demais estruturas, pois os índices de ocorrências destas não passam de 6%. Diferentemente, a distância entre os índices de ocorrências *QU in situ* e as demais estruturas no *input* de E. não é tão grande – *QU in situ* atinge o índice de 53,5% e *QU deslocado*, que é a segunda estrutura mais freqüente, atinge índice de 25,4%. Ou seja, no *input* de L., o índice de ocorrências da segunda estrutura mais freqüente corresponde a, aproximadamente, 1/13 (um treze avo) do índice de ocorrência de *QU in situ* e, no *input* de E., o índice de ocorrência da segunda estrutura mais freqüente corresponde a, aproximadamente, 1/2 (um meio) das ocorrências de que *QU in situ*.

Então, observando os *inputs* das duas crianças verifica-se que os mesmos aspectos que se diferenciam nos *inputs* se repetem nos dados das crianças, diferenciando os itinerários de aquisição das interrogativas-QU para cada criança. Isso é indício de que existe uma relação direta entre o *input* e o fato de determinada estrutura ter uma aquisição tardia, como é o caso do que ocorreu com os dados das crianças paulistas pesquisadas por Sikansi (1999) e por Grolla (2000).

Os quadros 3 e 4 abaixo esquematizam as semelhanças e diferenças verificadas nos *inputs* de L. e de E.

Os dados da pesquisa

**Quadro 3** (semelhanças entre os *inputs* de L. e de E.)

	Aspecto	Semelhanças	
Elementos- QU	Classificação por número de ocorrências	A ordem de classificação dos elementos por número de ocorrências é	No <i>input</i> de L. – <i>o que</i> (940), <i>quem</i> (386), <i>onde</i> (195), <i>que</i> (179), <i>cadê</i> (174), <i>por que</i> (34), <i>como</i> (17), <i>que N</i> (12), <i>qual</i> (11), <i>quantos</i> (7) e <i>quanto</i> (1), (quando não ocorre)
		praticamente a mesma nos dois quadros de <i>input</i> .	No <i>input</i> de E. – <i>o que</i> (1218), <i>quem</i> (645), <i>que</i> (396), <i>onde</i> (350), <i>cadê</i> (251), <i>como</i> (191), <i>por</i> <i>que</i> (142), <i>qual</i> (50), <i>que</i> <i>N</i> (33), <i>quantos</i> (15), <i>quando</i> (3) e <i>quanto</i> (2)
Tipos de estruturas	quantidade	No <i>input</i> de ambas as crianças encontram-se os cinco tipos de estruturas: <i>QU in situ</i> , <i>QU deslocado</i> , <i>QU que</i> , <i>QU é que</i> e <i>é QU que</i> .	
	Predominância	No <i>input</i> de ambas as crianças <i>QU in situ</i> é a estrutura predominante (é a que tem maior frequência).	

**Quadro 4** (diferenças entre os *inputs* de L. e de E.)

	Aspectos	Diferenças
Tipos de estruturas	Predominância	No <i>input</i> de L. há grande predominância de <i>QU in situ</i> (81,7%), cujo percentual de ocorrências corresponde a 13 vezes o segundo tipo mais utilizado, <i>QU que</i> (6%)
		No <i>input</i> de E. há pequena predominância de <i>QU in situ</i> (53,5%), cujo percentual de ocorrências corresponde a 2 vezes o percentual do segundo tipo mais utilizado, <i>QU deslocado</i> (25,4%)
Cláusula <i>Que é isso (aqui/aí)?</i>	Ocorrências ao longo de todo o período	No <i>input</i> de L. ocorre a cláusula <i>Que é isso (aqui/aí)?</i> em poucas sessões (8 das 38 sessões)
		No <i>input</i> de E. ocorre a cláusula <i>Que é isso (aqui/aí)?</i> na maioria das sessões (38 das 41 sessões)
	Número de ocorrências	No <i>input</i> de L. há um pequeno número de ocorrências da cláusula <i>Que é isso (aqui/aí)?</i> (total de 16, correspondendo a 1,6%)
		No <i>input</i> de E. há um grande número de ocorrências da cláusula <i>Que é isso (aqui/aí)?</i> (total de 258, correspondendo a 11,3%)

## Capítulo 4

### Análise dos dados

Neste capítulo, faço análise dos dados dos *corpora* deste estudo, constituídos da fala das duas crianças baianas e seus respectivos *inputs*, e concomitantemente discuto as implicações do papel do *input* e a relevância da economia no processo de aquisição das interrogativas-QU em PB. Para essa análise são considerados também os *corpora* das duas outras pesquisas sobre aquisição de interrogativas-QU mencionadas anteriormente.

Discuto também, neste capítulo, a possibilidade de a aquisição da linguagem se dar via mecanismo<sup>23</sup> a mercê do *input*; e discuto as propostas para o valor do parâmetro do movimento-QU em PB, com base nas informações fornecidas pelo quadro empírico constituído pelos referidos *corpora*, objetivando adequar as explicações sobre aquisição de interrogativas-QU a esse quadro.

---

<sup>23</sup> O termo *mecanismo* está sendo empregado aqui com a acepção de *processo de funcionamento*. Em outras palavras, esse mecanismo de aquisição da linguagem corresponde à sucessão de ações e fatos que, em conjunto, representam o processo da marcação paramétrica.

## 4.1 – Comparando com os dados das pesquisas anteriores

Como foi visto no capítulo 2, as pesquisas anteriores, sobre aquisição de interrogativas-QU em PB, apresentam dados que, segundo a interpretação das autoras (Sikansi, 1999, e Grolla, 2000)<sup>24</sup>, indicam que a aquisição das interrogativas-QU em PB começa pela estrutura do tipo *QU deslocado*, apresentando as demais estruturas um uso marginal e diferente da gramática alvo (gramática do adulto), durante os períodos pesquisados pelas mesmas (entre os 2 e 4 anos aproximadamente). Há concordância entre as autoras também em relação à aquisição do tipo *QU in situ* em PB, que ambas (e também Sell, 2001) interpretam como uma aquisição tardia, pois esse tipo de construção só aparece nos dados por volta dos 3;9 (cf. Grolla, 2000).

O que pretendo discutir nessa seção é a evidente discrepância entre os dados dessas duas pesquisas, apresentados no capítulo 2, e os dados da presente pesquisa, apresentados no capítulo 3. É necessário lembrar que os dados desta pesquisa são de uma faixa etária anterior à faixa etária das pesquisas supracitadas, o que torna os pontos levantados a seguir ainda mais interessantes.

Mas, antes de discutir as diferenças, veremos as semelhanças entre esses dados. Pode-se dizer que os dados das crianças paulistas se assemelham aos das baianas em alguns aspectos. Pode observar que os elementos mais frequentes, tanto para as crianças baianas quanto para as paulistas<sup>25</sup>, são *que*, *cadê* e *quem*. Verifiquei também que o aparecimento tanto dos elementos-QU quanto das estruturas de interrogativas-QU foi gradativo para as crianças paulistas e para as baianas. E uma outra semelhança relevante está no fato de a primeira cláusula do tipo *QU*

---

<sup>24</sup> Sell (2001) não apresenta dados novos, essa autora reanalisa os dados das duas pesquisas supracitadas.

<sup>25</sup> A informação a esse respeito foi fornecida por Grolla (2000).

*deslocado* a aparecer nos dados de uma das crianças paulistas<sup>26</sup>, N., ser a cláusula *Que é isso (aqui/aí)?*, semelhantemente ao que ocorre com as duas crianças baianas, pois o tipo *QU deslocado* se inicia com essa cláusula nos dados de E. e nos dados de L.

Grolla (2000) descreve a estrutura dessa cláusula como equitativa do tipo *XP é YP* (como em *isso é um lápis*), que pode ser analisada como a cópula selecionando uma mini-orção (*small clause*<sup>27</sup> em inglês): (...[<sub>VP</sub> é [<sub>SC</sub> XP YP]]) e posterior movimento de YP para Spec de FocP.<sup>28</sup>

Por outro lado, observei discrepâncias em relação aos fenômenos das quatro fases, apresentadas por Grolla (2000), nas quais ela divide o período entre os 2 e os 4 anos<sup>29</sup> de idade. As diferenças se concentram nos seguintes pontos: a) aquisição dos elementos-QU; b) período de aquisição dos vários tipos de estruturas interrogativas-QU; e c) aquisição tardia do tipo *QU in situ*.

Conforme vimos no capítulo 2, segundo Grolla (2000), o período compreendido entre os 2;1 e 2;3 seria uma fase caracterizada como *letárgica*, por ser um período, nas palavras da autora, de baixíssima ocorrência de produções relevantes, e de fenômenos escassos. Nessa primeira fase, os únicos elementos-QU que ocorreram foram *que* e *cadê*, aparecendo os demais depois dos 2;4. A segunda fase (dos 2;4 aos 2;7) é caracterizada pela autora como “*fase dos primeiros avanços*”, pois nela aparecem mais elementos-QU (*onde*, *por que*, *o que* e *quem*), mas ainda não são observadas nem a estrutura *QU in situ* nem as estruturas com complementizador aberto – *QU que* e *QU é que*. É na terceira fase (dos 2;8 aos 3;0), caracterizada pela autora como *fase de maiores sofisticções*

---

<sup>26</sup> Sikansi (1999) não informa quais foram as primeiras cláusulas a aparecerem nos dados infantis.

<sup>27</sup> Ver Radford (1990)

<sup>28</sup> A autora assume para o caso de *QU deslocado* que o elemento-QU está em Spec FocP.

<sup>29</sup> É importante lembrar que Grolla (2000) caracteriza essas fases, considerando a aquisição de todos os fenômenos que compõem a periferia esquerda da sentença – estruturas de tópico-comentário, construções de clivagem, orações relativas e perguntas-QU – e a análise feita aqui diz respeito apenas ao último fenômeno.

Análise dos dados

---

*lingüísticas*, que as estruturas *QU que* e *QU é que* e o restante dos elementos-QU aparecem. Finalmente, na quarta fase (dos 3;1 aos 4;0), caracterizada como “*fase bem próxima à gramática alvo*”, é que aparece a estrutura *QU in situ*.

Todavia, nos dados da presente pesquisa nota-se que:

- a) uma das crianças, E., apresenta 9 tipos de elementos-QU aos 2;1.25 e a outra 7 aos 2;1.21 (ver quadro 2 no capítulo 3);
- b) elementos como *onde*, *quem*, *o que* e *por que* aparecem nos dados desta pesquisa bem antes dos 2;4 (segunda fase pela proposta de Grolla (2000)) – aos 1;11.23 L. já apresenta os elementos *quem*, *onde* e *o que*, além de *que* e *cadê* e, aos 2;1.25, E. já apresenta 9 elementos (ver quadro 2 no capítulo 3);
- c) aos 2;1.14, E. já adquiriu as 4 estruturas de interrogativas-QU citadas por Grolla (2000) (inclusive *QU in situ*);
- d) um pouco mais cedo, aos 1;11.23, L. já realiza essas 4 estruturas (inclusive *QU in situ*, que é a primeira a aparecer);
- e) aos 2;3.6, L. apresenta mais um outro tipo de interrogativa-QU que não aparece nos dados de Grolla (2000) – é *QU que*.

Diante do exposto, pode-se dizer que o período de aquisição até os 2;3 das duas crianças deste estudo, surpreendentemente, só corresponde ao período *letárgico* classificado por Grolla (2000) na idade. Em relação a todos os outros aspectos, o quadro em que se apresentam os dados da fala das duas crianças deste estudo, aos 2;3, corresponde praticamente à quarta fase do quadro de classificação de Grolla (2000), faltando para isso apenas a realização dos elementos *quanto*, *quantos* e *quando* por E. e desses e mais *qual* e *como* por L. Assim, os dados desta pesquisa não confirmam as previsões feitas pela referida autora em relação à aquisição de interrogativas-QU nas supostas fases de desenvolvimento.

Sikansi (1999) não divide o período de aquisição de seus sujeitos em fases, como Grolla (2000), mas, assim como os dados de Grolla (2000), seus dados indicam que a estrutura do tipo *QU in situ* aparece tardiamente na fala infantil, fato que leva a autora à hipótese de que essa estrutura é realizada em contexto pragmático diferente do contexto em que se realiza *QU deslocado* e, por esse motivo, sua aquisição seria mais custosa e, conseqüentemente, tardia. Todavia, uma das crianças estudadas no presente trabalho apresenta *QU in situ* como a primeira estrutura adquirida (apresentando-a aos 1;7) e a outra criança apresenta a referida estrutura, também bem cedo, aos 1;9, como a segunda estrutura adquirida, situação completamente adversa da encontrada por Sikansi (1999).

Assim, em relação a esse ponto de discussão das duas pesquisas mencionadas e também da análise de Sell (2001) – aquisição tardia de interrogativas do tipo *QU in situ* (por volta dos 3;9 (cf. Grolla, 2000)) – os dados da presente pesquisa apresentam situação adversa, contrariando as generalizações feitas pelas três autoras e pondo em discussão as explicações apresentadas por elas para o fenômeno de aquisição de interrogativas-QU em PB. Isto porque essas interrogativas apresentam, nos dados das crianças aqui pesquisadas, itinerário de aquisição diferente do das pesquisas mencionadas – *QU in situ* aparece, nos dados deste estudo, antes de outras estruturas e com mais de dois anos de antecedência (1;7 aproximadamente) ao período apontado pelas pesquisas anteriores.

Essa não conformidade ou discrepância entre os dados da presente pesquisa e os dados das duas pesquisas citadas deve representar indício de diferença dialetal, em relação ao parâmetro do movimento-QU, entre os *corpora* dos estudos em questão. Os *corpora* dos dois estudos anteriores são constituídos da fala de crianças oriundas da região sudeste do país; diferentemente, as duas crianças informantes da presente pesquisa são nordestinas, nascidas e residentes na cidade de Vitória da Conquista, Bahia.

Análise dos dados

---

Comparando os dados dos *inputs* dos referidos *corpora*, observa-se que interrogativas do tipo *QU in situ* são predominantes no dialeto nordestino. Nos dados do *input* das duas crianças estudadas aqui, *QU in situ* apresenta média percentual de ocorrências de 67,6% (ver capítulo 3), enquanto que esta é uma estrutura marginal no dialeto falado no sudeste do país, com percentual de ocorrências de apenas 3,7% (dados da fala de um adulto, apresentado por Sikansi, 1999) ou 19,8% (média dos dados do NURC/SP apresentados por Grolla e Sikansi). Além disso, há um tipo de estrutura – é *QU que (QU in situ com complementizador aberto)* – presente nos dados do *input* das crianças baianas, à qual não é feita nenhuma referência nas duas pesquisas anteriores.

Assim, embora Sikansi (1999) e Grolla (2000) tenham tratado do fenômeno de aquisição das interrogativas-QU fazendo referência ao português do Brasil como um todo e não a nenhum dialeto em particular, acredito que esse fenômeno mereça atenção quanto a aspectos dialetais, diante das evidências de especificidades dialetais reveladas pelos dados da presente pesquisa.

A explicação apresentada por Grolla (2000) para a suposta aquisição tardia do *QU in situ* pelas crianças adquirindo o PB e a generalização decorrente dessa explicação desencadeia previsão que não deixa nenhum espaço para diferenciações dialetais. De acordo com essa previsão, a aquisição de *QU in situ* deveria ser, pela lógica, sempre tardia, porque, se ela depende da aquisição do resumptivo especial (Pro<sub>especial</sub>), para que dedutivamente a criança perceba a possibilidade do não-movimento de constituintes, e la seria invariavelmente mais custosa que a aquisição de *QU deslocado*.

Todavia, não é o que os dados desta pesquisa mostram – para as duas crianças baianas pesquisadas aqui a aquisição de *QU in situ* não foi tardia, ao contrário, ela aconteceu, bem cedo, aos 1;7, antes da aquisição de todas

Análise dos dados

---

as outras estruturas, no caso de L., e aos 1;9, pouco depois da aquisição de *QU deslocado* mas antes das outras três estruturas, no caso de E.

Além disso, não se verifica nos dados das duas crianças baianas realização de construções com *Pro<sub>especial</sub>*, que serviria de pista para aquisição de *QU in situ*<sup>30</sup>, antes ou junto com o aparecimento dessa estrutura. Porém, é preciso lembrar que o método utilizado neste estudo nada pode dizer sobre dados ausentes. A ausência de determinado fenômeno nos dados longitudinais/observacionais não é garantia de que esse fenômeno não exista na fala da criança ou do adulto.

Também a explicação apresentada por Sikansi (1999) para aquisição tardia de *QU in situ* fica inviabilizada em termos de português do Brasil como um todo. Da mesma forma que a proposta de Grolla (2000), é apresentada por Sikansi uma condição especial para ocorrência de *QU in situ* – contextos pragmáticos específicos –, condição esta que torna a realização de *QU in situ* mais custosa que a realização de *QU deslocado*, o que determinaria a obrigatoriedade de aquisição de *QU in situ* posterior à aquisição de *QU deslocado*.

Entretanto, além de os dados deste estudo contrariarem a previsão de aquisição tardia de *QU in situ*, as supostas evidências, apresentadas pela autora, de que *QU in situ* e *QU deslocado* ocorrem em contextos pragmáticos distintos não me parecem consistentes. Segundo Sikansi (1999: 45-46), as crianças, nas situações abaixo, puderam fazer a pergunta deixando o elemento-*QU in situ* porque elas estavam diante de evidências contextuais, que as levaram a saber que seus interlocutores tinham plena condição de responder às perguntas feitas.<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup> Com relação à fala do adulto, é verificada, no input de uma das crianças, 1 ocorrência de construção com DP na periferia esquerda e verbo que exige PP – *bejo gosto*, (dado do *input* de E.). Esse corresponde a um dos casos apontados por Grolla (2000) como construção em que ocorre *Pro<sub>especial</sub> – bejo gosto (Pro<sub>especial</sub>)*.

<sup>31</sup> Os símbolos de transcrição ortográfica utilizados por Sikansi (1999) não são os mesmos utilizados neste estudo.

Análise dos dados

---

(47) Sit.: A mãe, que estava dirigindo o carro, pára num semáforo onde recebe um folheto de propaganda. Após dar uma rápida olhada no mesmo, ela o coloca sobre o console do carro. Então G. pergunta:

GAB: Esse folheto é sobre o quê? (G. aos 4;5.11)

(48) DAN: Depois eu vô lavá outro.

RAQ: Lavá quem? Lavá o meu? (R. aos 3;0.7)

(49) MÃE: Olha # o elástico tá aqui. Deixa eu medir na tua cintura.

RAQ: Medir por quê? (R. aos 3;4.15)

MÃE: Pra caber direitinho.

(50) Sit.: G. estava no carro com a mãe, o pai e a irmã mais velha. Eles tinham acabado de sair de casa quando G. pergunta:

GAB: Mãe, a gente tá indo onde? (G. aos 4;6.3)

Sikansi (1999: 45-46)

Para a autora, em (47), o fato de G. ter presenciado a mãe “dar uma rápida olhada no folheto de propaganda” colocou a criança diante de evidências contextuais suficientes para ela supor que a mãe tinha informação para responder à sua pergunta. O mesmo aconteceria em (48), (49) e (50), levando o falante do PB, as crianças nesse caso, a colocar o elemento-QU *in situ*.

Utilizando o mesmo processo de análise que Sikansi (1999) utilizou – o de tentar interpretar o contexto de dados de fala coletados via método longitudinal/observacional –, eu diria, então, que nas situações abaixo, retiradas dos *corpora* das duas crianças baianas, é possível verificar que essas crianças usaram QU *in situ* em situações nas quais não há indício de que elas sabiam se seus interlocutores tinham condição de dar resposta às

Análise dos dados

---

perguntas feitas; mas, ao contrário, nessas situações há indício de que as crianças não tinham certeza de que seus interlocutores podiam responder satisfatoriamente às perguntas feitas, contrariamente ao que prevê Sikansi (1999).

(51) Sit.: E. (aos 2;2.21) escuta um barulho vindo da rua e quer saber do que se trata, formulando a pergunta na forma *QU que*:

E.: **que que é isso**”

Mãe: oi”

Sit.: o barulho se repete e, como E. não obteve a resposta para a primeira pergunta feita, faz outra pergunta reformulando-a com *QU in situ*.

E: **que que é isso**” (++) vê chave (+) **foi o que**”

Mãe: caminhão

E: caminhão”

(52) Sit.: L. (aos 2;3.13) procura por uma calça sua e pergunta à empregada onde está. Como a resposta não aparece de imediato ela continua insistindo com a pergunta sempre na forma *QU in situ* :

L.: **tá onde/ Socorro**”

Mãe: han”

S.: vai pra onde”

L.: **tá onde**” (+) **essa calça de Luana tá onde**”

S.: quem sabe’

É claramente possível analisar que, como E., em (51), não obteve resposta para a primeira pergunta, e ela pode ter julgado que a mãe não sabia exatamente o que era aquele barulho e por isso não lhe deu a resposta de imediato. Apesar desse contexto desfavorável a uma suposta certeza, por

parte da criança, de que a mãe tinha plena condição de responder à pergunta feita, E., com a repetição do barulho, reformulou a pergunta, apresentando-a, dessa vez, na forma *QU in situ*.

A mesma situação pode ser verificada em (52). O fato de não ter obtido uma resposta de imediato à pergunta feita pode ter colocado L. diante de um contexto em que ela não tinha certeza se seu interlocutor (a empregada) tinha condição de responder à pergunta feita, ou seja, se seu interlocutor sabia onde estava a calça procurada. Apesar disso, L. repetiu a pergunta na forma *QU in situ*.

Entretanto, nem eu posso garantir que os julgamentos de E. e de L. tenham sido “o de que seus interlocutores não tinham plena condição de responder a suas perguntas” – não sabendo exatamente o que era o barulho, em (51), e não sabendo exatamente onde estava a calça, em (52) – nem Sikansi (1999) apresentou garantia de que, por exemplo, G., em (47), não usaria *QU in situ* se a mãe não tivesse “dado uma rápida olhada no folheto”.

O problema aqui é que o método longitudinal/observacional não permite esse tipo de análise. Para verificar se *QU in situ* ocorre em PB, ou em algum dialeto do PB, apenas em contextos pragmáticos em que o falante julga que seu interlocutor tem plena condição de lhe responder, é necessário um experimento que, de alguma maneira, consiga controlar não apenas a presença da estrutura *QU in situ* em determinado contexto, mas também a ausência dessa estrutura em determinado contexto. Então, a inconsistência das evidências apresentadas por Sikansi (1999) a favor de sua hipótese (de que as ocorrências da estrutura *QU in situ*, em PB, estão restritas a determinado contexto pragmático) está na total impossibilidade de controlar os contextos de ocorrência e de ausência de *QU in situ*, a partir de dados obtidos via método longitudinal/observacional.

A explicação apresentada por Sell (2001) para o fenômeno de aquisição tardia de *QU in situ* também não se adequa aos dados de aquisição

de interrogativas-QU das duas crianças baianas, porque essas crianças começaram a realizar *QU in situ* muito antes de realizarem os tipos de interrogativas-QU com complementizador aberto, *QU que*, *QU é que* e *é QU que*, não podendo, portanto, o aparecimento do complementizador *que* funcionar como pista para aquisição do C<sup>0</sup> com traço-QU fraco, como propõe Sell.

Como já comentei no capítulo 2, a autora propõe duas estratégias de natureza diferentes de aquisição para itens lexicais, eu diria, equivalentes – os supostos dois C<sup>0</sup> do PB. Para aquisição de C<sup>0</sup> com traço-QU forte, a estratégia seria robustez dos dados no *input*, e para aquisição do C<sup>0</sup> com traço-QU fraco, a estratégia seria uma pista estrutural – o complementizador *que*. Não há como conciliar essas estratégias específicas de aquisição de cada um dos dois C<sup>0</sup> num quadro empírico em que *QU in situ* é abundante no *input*, pois, nesse caso, as duas estratégias se chocam, evidenciando a inviabilidade de uma delas.

Essa proposta só se adequa ao quadro empírico constituído pelos dados do dialeto paulista (apresentados por Sikansi, 1999, e Grolla, 2000). Mesmo considerando que a frequência do tipo *QU in situ* é maior que a frequência do tipo *QU deslocado*, nos dialetos nordestinos, Sell (2001) constrói uma hipótese de caráter determinístico, que fecha as possibilidades de itinerários de aquisição de interrogativas-QU fora do seguinte caminho: o processo de aquisição de interrogativas-QU inicia-se pela aquisição da estrutura *QU deslocado* e encerra-se com a aquisição da estrutura *QU in situ*, tendo que anteceder à aquisição desta última a aquisição de todas as estruturas de interrogativas-QU com complementizador aberto.

Mas foi partindo dos dados das pesquisas de Sikansi (1999) e Grolla (2000) – que indicam aquisição tardia de *QU in situ* – que as três autoras concentraram-se na tentativa de encontrar explicação que justificasse o itinerário (aquisição que parte da estrutura *QU deslocado* e apresenta como

Análise dos dados

---

derradeira a estrutura *QU in situ*) e o período de afastamento de aquisição entre as duas estruturas (*QU in situ* é adquirido quase dois anos depois de *QU deslocado*). Embora não tenham declarado explicitamente, as autoras apresentam propostas que, claramente, se fundamentam no pressuposto gerativista de que a criança é guiada, no processo de aquisição, por princípios de economia (cf. Kato, 1995:71, 1999:12). Ou seja, as autoras partem da lógica de que a aquisição do tipo *QU in situ* seria, de alguma forma, mais custosa que a aquisição do tipo *QU deslocado*.

Entretanto, diante da constatação, com base nos dados da presente pesquisa, de que o fenômeno de aquisição tardia de *QU in situ* não pode ser estendido para o PB falado em todo o país e que, portanto, as hipóteses levantadas por Grolla (2000) e por Sell (2001) são implausíveis e a levantada por Sikansi (1999) não pode ser tomada como plausível pelo menos para dialetos como o falado pelos sujeitos baianos, algumas questões ficam postas:

- a) Considerando que o *input* desempenha um papel no processo de aquisição da linguagem, qual seria seu grau de representatividade nesse processo?
- b) Os princípios de economia seriam realmente relevantes para aquisição da linguagem? Em que aspecto?

Tentarei responder a essas perguntas analisando a correlação entre o *input* e os dados das duas crianças estudadas no presente trabalho.

## 4.2 - O papel do *input* na aquisição da linguagem

A primeira questão a ser discutida é a que se refere ao grau de representatividade do *input* no processo de aquisição. Essa questão exige uma avaliação desse papel, exatamente porque as escolhas que a GU permite, no caso dos princípios parametrizáveis, não são determinadas *a priori*, mas têm que ser tomadas com base em informações disponíveis no *input*. (cf. Meisel, 1997:24)

Longa discussão é travada na literatura a respeito do papel do *input* na fixação dos parâmetros. Diversamente ao que supõem as explicações baseadas em hipóteses de aprendizagem indutiva (Atkinson, 1992 *apud* Meisel, 1997), a hipótese de aquisição dedutiva (aquisição parametrizada) prevê que o desencadeamento do conhecimento lingüístico requer dados menos consistentes e menor exposição ao *input*. O que levanta a questão, segundo Meisel (1997), sobre o que exatamente seria necessário como informação desencadeadora na fixação de parâmetros. Para o autor, é razoável considerar a possibilidade de a fixação paramétrica ser desencadeada por dados “robustos”, mas através de que se constituiria essa robustez?<sup>32</sup> Pelo menos duas possibilidades são apontadas: a) *freqüência de ocorrências e tempo de exposição aos dados do input*; e b) *fatores estruturais*.

Com relação à primeira possibilidade a teoria alega que uma exposição mínima aos dados deveria ser suficiente, mas não se sabe muito sobre o quanto seria necessário. Segundo Lightfoot (1991), para funcionarem como fatores desencadeantes, os dados devem ser consistentes e freqüentes (falarei dessa possibilidade adiante). Com relação à segunda

---

<sup>32</sup> Lightfoot (1991) foi o primeiro dar relevância a um tratamento quantitativo dos dados, considerando a “robustez” dos dados como fator desencadeante da fixação paramétrica.

possibilidade, mais promissora na opinião de Meisel (1997), as propriedades paramétricas só podem ser incluídas na gramática da criança em fase de aquisição à medida que ela é capaz de atribuir uma estrutura a um elemento encontrado no *input*. Pistas estruturais (ou derivacionais) encontradas no *input* funcionariam como fator desencadeante de marcação paramétrica<sup>33</sup>.

Sikansi (1999) e Grolla (2000) fundamentam suas hipóteses de aquisição de interrogativas-QU em PB na proposta de Cheng (1991) para a sintaxe das interrogativas. De acordo com a explicação das autoras, como vimos no capítulo 2, a criança adquirindo línguas como o japonês fixa o parâmetro [-movimento-QU] ao perceber no *input* a partícula-QU que essa língua possui nas sentenças polares. Já em línguas como o inglês, a não existência dessa partícula-QU levaria a criança a não marcar esse parâmetro negativamente, mas positivamente. O fato de em PB também não existir partícula-QU, como no inglês, mas existir *QU in situ*, como no japonês, e de os dados de suas pesquisas apontarem que *QU deslocado* é adquirido primeiro que *QU in situ*, levou as autoras a postularem que a criança adquirindo o PB marcaria o parâmetro em questão primeiro positivamente, semelhante às crianças adquirindo o inglês, para depois reajustá-lo para [+movimento-QU], na opinião de Grolla (2000), a partir da identificação, no *input*, de uma pista estrutural (ou derivacional). Para Sikansi (1999) não há reajuste desse parâmetro e é a partir da percepção dos contextos pragmáticos específicos a criança passa a realizar *QU in situ*.

A proposta de Sell (2001) não se concentra exclusivamente numa hipótese baseada em pistas, porque, para aquisição de *QU deslocado*, Sell

---

<sup>33</sup> São feitas propostas no sentido de quantos níveis de encaixamentos de orações seriam suficientes para o ajuste de parâmetros. Wexler e Culicover (*apud* Meisel, 1997) propuseram que seriam necessários dois níveis e encaixamento para uma criança identificar a gramática de uma língua (grau-2); Morgan (1986) (*apud* Meisel, 1997) propôs que um nível de encaixamento seria suficiente (grau-1); e Lightfoot (1989,1991) propôs que apenas a estrutura de orações principais e a parte anterior da oração inferior seriam suficientes (grau-0).

(2001) não considera que a ausência da partícula interrogativa nas sentenças polares sirva para determinar aquisição de *QU deslocado*, como fazem as outras duas autoras (Grolla trata essa ausência como pista). A necessidade de uma pista na proposta de Sell ocorreria apenas, como vimos, no caso da aquisição de *QU in situ*.

Essas três hipóteses são de perfil determinista, uma vez que, estando a fixação paramétrica na dependência da percepção de pistas no *input*, essa fixação seguirá sempre itinerário determinado pelo aparecimento dessas pistas – no caso das propostas das três autoras supracitadas, a criança adquirindo o PB, obrigatoriamente, adquire *QU deslocado* para depois adquirir *QU in situ*. Para Meisel (1997: 34) deve-se dar preferência a uma visão determinista de fixação paramétrica, a menos que se encontrem evidências convincentes contrárias.

O maior problema para as hipóteses acima mencionadas, a meu ver, diz respeito à variação lingüística. De acordo com Meisel (1997), uma teoria de fixação de parâmetro tem que explicar de modo adequado a variabilidade. Entretanto, o itinerário traçado pelas supostas pistas para aquisição de interrogativas-QU em PB, propostas pelas três autoras, não deixa alternativa para um quadro de aquisição como o que encontrei no dialeto baiano – aquisição não tardia de *QU in situ*.

Isso é um problema para as hipóteses que procuram a robustez dos dados do *input*, capaz de desencadear a fixação paramétrica, em “fatores estruturais”. Entretanto, o problema não está exatamente no perfil determinista, mas no tipo de afunilamento das possibilidades de fixação paramétrica que fatores estruturais combinados ao determinismo produzem. Esse tipo de afunilamento seria desejável para a teoria, se o quadro empírico não apresentasse diversidades como a diferença de itinerário de aquisição de interrogativas-QU encontrada entre os dialetos baiano e paulista.

A hipótese levantada por este estudo, que não procura a robustez dos dados em fatores estruturais (ou derivacionais), mas em fatores processuais<sup>34</sup>, chega a um tipo de afunilamento no processo de aquisição da linguagem tão ou mais estreito que o afunilamento de possibilidades de fixação produzido por hipóteses baseadas em fatores estruturais. Entretanto, a hipótese deste estudo não fecha o leque da variabilidade (diferentes itinerários de aquisição), como veremos melhor discutido na seção 4.4.

A tarefa da criança provavelmente é bem mais simples do que o que propõem as hipóteses de fixação paramétrica através de pistas estruturais (derivacionais). Isto porque, em propostas como a de Grolla (2000), a pista da qual depende a marcação do parâmetro do movimento-QU ao invés de facilitar acaba complicando a tarefa da criança. Explanado sobre o caso de N. a autora explica que a criança fica “surda” para a estrutura *QU in situ* até o momento em que consegue deduzi-la ao associá-la à falta de movimento dos elementos presentes na periferia esquerda de construções com *Pro<sub>especial</sub>*. A autora não deixa claro, entretanto, por que razão a criança ficaria “surda” para a estrutura *QU in situ*, como já foi comentado em nota no capítulo anterior. Certamente, a criança também ficou “surda” para o resumptivo *Pro<sub>especial</sub>*, uma vez que esse resumptivo também não apareceu desde as primeiras fases, pois se tivesse aparecido, seguindo a lógica da hipótese, *QU in situ* também o teria. Então, se N. pôde deixar de ser “surda” para o resumptivo *Pro<sub>especial</sub>*, por que motivo também não deixou de ser “surda” para *QU in situ*, pela mesma razão?

Também a idéia de que a aquisição das interrogativas é determinada pela percepção da partícula-QU complica a tarefa da criança. De acordo com essa hipótese, a criança se vale da partícula-QU, existente nas sentenças polares de línguas de *QU in situ* para marcar esse parâmetro, em

---

<sup>34</sup> Relativos a *learnability*

Análise dos dados

---

sua língua, como negativo. A percepção dessa partícula pode ser uma evidência positiva para a criança adquirindo uma língua como o japonês, pois ao perceber a presença da partícula-QU nas sentenças polares a criança marca o parâmetro de sua língua como [-movimento-QU]. Mas, em línguas como o inglês, é a ausência dessa partícula que determina que o referido parâmetro nessa língua é a opção [+movimento-QU]. A tarefa da criança se complica porque ou ela tem que lançar mão de evidência negativa para marcar esse parâmetro como positivo, ou é preciso considerar [+movimento-QU] como uma opção *default*. No caso da última alternativa, nenhuma partícula tem que ser percebida, nenhuma pista está funcionando na marcação desse parâmetro pelas as crianças adquirindo o inglês.

Então eu pergunto: a tarefa da criança adquirindo uma língua como o japonês, que necessita de identificação da partícula-QU para marcação do parâmetro do movimento-QU, não seria mais complicada do que a tarefa da criança que está adquirindo uma língua como o inglês, que não exige dela nenhum esforço a mais? Se esse for o caso, não podemos, assim, concluir que a necessidade da percepção da partícula-QU (que pode ser considerada como uma pista) torna a tarefa da criança mais complexa e custosa?

Propostas como as que vêm sendo discutidas fecham as possibilidades de variação dialetal no processo de aquisição da linguagem. Entretanto, para o caso da aquisição não tardia de *QU in situ*, que encontrei nos dados empíricos, nós podemos perguntar: se a aquisição de *QU in situ* em PB se dá, conforme propõe Grolla (2000), somente depois que a criança passa a realizar um resumptivo especial (pro<sub>especial</sub>), por que as crianças baianas, aqui pesquisadas, realizaram *QU in situ* tão cedo, sem apresentar esse tipo de resumptivo? Haveria uma outra pista que funcionaria paralelamente a esse resumptivo (Pro<sub>especial</sub>)? Em caso positivo, por que haveria mais de uma pista para a aquisição de uma mesma estrutura em PB? A pista seria

Análise dos dados

---

uma única, mas seria um outro fator e não o *pro<sub>especial</sub>*? Se for única, por que uma mesma pista promoveria itinerários de aquisição diferentes?

Considerando a hipótese de Sell (2001), numa situação empírica como a aquisição de interrogativas-QU pelas crianças baianas aqui pesquisadas, levanto outras questões: se o dado robusto no *input* é correspondente a *QU in situ* (possibilidade admitida pela própria Sell (2001)), a necessidade de um complementizador aberto como pista se extinguiria? Se a estrutura *QU in situ* pode ser adquirida sem a interferência dessa suposta pista no caso de aquisição dessa estrutura nos dialetos em que *QU in situ* é abundante, por que razão a aquisição desta estrutura estaria submetida à interferência dessa pista nos dialetos em que *QU in situ* não é uma estrutura muito abundante? E a estrutura *QU deslocado*, nunca precisaria de uma pista para ser adquirida, mesmo quando for menos abundante? Precisando, o sistema teria que dispor de uma pista para quando *QU deslocado* não aparecer como dado robusto no *input*?

Mesmo considerando que os diferentes dialetos pressupõem gramáticas diferentes<sup>35</sup>, não é nada econômico supor que, no processo de aquisição de uma língua, haveria uma pista estrutural (derivacional) diferente para cada situação dialetal específica e diferente. É mais razoável supor que realmente há um afunilamento nesse processo, mas um tipo de afunilamento que pressupõe que, a partir das mesmas condições, as crianças adquirindo diferentes dialetos podem marcar um parâmetro, apresentando percursos distintos durante o processo de aquisição (no caso de dialetos distintos), para chegar ao mesmo valor paramétrico, como é o caso do parâmetro aqui estudado.

---

<sup>35</sup> Sell (2001) considera que, em relação ao parâmetro do movimento-QU em PB, há apenas uma gramática, dotada tanto de *QU deslocado* quanto de *QU in situ*, mas com diferenças dialetais de frequência de cada uma das estruturas.

Análise dos dados

---

Até agora a razão que se apresenta para o fato de não se ter encontrado também o fenômeno de aquisição tardia de *QU in situ* nos dados desta pesquisa é o fato de os dialetos paulista e baiano serem dialetos diferentes, que apresentam diferenças no *input* em relação às interrogativas-QU. Porém, esse leque de possibilidades de itinerário para fixação paramétrica é mais aberto do que se poderia supor, pois, além da constatação de que a aquisição de interrogativas-QU *in situ* pelas crianças baianas a qui pesquisadas não se deu de forma tardia, assim como aconteceu com as crianças paulistas, encontrei entre as duas crianças baianas também itinerários diferentes de aquisição da interrogativas-QU (como vimos no capítulo 3) – uma criança realizou a estrutura *QU in situ* inicialmente (L. aos 1;6.22) e a outra a estrutura *QU deslocado* (E. aos 1;6.9). Esse é um dado curioso se consideramos que os *inputs* de ambas as crianças são do mesmo dialeto, o PB falado na cidade de Vitória da Conquista, Bahia.

Essa diversidade de itinerário de aquisição de interrogativas-QU em PB, que o quadro empírico aqui discutido expõe, mostra, talvez, que os mecanismos de aquisição da linguagem não se limitam ao sistema derivacional. Voltemos, então, à outra possibilidade apontada na literatura para robustez dos dados – a *frequência de ocorrências* e o *tempo de exposição aos dados do input*. Sabe-se que o conceito de dedutividade da aquisição da linguagem se fundamenta no fato de que a criança precisa de uma experiência de contato com uma porção menor que a totalidade da língua para adquiri-la. (cf. Lightfoot, 1989, 1991)

Se, por um lado, a experiência de contato com a língua é uma porção menor que a totalidade desta, o que coloca os estudos de aquisição diante do *Problema de Platão*, por outro lado, essa experiência corresponde a uma porção maior que zero, ou seja, existe um certo número de experiência de contato com o *input*, menor que a totalidade da língua e maior que zero, que é suficiente e necessário ao processo de aquisição da linguagem.

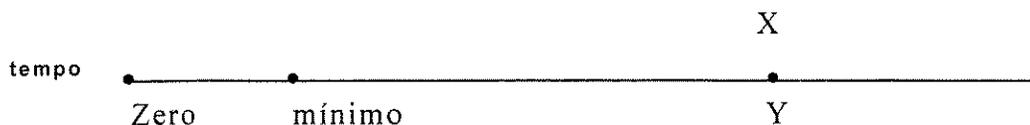
Análise dos dados

Essa experiência de contato da criança com o *input* se dá por meio de *freqüência de ocorrências no input e tempo de exposição aos dados do input*. Procurando, então, quantificar a experiência infantil, isto é, o número de ocorrências no *input* ao qual a criança deve estar exposta no período de aquisição, verifica-se que:

- a) *freqüência de ocorrências no input* = X
- b) *tempo de exposição aos dados do input* = Y
- c) X e Y  $\neq$  zero
- d) X (em Y) = *número perceptível* pelo mecanismo de marcação paramétrica<sup>36</sup>
- e) Y = *período necessário e suficiente* para tornar X = *número perceptível*.

Ora, se é necessária a exposição da criança a um número X de ocorrências no *input*, que não pode ser zero, durante um período Y, *necessário e suficiente* para tornar X = *número perceptível*, não é implausível supor que *freqüência e tempo de exposição aos dados* tenham relevância no processo de aquisição.

Na figura abaixo, procuro demonstrar a relação existente entre X e Y no processo de aquisição, ou seja, entre *freqüência de ocorrências e tempo de exposição aos dados*.



<sup>36</sup> Quanto mais próximo a zero mais distante do *perceptível* pelo mecanismo de marcação paramétrica e vice-versa. Não é possível, porém, precisar que número seria o divisor de águas entre o *perceptível* e o *imperceptível*, pois de zero ao *perceptível* esse número segue uma gradação de alterações mínimas, como gotas d'água caindo num recipiente até atingir a marca de um litro. Talvez algum experimento possa nos fornecer um número aproximado, se esse número for mais ou menos fixo. Mas existe ainda a possibilidade de esse número variar de tal forma de criança para criança que seja impossível chegar a um valor até mesmo aproximado.

Se  $Y \neq$  zero, logicamente há um tempo mínimo necessário de exposição da criança aos dados do *input*.  $X$  (= *número perceptível*) não pode ocorrer antes do ponto *mínimo* (= *período necessário*), mesmo que  $X$  corresponda a um número de ocorrências bastante elevado, pois há um tempo mínimo necessário para que a criança possa perceber as ocorrências de determinada construção lingüística, do contrário  $Y$  poderia ser igual a zero. Dependendo dos índices de *freqüência de ocorrências*, o ponto  $Y$  (= *período necessário e suficiente*) pode se afastar, se aproximar ou coincidir com o ponto *mínimo*. A *freqüência de ocorrências no input* só será igual a  $X$ , ou seja, igual a um *número perceptível* pelo mecanismo de marcação paramétrica, quando essas atingirem o ponto  $Y$ .

O quadro empírico aqui discutido mostra evidências de que *freqüência de ocorrências e tempos de exposição aos dados*<sup>37</sup> desempenham um papel relevante no processo de aquisição da linguagem. A primeira observação a ser feita é a respeito das evidências de que há uma diferença de freqüência de interrogativas-QU entre os dialetos que se vem de *input* para as crianças pesquisadas. Como vimos, o índice de ocorrências de interrogativas do tipo *QU in situ* no dialeto do PB falado no Estado de São Paulo, ou seja, no dialeto que serviu de *input* para as crianças pesquisadas por Grolla (2000) e Sikansi (1999), é de 19%, em média, de acordo com análise de Lopes-Rossi (1996) dos dados do NURC/SP, e de 3,7%, considerando dados da fala de um adulto que interagiu com G., uma das crianças pesquisadas por Sikansi (1999). Já o índice de ocorrências dessa estrutura no *input* (dialeto baiano) das crianças estudadas pela presente pesquisa é de 67,6%, em média, ou seja, a freqüência do tipo *QU in situ* no dialeto que serviu de *input* para as duas crianças baianas é bem maior que a freqüência desse tipo de estrutura no dialeto paulista. Então, as crianças

---

<sup>37</sup> O tempo de exposição aos dados foi estimado considerando-se o período etário em que aparecem os dados, ou seja, as diferenças em termos de meses entre o surgimento de uma e de outra estrutura nos dados.

Análise dos dados

---

baianas, L. e E., ficaram mais expostas à realização do tipo *QU in situ* do que, provavelmente, ficaram as crianças paulistas G., A., R. (pesquisadas por Sikansi, 1999) e N. (pesquisada por Grolla, 2000)

Analisando a diferença de itinerário de aquisição das interrogativas-QU que encontrei entre as duas crianças baianas, observa-se, como foi descrito no capítulo anterior, que *QU in situ* é a estrutura que predomina nos dados de L. durante a maior parte do período pesquisado, entre 1;6 e 2;3, enquanto que para E. a predominância na maior parte do período é de *QU deslocado* (ver gráficos 1 e 2 no capítulo 2). Observando os dados dos *inputs* das duas crianças, é possível verificar dois aspectos que representam forte evidência de que *freqüência* e *tempo de exposição ao input* podem ter um papel representativo na definição do itinerário de marcação paramétrica:

- a) a freqüência de *QU in situ* em um *input* (no de L.) é maior que no outro (no de E.);
- b) a freqüência da cláusula *Que é isso (aqui/aí)?* é quase inexistente em um *input* (no de L.) e bastante freqüente no outro (no de E.).

Lembrando o que foi descrito no capítulo 3, a estrutura predominante nos dados de L. é *QU in situ*, enquanto que *QU deslocado* é a estrutura predominante nos dados de E. (ver gráficos 1 e 2). Ambas apresentam depois uma mudança de comportamento (L. a partir dos 2;1 e E. a partir dos 1;11). No caso de L. *QU in situ* continua predominante com essa mudança, mas aparecem as outras quatro estruturas, ficando *QU deslocado* no segundo lugar em freqüência. No caso de E., três outras estruturas começam a ganhar espaço e *QU deslocado* começa a ceder seu espaço de predominância para *QU in situ*, sem, no entanto, deixar de continuar muito freqüente.

Na verdade, o que faz o diferencial entre o itinerário de aquisição de interrogativas-QU dessas duas crianças, ou seja, o que eleva os índices de

Análise dos dados

---

ocorrência de *QU deslocado* nos dados de E. é um grande número de realização de uma cláusula (*Que é isso (aqui/aí)?*). Também, comparando os *inputs* de ambas as crianças, observa-se que o grande número de ocorrências dessa cláusula no *input* de E.<sup>38</sup>, marca um diferencial em relação ao *input* de L., no qual o número de ocorrências dessa cláusula corresponde apenas a 1,6% (ver gráfico 8, no capítulo 2). E lembremos ainda que, embora em ambos os *inputs* *QU in situ* seja a estrutura predominante, no *input* de L. o número de ocorrências de *QU in situ*, 81,7%, é muito maior que o número de ocorrências das demais estruturas, pois a segunda estrutura mais realizada, *QU que*, apresenta um número de ocorrências de apenas 6%; enquanto que no *input* de E., essa diferença entre as duas estruturas não é tão grande, pois o número de ocorrências da segunda estrutura mais realizada – *QU deslocado*, com 25,4% de frequência – corresponde à metade, aproximadamente, das ocorrências de *QU in situ*, que é de 53,5%.

Esse paralelismo entre os dados das crianças e seus respectivos *inputs* explica por que E. apresenta uma predominância inicial de *QU deslocado*, diferentemente de L. O que ocorre é que E., além de encontrar em seu *input* uma frequência de *QU deslocado* um pouco maior do que a que L. encontra, é “bombardeada” pela repetição de uma mesma cláusula, o que não ocorre com L.

Por outro lado, L. é mais exposta à realização de *QU in situ* do que E. Dessa forma é que L. mais rapidamente se aproxima da sua gramática alvo, porque desde o início realiza com predominância a estrutura mais frequente na sua gramática alvo – *QU in situ*. Diferentemente, E., aparentemente percorre um caminho mais longo, pois passa da predominância de *QU deslocado* à predominância de *QU in situ*, que é a estrutura que mais ocorre

---

<sup>38</sup> O percentual de ocorrência dessa cláusula no *input* de E. é de 11% que corresponde a um percentual alto, considerando que se trata das ocorrências de uma mesma cláusula e considerando também que esses 11% (de uma única cláusula) correspondem a um percentual maior que o percentual de ocorrências de três tipos de estruturas no *corpus* de E., que são *QU que*, *QU é que* e *é QU que*, conforme demonstrado no capítulo 8.

Análise dos dados

---

em sua gramática alvo. Digo aparentemente porque, ao repetir muitas vezes e ao longo de todo o período pesquisado uma mesma cláusula, E. apenas reproduziu ou refletiu aquilo que o *input* lhe apresentava.

O mesmo tipo de análise poderá ser feita para o caso das crianças paulistas. Elas adquiriram primeiro *QU deslocado* e tão tardiamente *QU in situ* (quase 2 anos mais tarde) porque a exposição dessas crianças à estrutura *QU in situ*, provavelmente, foi muito pequena (algo em torno de 3,7% ou 19%).<sup>39</sup>

É pouco relevante saber que cálculo exatamente corresponderia à *freqüência e tempo de exposição ao input* suficiente para desencadear a fixação de um parâmetro, até porque esse número pode variar de criança para criança motivado por fatores extra gramaticais, assim como varia, por exemplo, de criança para criança o momento em que elas começam a dar os primeiros passos e quanto tempo cada uma leva para aprender a andar. O importante é constatar que *freqüência e tempo de exposição ao input* têm um grau de representatividade que talvez corresponda ao peso que define se o itinerário de aquisição de um parâmetro será este ou aquele. Peso que pode ser verificado em quadros empíricos como o apresentado aqui, cuja

---

<sup>39</sup> Uma pesquisa, realizada por Simões (1999), que tem como objeto de estudo a aquisição do sujeito nulo, também encontrou paralelismo entre os dados da criança e os dados do *input*. Esse estudo defende a hipótese de que já aos 2;4 a produção da criança exibe as mesmas restrições exibidas pelo adulto em relação ao uso de nulos na posição de sujeito. A análise qualitativa, feita nesse estudo, dos ambientes sintáticos em que sujeitos nulos são usados nos enunciados da criança pesquisada (que está adquirindo o PB) evidencia que as restrições, assim como ocorre na gramática do adulto, estão presentes: sujeitos nulos são altamente restritos nas frases em que posições em CP estão preenchidas. A autora destaca o fato de que, em línguas tipicamente *pro-drop*, como o italiano e o português europeu, as crianças usam percentuais bastante altos de sujeitos nulos já nesta idade (2;4-3;0) e tais percentuais se conservam até a idade adulta. Em línguas em que a opção paramétrica não é essa mesma, as crianças, de qualquer forma, usam nulos na posição de sujeito em determinado estágio do desenvolvimento lingüístico; seu número, contudo, é mais restrito. Esse seria o caso do PB, que, em termos do percentual de nulos na fala da criança, agrupa-se com línguas em que o uso de sujeito nulo é vedado ou restrito, como o inglês, o alemão e o francês, e não com línguas tipicamente *pro-drop*, como o italiano e o português europeu. De acordo com as análises da autora, entre os 2;4 e os 3;0 de idade, a criança falante de PB usa sujeitos nulos, devendo contar com alguma categoria vazia licenciada para esta posição, mas não o faz em percentuais semelhantes a línguas em que o *input* oferece à criança evidências de que, na posição sujeito, possa ocorrer um *pro* localmente licenciado e identificado, como o italiano ou o português europeu, dentro da mesma faixa etária.

variação de itinerário de fixação de um mesmo parâmetro (com o mesmo valor para os diferentes dialetos) revela que o mecanismo de fixação de parâmetros deve se constituir como algo que, embora seja predeterminado, uniforme e inerente a toda a espécie humana, não fecha o leque da variabilidade de itinerários de aquisição.

### **4.3 A *economia* na aquisição da linguagem**

Outra questão a ser discutida é relativa aos princípios de economia na aquisição da linguagem. Depois de ter vencido o problema do “pequeno lingüista”<sup>40</sup>, com Princípios e Parâmetro, a teoria gerativa busca aproximar-se ainda mais da idéia de instantaneidade da aquisição, presumindo que a tarefa da criança é tanto mais simples quanto possível for. De acordo com Kato (1999), na visão minimalista, a criança é guiada no processo de aquisição por princípios de economia. “Antes de saber a natureza da morfologia, a criança iniciaria com o valor do parâmetro mais econômico, com a morfologia tanto verbal quanto nominal presumidas fracas...” (Kato,1999:15)

Que interpretação se pode fazer da idéia de a criança ser guiada por princípios de economia na aquisição da linguagem? Kato (1999) esclarece que as operações só acontecem de forma visível quando absolutamente necessárias e a derivação mais bem avaliada, portanto, é a que tem os movimentos encobertos (só em Forma Lógica), com uma saída fonética

---

<sup>40</sup> A versão padrão da teoria gerativa acabou concebendo a criança adquirindo a linguagem como um “pequeno lingüista” pelo fato de conceber que a criança precisaria selecionar regras para adquirir uma língua particular.

Análise dos dados

---

precoce. Assim, a economia derivacional ocorre se a aquisição se inicia pela opção paramétrica correspondente a movimentos encobertos.<sup>41</sup>

A hipótese do subconjunto (de Berwick, 1985) e a hipótese da opção *default* (de Hayms, 1986), que se guiam pela idéia de que o ponto de partida  $S_0$  estaria acionado em uma das possíveis posições paramétricas<sup>42</sup> (um valor padrão, fornecido pela GU), correspondem, a meu ver, a uma noção de economia em termos de *learnability*, uma vez que a opção de valor paramétrico previamente fixado pela GU pode não corresponder àquela que representa movimento encoberto, como ocorre com a estrutura *QU deslocado*.

---

<sup>41</sup> Avalia-se que há um menor custo para a estrutura *QU in situ* considerando-se, de acordo com a versão do PM de 1995, que essa estrutura não implica movimento do constituinte-QU, nem em PF (Forma Fonética) nem em LF (Forma Lógica), enquanto que na estrutura *QU deslocado* há esse movimento abertamente, ou seja, em PF. Esta é a posição assumida aqui como ponto de partida da discussão. Mas essa não é a única possibilidade de avaliar essa questão. *QU in situ* pode ser avaliada como a estrutura de maior custo numa análise como a de Ambar (1992:253-267). De acordo com essa análise, na estrutura *QU in situ*, a legitimação do elemento marcado com [+Foco] (no caso o elemento-QU) implica um custo, não existente em *QU deslocado*, que é: ou a subida do verbo em estrutura-S (nível ainda considerado em versões anteriores ao PM) ou a estratégia do *acento de intensidade* em PF com a elevação do verbo em LF. Segundo a autora, os constituintes Foco em posição-A (posição argumental) estão sujeitos a movimento em LF, como proposto em Chomsky (1977, 1981). Ao contrário, os constituintes-QU em COMP, embora sejam também constituintes focalizados, não sofrem movimento em LF (sofrem movimento em estrutura-S). Considerando que Mova- $\alpha$  se aplica em LF aos elementos Foco, a autora propõe que, em sintaxe (estrutura-S), a legitimação do constituinte focalizado em posição argumental se dá através da regência canônica e essa legitimação decorre da necessidade de a variável originada em LF (no caso da estrutura *QU in situ*) ser canonicamente regida. Já a posição-A' (posição não-argumental), como a que é ocupada pelos constituintes-QU movidos em estrutura-S, não sendo uma posição candidata a receber uma variável, não está sujeita ao requisito da direcionalidade. Porém, o vestígio deixado na posição de base do elemento-QU movido para Spec é ele próprio canonicamente regido. Segundo a análise da autora, de acordo com a qual em (1) abaixo o elemento-QU está *in situ*, o Foco sobre o sujeito (quem), em (1b), é legitimado em sintaxe pela subida do verbo para COMP neste nível. De acordo com sua proposta, se o constituinte Foco não for assim legitimado em sintaxe sairá da estrutura-S marcado [+Foco] e será legitimado em LF através da subida do verbo para COMP nesse nível e, em PF, através do *acento de intensidade*, exemplo (1c) abaixo. Assim, de acordo com a autora, um elemento marcado [+Foco] pode ser legitimado em estrutura-S ou em LF e PF.

- (1) a. \*O Pedro disse que quem escreveu esse poema?  
b. O Pedro disse que escreveu quem esse poema?  
c. O Pedro disse que QUEM escreveu esse poema?

(Obs.: Os dados da autora são do português europeu)

<sup>42</sup> Em uma das duas, quando só houver duas opções ou em uma de algumas, quando houver mais de duas possibilidades (cf. Meisel, 1997)

Hipóteses como essas, que supõem que a criança já parte de  $S_0$  com a opção *default*, para depois reajustar o parâmetro, não atendem à situação empírica aqui discutida, que mostra que tanto *QU in situ* quanto *QU deslocado* são adquiridas inicialmente. Se houvesse, pois, uma opção de partida predeterminada, não ocorreriam itinerários diferenciados de aquisição, como os que ocorreram com a aquisição de interrogativas-QU pelas crianças aqui estudadas. Elas teriam que, obrigatoriamente, iniciar sua aquisição pela opção *default*.

As interpretações que as autoras Sikansi (1999), Grolla (2000) e Sell (2001) dão aos princípios de economia como guia da aquisição, quando procuram explicar o fenômeno de aquisição tardia de *QU in situ* em PB, não seguem um caminho guiado por economia derivacional. Como *QU deslocado a priori* não pode ser a opção mais econômica, uma vez que envolve operação de movimento visível para categoria funcional, operação ausente em *QU in situ* (pelo menos visivelmente), as três autoras investigam a possibilidade da existência de um “complicador” para o processo de aquisição de *QU in situ*, estrutura *a priori* mais barata. Sikansi (1999) prevê uma diferença de emprego entre *QU deslocado* e *QU in situ* que submeteria a aquisição de *QU in situ* à percepção de contextos pragmáticos e específicos de realização dessa estrutura; Grolla (2000) indexa a aquisição de *QU in situ* à aquisição de um resumptivo especial (Pro<sub>especial</sub>); e Sell (2001) também indexa a aquisição de *QU in situ*, mas à aquisição das estruturas-QU com complementizador aberto e não a um resumptivo especial.

Dessa forma, as interpretações das três autoras a respeito da atuação de princípios de economia na aquisição não se referem à natureza derivacional ou gramatical dos valores paramétricos, mas ao processo de aquisição (*learnability*), que, neste caso, envolve indexação com aspectos e fenômenos não intrínsecos aos valores paramétricos adquiridos. Em outras palavras, a aquisição de *QU in situ* em PB seria tardia não porque *QU in*

Análise dos dados

---

*situ* seja derivacionalmente mais cara que *QU deslocado* (adquirido quase 2 anos antes de *QU in situ*), mas porque o processo de aquisição de *QU in situ* teria um “complicador” e, por isso, seria mais custosa. Então eu pergunto: como compreender, neste caso, que a aquisição de interrogativas-QU em PB está sendo guiada por princípios de economia se a estrutura derivacionalmente mais econômica, *QU in situ*, é processualmente<sup>43</sup> a mais custosa para a aquisição?

Essa questão levanta um ponto crucial em relação ao papel da economia na aquisição. Esse papel seria estrutural (derivacional) ou seria processual? Em outras palavras, seria o de estabelecer que a criança inicia sua aquisição por uma opção derivacionalmente mais econômica, ou seria o de estabelecer que a criança marca inicialmente determinado valor paramétrico porque o processo de aquisição daquele valor é mais econômico, como ocorre com as propostas de Sikansi (1999), Grolla (2000) e Sell (2001)?

Com base na economia derivacional, a opção mais econômica dentre as estruturas das interrogativas-QU do PB é a estrutura *QU in situ*, condizente com os moldes minimalistas, que prevêem que as operações só acontecem de forma visível quando absolutamente necessárias (cf. Chomsky, 1995). Entretanto, o quadro geral de aquisição de interrogativas-QU em PB, em discussão, mostra que nem sempre a estrutura *QU in situ* é a primeira estrutura a aparecer. Segundo os dados apresentados por Grolla (2000) e Sikansi (1999), essa estrutura aparece bem mais tarde que *QU deslocado*. Então eu pergunto: Por que a estrutura presumivelmente mais econômica não é a primeira a parecer, mas a derradeira e em alguns casos? O fato de *QU in situ* ser derivacionalmente mais econômica que a estrutura *QU deslocado* em nada contribui para que aquela seja adquirida primeiro?

---

<sup>43</sup> Em termos de *learnability*.

Análise dos dados

---

Sikansi (1999), Grolla (2000) e Sell (2001) têm razão quando dão uma interpretação processual ao papel da economia ao procurarem explicação para a aquisição tardia de *QU in situ* em PB, verificada nos dados, pois não sendo *QU deslocado* o tipo derivacional de interrogativa-QU mais econômico, fecha-se a possibilidade de supor razões estruturais (diretamente relacionadas às estruturas em questão), fundamentadas em princípios de economia, para a aquisição tardia de *QU in situ*. Porém, os dados da presente pesquisa não confirmam os motivos para a aquisição tardia de *QU in situ* apontados pelas autoras. Digo que elas têm razão porque os itinerários diferenciados de marcação de valor paramétrico verificado nos dados, sobretudo entre as duas crianças baianas (que estão adquirindo supostamente a mesma gramática), é um indício de que é possível haver alterações processuais na aquisição com base no *input*, do contrário, como explicar que um elemento desencadeador de fixação paramétrica tenha levado a itinerários diferentes de aquisição?

Diante do exposto, é plausível supor que o papel da economia na aquisição não diz respeito apenas à escolha da opção do valor paramétrico mais econômico, mas também ao próprio processo de aquisição, que deve tornar a tarefa da criança o menos custosa possível, ao mesmo tempo em que lhe dá possibilidade de, diante de evidências fragmentárias e também variadas, deduzir o valor do parâmetro em questão em sua gramática alvo, dentre os valores possíveis de marcação paramétrica.

## 4.4 – Um possível mecanismo de marcação paramétrica

A grande questão aqui é entender como e por que a fixação de um valor paramétrico ocorreu através de itinerários diferentes (conforme quadro empírico aqui discutido), isto é, por que as crianças paulistas pesquisadas começaram a aquisição das interrogativas-QU apenas com a estrutura *QU deslocado*, enquanto que as crianças baianas pesquisadas começaram com *QU deslocado* mas também *QU in situ*. Será que a explicação seria porque se tratam de gramáticas diferentes?

Essa é uma explicação plausível, pois, sendo diferentes dialetos, possivelmente se tratam de gramáticas diferentes (mesmo que tenham um grau de proximidade muito grande), que podem apresentar estratégias diferentes de aquisição. Mas essa alternativa de explicação não desfaz a questão, uma vez que as duas crianças baianas, que presumivelmente estão adquirindo o mesmo dialeto, também apresentaram itinerários de aquisição de interrogativas-QU diferentes. Além do mais, se imaginamos que a aquisição da linguagem é guiada por princípios de economia, mas cada dialeto apresenta uma estratégia diferente de marcação de valor paramétrico, caímos num paradoxo, porque a tarefa da criança processualmente se complica. A aquisição da linguagem será processualmente mais econômica se houver um mecanismo de aquisição que seja universal, mas que não feche o leque de possibilidades de itinerários diferentes para marcação do valor de um determinado parâmetro. Explicando melhor, as crianças paulistas e as baianas provavelmente estão submetidas ao mesmo mecanismo de marcação do parâmetro do movimento-QU, mecanismo que, aliás, deve ser o mesmo para marcação de qualquer parâmetro. Esse mecanismo funcionaria da mesma maneira para ambas as

crianças, com base nos fatores *freqüência de ocorrências e tempo de exposição aos dados*. A economia está no fato de haver um único mecanismo de marcação paramétrica, ficando as diferenças constadas nos dados de aquisição por conta de um outro fator: as diferenças existentes nos *inputs*.

Analisando a descrição do quadro empírico de aquisição de interrogativas-QU em PB, feita no capítulo 3, observa-se que o fator responsável pelo alto índice de ocorrências da estrutura *QU deslocado* nos dados de E. foi, como vimos, um grande número de ocorrências de uma mesma cláusula (*Que é isso (aqui/ai)?*), que teve também grande freqüência no *input* de E., diferente do que ocorreu com L., já que não houve grande freqüência dessa cláusula nem nos dados de L. nem em seu *input* (ver gráfico 7). Isso mostra que o *input* desempenha um papel representativo no processo de aquisição, que, nesse caso, foi o de determinar itinerário de marcação paramétrica e predominância de determinada estrutura durante o processo de aquisição.

Pode-se, ainda, verificar que o itinerário de aquisição dos tipos estruturais de interrogativas-QU foi determinado pelo peso que cada estrutura teve no *input*, em termos de freqüência, com fidelidade no caso de L., e com quase fidelidade, no caso de E., uma vez que há uma troca de ordem entre a primeira e a segunda estruturas mais freqüente nesse *corpus*, mas essa troca tem sua justificativa também no fator *freqüência de dados no input*, por causa da grande freqüência no *input* dessa criança da cláusula que acabei de mencionar. Observe o quadro:

Análise dos dados

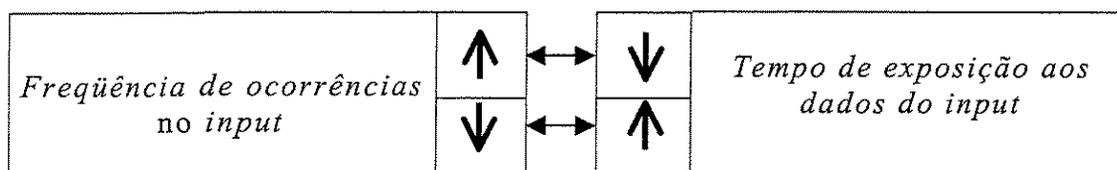
**Quadro 5**

(relação entre dados da fala infantil e dados do *input* com base nos fatores *freqüência de ocorrências e tempo de exposição ao input*)

estruturas	Ordem por freqüência no <i>input</i> de E.	Ordem por surgimento nos dados da fala de E.	Ordem por freqüência no <i>input</i> de L.	Ordem por surgimento nos dados da fala de L.
<i>QU in situ</i>	1 <sup>a</sup>	2 <sup>a</sup>	1 <sup>a</sup>	1 <sup>a</sup>
<i>QU deslocado</i>	2 <sup>a</sup>	1 <sup>a</sup>	3 <sup>a</sup>	3 <sup>a</sup>
<i>QU é que</i>	3 <sup>a</sup>	3 <sup>a</sup>	4 <sup>a</sup>	4 <sup>a</sup>
<i>QU que</i>	4 <sup>a</sup>	4 <sup>a</sup>	2 <sup>a</sup>	2 <sup>a</sup>
<i>é QU que</i>	5 <sup>a</sup>	5 <sup>a</sup>	5 <sup>a</sup>	5 <sup>a</sup>

Obs.: *é QU que* não aparece nos dados de E., mas obviamente será a 5<sup>a</sup> estrutura, quando aparecer.

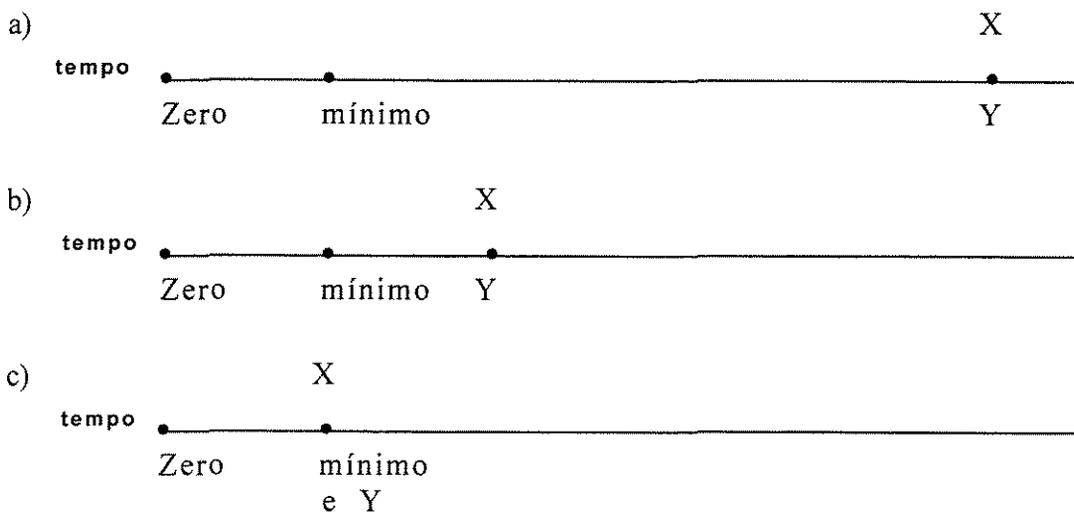
A partir dessa análise, levanto a hipótese de que existe uma relação de proporcionalidade inversa entre *freqüência de ocorrências e tempo de exposição aos dados do input*, ou seja, quanto maior a freqüência de determinado dado no *input*, menor precisa ser o tempo de exposição a esses dados e vice-versa, considerando, obviamente, que deve haver uma freqüência e um tempo mínimos necessários, como já foi mencionado, para garantir a fixação do valor paramétrico. Veja o esquema:



Análise dos dados

---

Assim é que o ponto Y (= *período necessário e suficiente*), já mencionado na seção 4.2, pode se afastar do ponto *mínimo* (= *período necessário*) (figura (a) abaixo), se a *freqüência de ocorrências no input* for muito baixa, ou então se aproximar (figura (b) abaixo) ou, até mesmo, coincidir (figura (c) abaixo) com o ponto *mínimo*, se a *freqüência de ocorrências no input* for muito alta:



Por isso é que, por exemplo, para que L. adquirisse a estrutura *é QU que*, foi necessário um tempo muito maior que o tempo necessário para essa mesma criança adquirir a estrutura *QU in situ*. É que a baixa freqüência de *é QU que* no *input* de L. afastou do ponto *mínimo* o ponto Y (figura (a)), que corresponde ao *período necessário e suficiente* para que o número de ocorrências dessa estrutura seja X, isto é, seja *perceptível*. Por outro lado, a alta freqüência de *QU in situ* no *input* de L. exigiu um menor tempo para aquisição dessa estrutura, ou seja, Y nesse caso se aproxima de *mínimo* (figuras (b) ou (c)) e essa estrutura aparece em número *perceptível* em um curto espaço de tempo. Assim é que cada uma das cinco estruturas aparece

Análise dos dados

---

numa ordem que corresponde à ordem de freqüência dessas estruturas nos *inputs* tanto de L. quanto de E. (guardando a ressalva quanto à inversão de *QU in situ* e *QU deslocado* por E. devido a razões também de freqüências no *input*, conforme já vimos), conforme o exposto no quadro 5 acima.

A *freqüência de ocorrências*, combinada ao *tempo de exposição aos dados do input*, também define a proporção de uso de cada estrutura, progressivamente, rumo à gramática alvo. Assim é que tanto L. quanto E., depois de meses realizando praticamente um tipo de estrutura – *QU in situ* no caso de L. e *QU deslocado* no caso de E. – apresentam uma mudança e passam a realizar outras estruturas, aproximando-se da gramática alvo, na mesma proporção em que essas estruturas ocorrem nessa gramática.

Como L. é exposta a uma freqüência grande (81,7%) de *QU in situ* (predominância bem definida de *QU in situ*) ela define *QU in situ* como estrutura predominante bem cedo (aos 1;7.9). Já E. não encontra com a mesma clareza a definição de predominância de *QU in situ*, que apresenta índice de 53,5% no seu *input*, além de ela ser bombardeada pela repetição em grande número de uma mesma cláusula. Isso leva E. a ter que mudar a ordem de predominância, nas últimas semanas, aproximando-se de sua gramática alvo. Para que ambas ajustassem as proporções de uso de cada estrutura de acordo com a gramática alvo, foi necessário um *tempo de exposição aos dados do input* (que apresentam a proporção de uso de cada estrutura, ou seja, o grau da freqüência de cada estrutura), por isso a mudança do quadro de empregos das estruturas levou um certo tempo para ocorrer (aos 2;1.25 para L. e aos 1;11.4 para E.).

Assim, a aquisição da linguagem se dá através de um processo em que, presumivelmente, *freqüência de ocorrências* e *tempo de exposição ao input* têm um papel representativo. Mas, como se processaria a marcação paramétrica nesse espaço de tempo e a partir de determinado número de ocorrências? Uma hipótese pode ser a de que a criança seja dotada de um

mecanismo de aquisição da linguagem, que possibilite marcar (de maneira uniforme a partir do que é oferecido no *input*) os valores paramétricos que tenham uma certa frequência e ocorram em um certo tempo.

Os parâmetros da GU estão relacionados ao léxico e não ao sistema computacional, conforme propõe Chomsky (1995: 131). Cada parâmetro, segundo ele, refere-se a propriedades de elementos e específicos do léxico ou a categorias de itens lexicais, e a aquisição da linguagem é essencialmente uma questão de determinar as idiosincrasias lexicais. Disto pode-se supor que o acesso aos valores paramétricos ocorre via aquisição de vocabulário lexical, isto é, os elementos do léxico estão, no *input*, invariavelmente acompanhados de seus rótulos sintáticos, assim como estão acompanhados de rótulos semânticos. Dessa forma, a aquisição dos elementos lexicais não se daria sem a aquisição simultânea de seus respectivos rótulos sintáticos (e também semânticos). Nesses rótulos sintáticos é que se encontram inscritos os valores paramétricos, que se referem somente a elementos funcionais, também de acordo com Chomsky (1995: 131)

Segundo Meisel (1997), um traço só pode ser incluído na gramática infantil se a criança puder atribuir-lhe uma estrutura. Eu diria que esse processo é automático – à medida que a criança adquire o léxico ela marca automaticamente as propriedades paramétricas que acompanham seus elementos e que são identificadas através das construções de superfície. É como se cada elemento viesse com um manual de instrução de funcionamento. Algumas dessas inscrições apresentam traços morfológicos foneticamente realizados.

Esse automatismo se refere à marcação do parâmetro em relação ao elemento lexical, mas é óbvio que para aquisição do elemento lexical é necessário que a criança seja exposta a uma *frequência de ocorrências* em um certo *tempo*, não podendo apresentar esses dois fatores um valor

Análise dos dados

---

numérico nem igual a zero nem a um número inferior a o mínimo necessário e suficiente, como vimos.

Como ocorreria a percepção do item lexical e, conseqüentemente, dos valores paramétricos no processo de aquisição? Talvez, a criança seja dotada de um mecanismo de aquisição da linguagem que funciona com base nos fatores *freqüência de ocorrências* e *tempo de exposição aos dados do input*. Fazendo uma analogia: se nós olharmos rapidamente para um jardim com uma grande quantidade de flores amarelas e uma pequena quantidade de flores brancas, desviando a vista em seguida, teremos grande probabilidade de pensar que naquele jardim só há flores amarelas. Se voltarmos a nossa vista, detendo-a na imagem do jardim por um tempo um pouquinho maior, perceberemos que além das amarelas há também algumas flores brancas e, detendo a nossa vista por um tempo ainda maior, vamos perceber que além das flores amarelas em grande quantidade e brancas em um número menor, há ainda, em pequena quantidade, flores amarelas de uma tonalidade mais clara que as outras.

Semelhantemente, a criança teria uma visão inicial não-seletiva do *input*, ou seja, o que é mais freqüente é o que é percebido primeiro (ficando a criança “cega” para as outras propriedades<sup>44</sup>), é o que primeiro aparece e é o que tem predominância no período de aquisição. A criança precisa, entretanto, de *freqüência* e *tempo* mínimos para a percepção de cada valor paramétrico. É como se ela fosse recebendo uma agulhada a cada ocorrência no *input*. Depois de atingido um certo número, não preciso, de agulhadas<sup>45</sup> o parâmetro estaria marcado.

---

<sup>44</sup> Essa idéia tem, de certa forma, aparecido na literatura. Segundo Meisel (1997), novas propriedades gramaticais precisam ser encaixadas ao sistema já existente e, antes que uma nova propriedade se encaixe ao sistema, o indivíduo em fase de aprendizagem fica “cego” em relação àquilo que o *input* oferece.

<sup>45</sup> Com essa metáfora, com referência a agulhadas, quero chamar a atenção para o fato de que uma ocorrência lingüística corresponde a algo praticamente imperceptível no processo de aquisição da linguagem, assim como é praticamente imperceptível o pequeno orifício feito por uma agulha em uma folha de papel, por exemplo. Vários orifícios de agulhadas juntas terão evidência, da mesma forma que é necessário um certo

Através desse suposto mecanismo tem-se uma alternativa de explicação para o fato de as crianças paulistas terem iniciado sua aquisição de interrogativas-QU por *QU deslocado* e ter levado longo tempo para apresentar as demais estruturas, sendo *QU in situ* a derradeira, e de as duas crianças baianas, adquirindo o mesmo dialeto, terem apresentado itinerários diferentes para chegar à mesma gramática alvo. Independentemente de fatores estruturais, como haver ou não movimento visível de elemento-QU, cada criança apresentou primeiramente a estrutura mais freqüente. Em outras palavras, o processo de marcação do parâmetro é exatamente o mesmo tanto para as crianças paulistas quanto para as baianas. Os itinerários diferenciados de aquisição de interrogativas-QU revelado pelos dados empíricos têm suas motivações na *freqüência* diferenciada que os tipos de estruturas de interrogativas-QU apresentaram em cada *input*.<sup>46</sup>

Essa hipótese está em conformidade com a idéia, muito difundida na literatura, de que a aquisição se dá através de evidências positivas. Se é nos rótulos dos elementos lexicais que a criança vai encontrar evidências para marcar valores paramétricos, a ausência de elementos lexicais (ou uma freqüência ainda muito baixa) significa a impossibilidade de percepção do valor paramétrico, ou seja, assim como o elemento lexical não se apresenta sozinho, o valor paramétrico também não, por isso ele só pode ser percebido através de evidências positivas.

---

número de ocorrências de construções com determinado valor paramétrico no *input* para que a criança possa percebê-lo. Esse certo número de ocorrências está associado a um determinado tempo, assim como os orifícios no papel podem ser feitos de forma mais acelerada ou de forma mais lenta.

<sup>46</sup> Conforme vimos no capítulo 2, para Kato (1999:13) a controvérsia entre os que afirmam que, no período léxico-temático, a criança só possui categorias lexicais e outros estudos, como o de Rizzi (1994), de acordo com o qual a criança italiana possui I mas não possui CP, indica que os dados das crianças refletem a diferença de "*input*".

Meisel (1997) apresenta como um dos problemas para a hipótese de processo dedutivo de aquisição o fato de que, como um número reduzido de evidências é suficiente para a marcação paramétrica, como explicar que as crianças não fixem estruturas agramaticais que os adultos costumam produzir ao falar com a criança, como ocorre com o “manhês”? Villiers (1997) relata que, embora o inglês seja uma língua de parâmetro [+movimento-QU], os adultos costumam realizar frases como “*You like who?*”. Entretanto, segundo relato do autor, as crianças pequenas falantes do inglês praticamente nunca produzem este tipo de frase. Ao analisar dados do *input*, o autor caracteriza como “surpreendente” a *freqüência de ocorrências* de frases como a citada acima, apresentando números que correspondem a 1,24% de ocorrências por amostra. Esse fenômeno constitui uma evidência favorável à hipótese aqui levantada de que os fatores *freqüência de ocorrências* e *tempo de exposição a os dados do input* têm um papel relevante no mecanismo de aquisição da linguagem. O percentual de ocorrência de *QU in situ*, nesse caso, é muito baixo (embora o autor considere surpreendente) para que a criança tome como alvo de marcação paramétrica de movimento-QU o valor negativo (*QU in situ*) e não positivo (*QU deslocado*). Além disso, o percentual de ocorrências de *QU deslocado* é muito superior.

É claro que eu não estou considerando que *freqüência* e *tempo de exposição aos dados do input* sejam os únicos fatores presentes no mecanismo de aquisição da linguagem. Os valores inscritos nos rótulos dos elementos lexicais estão relacionados presumivelmente a um conjunto de propriedades que são dedutivamente marcadas junto com o parâmetro. E essas propriedades podem ter desdobramentos que exijam da criança um maior tempo no processo de aquisição, como o que sugere, por exemplo, a hipótese de Sikansi (1999).

Análise dos dados

---

Determinada propriedade diferencia, para a autora, as estruturas *QU in situ* e *QU deslocado*, levando a criança, como vimos, a ter que identificar no *input* quais os contextos específicos de realização de *QU in situ*. Essa hipótese não fica de todo inviabilizada. Ela não pode ser considerada para o PB como um todo, mas talvez seja plausível, considerando-se que a diferença de propriedade, que a autora afirma existir entre *QU deslocado* e *QU in situ* (sendo essa a razão do maior custo da aquisição de *QU in situ*) pode existir no dialeto paulista e não existir no dialeto falado no Estado da Bahia, o que poderia justificar a maior abundância de *QU in situ* no dialeto baiano do que no paulista e os itinerários diferenciados de aquisição aqui discutidos.

Discordo, porém, da idéia da autora de que as crianças pesquisadas por ela iniciaram sua aquisição por *QU deslocado* porque no PB esse parâmetro tem valor positivo. Também discordo da proposta de reajuste de parâmetro, assumida por Grolla (2000). No período inicial de aquisição, a criança não está ainda com o parâmetro completamente marcado, na minha opinião. O que a criança apresenta como construções de superfície, nesse período, reflete um parâmetro em processo de marcação, e provavelmente a criança não apresenta nesse período todas as propriedades (correspondentes à língua alvo) relativas ao valor aparentemente marcado do parâmetro.

No processo de aquisição, que estou hipotetizando, a criança não precisa marcar o parâmetro em questão como [+movimento-QU] para depois reajustá-lo para [+movimento-QU] como propõe Grolla (2000). Durante todo o período de aquisição, a criança apresenta parâmetros incompletos em sua marcação, se estes ainda não correspondem à gramática alvo. No caso do parâmetro do movimento-QU em PB, este fica em processo de definição durante todo o tempo necessário para que a criança seja exposta a um número X de ocorrências e marque ao final do processo o parâmetro como [+movimento-QU]. Junto com essa marcação ficam registradas informações

Análise dos dados

---

como proporções de emprego de cada estrutura, contextos específicos de uso (no caso do dialeto paulista, se a hipótese de Sikansi (1999) estiver correta).

As produções infantis aparentemente deficitárias, que fizeram maturacionistas como Radford (1990) propor que o período dos 18 aos 24 meses seria um período léxico-temático, em que a criança não apresenta categorias funcionais, pode corresponder a produções de superfície que refletem um parâmetro em processo de marcação, que não apresenta ainda determinadas propriedades, porque não houve ainda *tempo de exposição ao input* suficiente para a criança marcar completamente o valor desse parâmetro.

No caso dos dados trazidos pelo presente estudo, verifica-se a presença explícita de CP nas produções das crianças baianas pesquisadas muito antes dos 24 meses, como em *quem que é buxa*", realizada por L. aos 1;7.27. Esse dado e mais o fato de as crianças apresentarem itinerários diferentes de aquisição de interrogativas-QU em PB são forte evidência de que o C-sistema está presente desde o início, como propõem os continuístas, pois se assim não fosse não seria possível a variação de itinerários de aquisição de interrogativas-QU verificada no quadro empírico, que abrange os dialetos baiano e paulista.

Se o processo de fixação paramétrica o correr, de fato, da forma como proponho aqui, o papel da economia na aquisição será sobretudo relativo à *learnability*, pois o suposto mecanismo de aquisição, discutido nesta seção, torna o processo de aquisição uniforme, universal sem fechar o leque de possibilidades de itinerários diferentes de aquisição de um parâmetro, definidos pelo *input*, como os verificados no quadro empírico de aquisição de interrogativas-QU em PB aqui apresentado e discutido.

## 4.5 – O parâmetro do movimento-QU no português do Brasil

Como foi apresentado no capítulo 2, temos na literatura propostas para o valor do parâmetro do movimento-QU em PB que sugerem quatro possibilidades de valores: [-movimento-QU], [+movimento-QU], [ $\pm$ movimento-QU] ou não-marcado. O que procuro fazer nesta seção é verificar que hipótese mais se aproxima do quadro empírico de aquisição de interrogativas-QU em PB, apresentado e discutido nos capítulos e seções anteriores, bem como a possibilidade de opcionalidade ou não-opcionalidade e a alternância desse valor, como a borda a discussão feita por Hornstein, Nunes e Grohmann (2001), que propõem a existência de dois  $C^0$  matrizes interrogativos nulos em PB.

A primeira coisa a ser observada é que o valor desse parâmetro deve satisfazer às várias possibilidades de construções de superfície verificadas em PB: com elemento-QU deslocado, com ou sem complementizador foneticamente realizado (os tipos: *QU deslocado*, *QU que*, *QU é que*<sup>47</sup>) ou com elemento-QU *in situ*, com ou sem complementizador foneticamente

---

<sup>47</sup> Sikansi (1999:51) concorda com Lopes-Rossi (1996) que as estruturas interrogativas *QU que* e *QU é que* são derivadas de clivadas, mas defende que são tipos diferentes de clivada que dão origem a esses dois tipos de interrogativa. Por isso, para a autora, essas estruturas devem ser consideradas estruturas diferentes: *QU é que* seria derivada de clivadas invertidas e *QU que* de clivadas sem inversão e sem concordância na cópula. A cópula sofre um apagamento, na matriz, por ser morfologicamente fraca:

- a. Ontem **é que** ele chegou de viagem – clivada invertida  
b. Quando **é que** ele chegou de viagem? – interrogativa com *é que* (tipo *QU é que*)
- a. Foi a Maria **que** fez o bolo. – clivada sem inversão com concordância  
b. quem **foi que** fez o bolo? (tipo *QU é que*)
- a. É hoje **que** ele vai viajar – clivada sem inversão e sem concordância na cópula  
b. Hoje **que** ele vai viajar. – clivada com apagamento da cópula  
c. Quando **que** ele vai viajar? (tipo *QU que*)

Análise dos dados

---

realizado (os tipos: *é QU que*<sup>48</sup> e *QU in situ*). Em segundo lugar, esse parâmetro tem que satisfazer as condições de aquisição verificadas nos *corpora* aqui discutidos, ou seja, a aquisição em PB desse parâmetro se dá via diferentes itinerários, conforme a predominância de determinados tipos no *input*.

A possibilidade [+movimento-QU] parece pouco provável, primeiro porque não atende aos tipos de construções com elementos-QU *in situ*. E segundo porque, se o valor desse parâmetro fosse apenas positivo, L. não poderia começar sua aquisição de interrogativas-QU pelo tipo *QU in situ* nem apresentar esse tipo como predominante todo o tempo, tampouco as demais crianças apresentariam depois de certo tempo de aquisição esse tipo.

A possibilidade [-movimento-QU] só pode ocorrer se os elementos-QU forem tratados como quantificadores e não como operadores, conforme propõe Lopes-Rossi (1996), para satisfazer aos variados tipos de construções de superfície existentes em PB. Entretanto, conforme a observação de Sikansi (1999: 21), é problemático supor que, numa língua como o PB, esse parâmetro seja negativo e o tipo *QU in situ* apresente uma aquisição tão tardia, como a que ocorreu com as crianças paulistas estudadas por Sikansi (1999), Grolla (2000) e Sell (2001). Supondo-se que todas as crianças da espécie humana nascem com a mesma GU, elas teriam que se encarregar ainda da tarefa de descobrir se, em sua língua alvo, o elemento-QU se move porque é quantificador alçado ou porque é operador.

---

<sup>48</sup> O tipo *é QU que*, não registrado nos *corpora* das crianças paulistas pesquisadas, mas registrado nos *corpora* das crianças baianas aqui pesquisadas, pode ser explicado, a meu ver, partindo da proposta de Sikansi (1999), apresentada na nota anterior. Das clivadas sem inversão, com ou sem concordância pode-se derivar a estrutura *é QU que*. O que não vai ocorrer é apagamento de cópula.

- a. Foi a Maria **que** fez o bolo. – clivada sem inversão com concordância  
b. Foi **quem que** fez o bolo? (tipo *é QU que*)
  
- a. É hoje **que** ele vai viajar – clivada sem inversão e sem concordância na cópula  
b. É **quando que** ele vai viajar? (tipo *é QU que*)

Análise dos dados

---

Conhecimento abstrato que exigiria pistas derivacionais que precisariam estar claras para criança nas construções de superfície, lembrando que, por lógica, as evidências devem ser positivas. Então, haveria, nesse caso, um fator “complicador” da tarefa da aquisição, o que entra em choque com a idéia de economia como guia da aquisição.

A terceira possibilidade, [+movimento-QU], satisfaz aos variados tipos de construções de interrogativas-QU do PB. Além do mais, a possibilidade de coexistência dos dois valores, paralelamente, cria a possibilidade de a gramática do adulto se apresentar com diferentes arranjos de construções de superfície, com predominância desse ou daquele tipo, como o que se observa, em termos de interrogativas-QU, em relação aos dois dialetos aqui citados. Esses dialetos se diferenciam, pelo que já se pode afirmar diante do quadro empírico aqui discutido, em relação ao tipo de estrutura predominante. Se essa possibilidade de valor paramétrico não fecha o leque para os variados tipos de construções de interrogativas-QU, existentes em PB, não fecha também o leque de possibilidades de variados itinerários de aquisição de um mesmo parâmetro, como o que ocorre com as crianças citadas neste estudo, uma vez que por um caminho ou por outro, via *input*, a criança chegará à marcação do parâmetro em questão com os dois valores.

Não é possível, entretanto, supor que haja reajuste de parâmetro, como propõe Grolla (2000), pois a tarefa da criança se complicaria e as possibilidades de itinerários diferenciados se fechariam. Num sistema processualmente mais econômico, a criança vai marcando os dois valores ao mesmo tempo à medida que vai recebendo as agulhadas do *input*, isto é, as “entradas”<sup>49</sup> do *input*. Sendo assim, a criança pode começar por essa ou aquela estrutura, a que for mais abundante, ou por dois tipos de estruturas

---

<sup>49</sup> A expressão “‘entradas’ do *input*” parece redundante, mas o termo “entrada” aqui assume o sentido específico referente ao processo de contato da criança com cada elemento do *input*.

que correspondem aos valores negativo e positivo que seriam, assim, marcados no mesmo período da aquisição. Tudo vai depender dos arranjos das construções de superfície no *input*.

A possibilidade de o parâmetro em estudo ser não-marcado em PB, como propõe Sell (2001), produz, em certo sentido, os mesmos efeitos da dupla marcação +/-, isto é, cria condições para os variados tipos de construções de interrogativas-QU do PB, com predominância desse ou daquele tipo e favorece a aquisição por diferentes itinerários, uma vez que os valores positivo e negativo, que representam o movimento e o não-movimento (em sintaxe aberta, ou em PF e LF, como é proposto mais recentemente no PM) estão representados pelos traços-QU forte e fraco dos dois  $C^0$ . Considerar que o parâmetro do movimento-QU em PB é duplamente marcado como +/- ou que não é marcado com nenhum dos dois valores (nem com + nem com -) não altera concretamente a interpretação do fato empírico. De alguma forma, é preciso prever as possibilidades de movimento e de não-movimento dos elementos-QU, seja representando esse fato por meio de valores paramétricos, como em GB, ou por meio de verificação de traços, como no PM.

O problema da dupla marcação está, na verdade, na opcionalidade entre os dois valores em certos casos em PB, como nos exemplos (2) e (3), repetidos abaixo, nos quais essa opcionalidade é claramente inexistente. Em casos como esses o valor admissível para o parâmetro do movimento-QU é apenas o positivo, uma vez que as letras “b” são inaceitáveis para os falantes do PB (nos dois dialetos em discussão). Assim sendo, como a criança saberá que os exemplos (2b) e (3b) não são estruturas possíveis na sua língua alvo, sem lançar mão de evidências negativas? Ou seja, se o parâmetro em questão possui valor [+ ou -] opcional, a criança deveria deduzir que essa opcionalidade se estende a todos os casos, no entanto a criança não realiza essas “agramaticalidades”.

(2). a. *Como que* Você consertou o carro?

b. \**Que* você consertou o carro *como*?

(3) a. Eu perguntei *como (que)* você consertou o carro.

b. \*Eu perguntei *(que)* você consertou o carro *como*?

(Hornstein *et al*, 2001:11)

Hornstein, Nunes e Grohmann (2001) vão além de casos como (2) e (3), nos quais apenas a opção com movimento visível é possível. Como vimos no capítulo 2, para eles, mesmo em casos como (1), a baixo repetido, não há opcionalidade, ou seja, mesmo nos casos em que parece haver claramente opcionalidade, essa opcionalidade é ilusória, porque haveria dois  $C^0$  matrizes interrogativos nulos em PB, um com traço forte (1a) e outro com traço fraco (1b).

(1) a. Que livro você disse que ela comprou?

b. Você disse que ela comprou que livro?

A existência de dois  $C^0$  matrizes interrogativos em PB facilita, a meu ver, em termos de *learnability*, a tarefa da aquisição do parâmetro do movimento-QU e resolve o problema levantado atrás. À medida que a criança vai adquirindo vocabulário lexical, ela vai marcando os valores dos dois  $C^0$ . Os itens lexicais vêm acompanhados de seus rótulos com inscrições de propriedades, conseqüentemente, a criança vai recebendo, juntamente com a aquisição do léxico, informação a respeito dos contextos sintáticos em que cada  $C^0$  pode ser realizado. Dessa maneira, a criança tem sua tarefa facilitada, ou pelo menos não dificultada, porque ela está adquirindo itens lexicais diferentes, que não são concorrentes porque partem de numerações diferentes.

A criança marca, então, esse parâmetro, como marca qualquer outro, através das “agulhadas”, ou “entradas”, ao ficar exposta a uma determinada

*freqüência de ocorrências no input* em determinado *tempo*, sem lhe ser acrescentada nenhuma tarefa extra. A proposta que apresentei anteriormente, que sugere que a aquisição se dá via mecanismo processual universal e uniforme, mas sem fechar o leque para possibilidade de itinerários diferentes para aquisição de um mesmo parâmetro, fortalece-se aqui. Se há dois  $C^0$  independentes, eles serão adquiridos independentemente, o que abre caminho para variados itinerários, como os que se observam nos *corpora* aqui analisados, sem que o processo de aquisição se altere em nada para cada uma das crianças.

Algo muito interessante pode ser observado agora. Se os valores negativos e positivos do parâmetro do movimento-QU em PB correspondem a dois  $C^0$  matrizes independentes, cada um dos quais é adquirido via mesmo processo de marcação com base nas ocorrências no *input*, as aquisições dos variados tipos de interrogativas-QU se igualam em termos de custo processual. Assim, o leque de possibilidades de itinerários fica aberto para retratar o *input*, como ocorre com as crianças observadas.

Um dos problemas apresentados para essa hipótese da existência de dois  $C^0$  matrizes nulos em PB é o fato de se ter que assumir a existência de um elemento a mais no conjunto do universo da GU, a saber: outro  $C^0$  matriz<sup>50</sup>. De acordo com Sell (2001:19) essa idéia de que haveria dois tipos de  $C^0$  e não apenas um, como seria natural supor, aparece ainda de forma um tanto quanto *ad hoc*. É preciso, de acordo com a autora, que outras evidências sejam apresentadas, além das apresentadas pelos autores, para essa hipótese.

O quadro empírico de aquisição de interrogativas-QU apresentado e discutido neste estudo traz, a meu ver, evidência da existência de dois  $C^0$  matrizes interrogativos nulos. Se cada um desses  $C^0$  representa um item

---

<sup>50</sup>  $C^0$  com traço-QU forte e  $C^0$  com traço-QU fraco são concebidos por essa hipótese como dois itens lexicais distintos.

lexical distinto, torna-se possível, como vimos, ocorrerem itinerários de aquisição diferentes entre os diversos dialetos. Se, por outro lado, o C<sup>0</sup> é único, com um traço-QU opcional (+ ou -), fecha-se o leque de possibilidades de itinerários de aquisição e, nesse caso, como explicar que crianças possam marcar parâmetro relativo a um mesmo item lexical seguindo caminhos diferentes? Voltamos às questões já feitas: Haveria uma pista? Por que essa pista funcionaria de maneiras diferentes no processo de aquisição entre as crianças baianas e paulistas? Por que as crianças não realizam estruturas “agramaticais” como (1a e 1b)?

O problema que vejo na análise que Hornstein *et al* (2001) fazem das construções de interrogativas-QU em PB reside no fato de esses autores considerarem que estruturas como em (4b), citada no capítulo 2 e repetida abaixo, cujos elementos-QU sejam inerentemente *non-D-linked* (de acordo com Pesetsky (1987)), são agramaticais em PB e, por isso, (4) seria um caso em que ocorre apenas C<sup>0</sup> com traço-QU forte. Essa análise é problemática porque no dialeto baiano (4b) não é inaceitável. Essa cláusula é aceitável no dialeto falado no Estado da Bahia com a mesma acepção metafórica da cláusula (4a).

(4) a. *Que diabo você bebeu?*

b. \**Você bebeu que diabo?* (Hornstein *et al*, 2001:11)

Esse e mais outros casos apresentados por Lopes-Rossi (1996) e Sikansi (1999) como inaceitáveis em PB, mas que identifiquei também como aceitáveis no dialeto baiano, podem ser indício de que talvez exista uma diferença de escopo entre as estruturas *QU deslocado* e *QU in situ* no dialeto paulista que não existe no baiano. Essa seria mais uma evidência de que esses dois dialetos sejam diferentes em relação a interrogativas-QU.

Esta questão é objeto de estudo de trabalho meu ainda em andamento, em pesquisa que ultrapassa os objetivos desta.

A possibilidade de haver a diferença de escopo mencionada no dialeto paulista e não haver no baiano não inviabiliza a possibilidade de existir dois  $C^0$  matrizes interrogativos nulos em PB, porque, no caso de aceitabilidade de (4b) no dialeto baiano, as construções com elementos-QU inerentemente *non-D-linked* tornam-se semelhantes a construções como as do exemplo (1) (repedido na página 103), nas quais estão funcionando os dois  $C^0$ , o com o traço-QU forte em (1a) e o como o traço-QU fraco em (1b):

Assumindo a hipótese de que há dois  $C^0$  em PB, está-se assumindo, por lógica, que o parâmetro do movimento-QU em PB é duplamente marcado, uma vez que os valores positivo e negativo se apresentam nos traços-QU forte e fraco, respectivamente, dos dois  $C^0$ . Esse parâmetro, em PB, seria então [+movimento-QU], mas sem opcionalidade. Outra possibilidade seria abandonar a terminologia de marcação paramétrica e assumir apenas a terminologia minimalista de verificação de traços, e nesse caso o PB continua apresentando os dois valores representados agora pelos dois  $C^0$ .

Ambas as hipóteses se aproximam do fato empírico observado – aquisição de interrogativas-QU em PB via diferentes itinerários –, pois os  $C^0$  com os dois valores criam possibilidade de existência paralela de construções de superfície com elementos-QU *deslocado* ou *in situ*, como ocorre na gramática do adulto, em PB, e possibilitam também aquisição desse parâmetro via processo guiado pela economia, nesse caso, economia em relação ao processo de aquisição.

## Capítulo 5

### Conclusões

Este estudo, que tem o propósito de contribuir com as pesquisas existentes sobre aquisição de interrogativas-QU em português brasileiro, levou-me às conclusões abaixo explanadas, que correspondem a um panorama das reflexões aqui feitas.

Primeiramente, com relação às informações acrescentadas pelos dados do dialeto baiano ao quadro de aquisição de interrogativas-QU em PB posso dizer que: a) o suposto fenômeno de aquisição tardia de interrogativas com estrutura tipo *QU in situ* não se verifica na totalidade dos dialetos do PB, já que este não se verifica no dialeto baiano; b) o itinerário de aquisição das interrogativas-QU em PB se dá de diferentes maneiras entre o dialeto baiano e o dialeto paulista; e c) mesmo entre crianças adquirindo o mesmo dialeto do PB, podem ocorrer variações de itinerário de aquisição de interrogativas-QU – uma das crianças baianas começou a aquisição pela estrutura *QU deslocado* e a outra por *QU in situ*.

Diante desse novo quadro empírico, não se confirma a proposta de Grolla (2000), segundo a qual, para aquisição de interrogativas-QU *in situ* em PB, a criança utiliza-se de uma pista (percepção de resumptivo especial (Pro<sub>especial</sub>) no *input*) para perceber, via dedução, a existência de *QU in situ*. Esse mecanismo teria, considerando suas características, que funcionar

Conclusões

---

para todas as crianças adquirindo o PB, possibilidade inviável no dialeto baiano.

Da mesma forma, a proposta de Sikansi (1999) fica inviabilizada em parte com as novas informações empíricas. Como a aquisição de *QU in situ* no dialeto baiano não é tardia, não se pode dizer que toda criança adquirindo o PB tem que descobrir as especificidades dos contextos pragmáticos de emprego de *QU in situ*. Há a possibilidade, porém, de as referidas especificidades poderem existir no dialeto paulista e não existir no baiano, o que poderia justificar a predominância de *QU in situ* no dialeto baiano, em contraste com baixa ocorrência dessa estrutura no dialeto paulista.

Também fica inviabilizada a hipótese de Sell (2001) de acordo com a qual a aquisição de interrogativas-QU *in situ* em PB se daria por meio da percepção de uma pista no *input* – o complementizador aberto *que* –, pois os dados da presente pesquisa demonstram que a estrutura *QU in situ* pode ser adquirida sem a interferência dessa suposta pista.

A diferença de itinerários de aquisição das interrogativas-QU não se apresenta apenas entre dialetos, mas entre crianças adquirindo o mesmo dialeto, como o que ocorreu entre as duas crianças adquirindo o dialeto baiano. Isto é indício de que a economia estrutural não determina o itinerário de aquisição das interrogativas-QU, pois, se assim fosse, todas as crianças adquirindo o PB deveriam seguir o mesmo itinerário – iniciar sua aquisição pela estrutura supostamente mais econômica (*QU in situ*)

As causas de itinerários diferenciados de aquisição de interrogativas-QU, entre as crianças pesquisadas, estão no *input*, que, de acordo com o que se verifica nos dados estudados, se apresenta com diferentes arranjos de construções de superfície, ou seja, com predominância de um dos tipos de estrutura, ou abundância de determinada cláusula.

Conclusões

---

É possível, então, que a fixação de parâmetros se dê via mecanismo que se baseia em *freqüência de ocorrências e tempo de exposição ao input*. Sendo assim, *freqüência de ocorrências e tempo de exposição ao input* desempenham papel de relevância no processo de aquisição (chegando a determinar itinerários de aquisição) e o peso da economia na aquisição da linguagem está sobretudo em relação ao processo de aquisição propriamente dito.

Das propostas existentes para o valor do parâmetro do movimento-QU em PB a que mais se aproxima do novo quadro empírico aqui apresentado é a que sugere que esse parâmetro, em PB, seria marcado como [+movimento-QU], entretanto, sem opcionalidade e com dois C<sup>0</sup> matrizes interrogativos nulos (um com traço-QU forte e o outro com esse traço fraco) (cf. Hornstein, Nunes e Grohmann (2001)). Havendo dois C<sup>0</sup> no PB, um com o valor forte e o outro com o valor fraco, cria-se possibilidade de existência paralela de construções de superfície com elementos-QU *deslocado* ou *in situ*, como ocorre na gramática do adulto, e possibilidade de aquisição desse parâmetro via processo guiado pela economia.

Outra possibilidade seria abandonar a terminologia de marcação paramétrica e assumir apenas a terminologia minimalista de verificação de traços, e nesse caso o PB continua apresentando os dois valores representados agora pelos dois C<sup>0</sup>.

Por fim, o referido quadro de aquisição sugere que o CP está claramente presente na gramática infantil desde o primeiro momento, porque se as categorias funcionais não se apresentassem desde o início e fosse necessário amadurecimento paulatino dessas categorias, não haveria possibilidade de as crianças paulistas e a criança baiana E. terem iniciado a aquisição de interrogativas-QU pelo tipo *QU deslocado*.

Conclusões

---

Reflexões como as aqui feitas são necessárias na área de investigação à medida que determinados modelos explicativos não se mostram adequados a novas situações empíricas, configurando-se a tensão entre descrição e explicação, que nos empurra a buscar outra perspectiva para novas explicações. Há, entretanto, muito ainda a ser feito em termos de pesquisa com dados empíricos, inclusive buscando novas evidências também em outros domínios a fim de verificar se as hipóteses e propostas aqui levantadas se confirmam.

## Referências Bibliográficas

- AMBAR, M. M. (1992) *Para uma sintaxe da inversão sujeito-verbo em português*. Lisboa: Edições Colibri
- BERWICK, R. (1985) *The acquisition of syntactic knowledge*. Cambridge: MIT Press.
- BORER and K. WEXLER. (1987) "The maturation of syntax". In: Roeper, T. and Williams, E. (eds) *Parameter Setting*. Dordrecht: Reidel Publishing.
- BLOOM, P. (1993) "Grammatical continuity and language development: the case of subjectless sentences". *Linguistic Inquiry*, n. 24, v.4, p.721-34.
- BOŠKOVIĆ, Z. (1998) "Wh-phrases and Wh-movement in Slavic". In: *Comparative Slavic Morphology*, Bloomington, Indiana.
- CHENG, L. (1991) *On the Typology of Wh-Questions*. Doctoral dissertation. Cambridge: MIT.
- CHOMSKY, N. (1965) *Aspects of the Theory of the Syntax*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.
- \_\_\_\_\_. (1977) "On Wh-Movement." In: Culicover P., T. Wasow & A. Akmajian (eds.), *Formal Sytax*. New York: Academic Press, p.71-132.

Referências bibliográficas

---

- \_\_\_\_\_. (1981). "Principles and Parameters in syntactic theory". In: Hornstein, N., and Lighthfoot, D., (eds.), *Explanations in Linguistics*. New York: Longman.
- \_\_\_\_\_. (1986) *Knowledge of Language: its nature, origin and use*. New York: Praeger.
- \_\_\_\_\_. (1988) "Language and Problems of Knowledge". *The Managua Lectures*. Massachusetts: MIT Press.
- \_\_\_\_\_. (1991) "Some notes on economy of derivation and representation". In: R. Freidin (ed) *Principles and parameters of Comparative Grammar*. Cambridge, Mass: The MIT Press
- \_\_\_\_\_. (1993) "A minimalist program for linguistic theory". In K. Hale and S. J. Keyser. Eds *The view from building 20*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.
- \_\_\_\_\_. (1994) "Bare phrase structure. MIT Occasional Papers". In: *Linguistics 5*. Department of Linguistic and Philosophy, MIT, Cambridge, Massachusetts.
- \_\_\_\_\_. (1995) *The Minimalist Program*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.
- CHOMSKY, N. & LASNIK, H. (1991) *Principles and Parameters Theory*. Cambridge, Mass.: MIT.
- CLAHSEN, H. (1992) "Learnability Theory and the Problem of Development in Language Acquisition". In: Weissenborn, J.; H. Goodluck e T. Roeper. *Theoretical Issues in Language Acquisition*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- CLARK, R. E ROBERTS, I. (1992) "A computational model of language learnability". In: *D.E.L.T.A.* V. 8 n . especial.
- \_\_\_\_\_. (1993) "A computational model of language learnability and language change". In: *Linguistic Inquiry*, 24.

Referências bibliográficas

---

- DEMUTH, K. (1996) "Collecting Spontaneous Production Data". In: McDaniel, D.; C. McKee e H. Cairns (eds) *Methods for Assessing Children's Syntax*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.
- FIENGO, R. (1988) "The Syntax of Wh-in-situ". *Proceedings of the seventh West Coast Conference on Formal Linguistics*: 81-99.
- GALVES, C. (1995) "Princípios, parâmetros e aquisição da linguagem". In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 29, p. 139-151
- GROLLA, E. B., (2000) *Aquisição da periferia esquerda da sentença em português brasileiro*. Dissertação de Mestrado, Campinas: UNICAMP.
- GUILFOYLE, Eithne & NOONAN, Márie (1988). *Functional Categories and Language Acquisition*. Paper presented to Boston University Conference On Language Acquisition .
- HORSNTEIN, NUNES & GROHMANN (2001). *Introduction to Minimalist Program*, ms.
- HUANG, C. T. J. (1982) "Move WH in a language without WH Movement". *The Linguistic Review*, 1:4, 369-416.
- HAYMS, N. (1986) *Language Acquisition and the Theory of Parameters*. Dordrecht: Foris.
- KATO, Mary A. (1993) *Word Order Change: the Case of Brazilian Portuguese Wh-Questions*, (mimeo)
- \_\_\_\_\_. (1995) "Sintaxe e Aquisição na Teoria de Princípios e Parâmetros". In: *LETRAS DE HOJE*. Porto Alegre. V 30, n. 4, p. 57-73.
- \_\_\_\_\_. (1999). "Questões atuais da aquisição de L1 na perspectiva da teoria de princípios e parâmetros". In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n. 36, p. 11-15.
- KATO, Mary *et alii* (1996) "As construções-Q no português brasileiro falado: perguntas, clivadas e relativas". In: Koch, I. G. V. (org.) *Gramática do Português Falado*. v. VI, Campinas: UNICAMP/FAPESP

Referências bibliográficas

---

- KATO e RAPOSO (1994) "European and Brazilian Portuguese Worder: Questions, Focus and topic constructions". In: N parodi, C. *Et alii* (eds) *Selected Papers from Linguistic Symposium on Romance Languages XXIV*, Georgetown Press, Washington, D. C.: 267-277.
- LEBEAUX, d. (1988) *Language Acquisition and Form of the Grammar*. University of Massachusetts: PH.D Dissertation.
- LIGHTFOOT, D. (1989) "The child's trigger experience: Degree O learnability". In: *Behavioural and Brain Sciences*, n. 12.
- \_\_\_\_\_. (1991) *How to set parameters: arguments from language change*. Cambridge: MIT Press.
- \_\_\_\_\_. (1999) *Development of Language: Acquisition, Change and Evolution*. Massachusetts: Blackwell Publishers Inc.
- LOPES, R. V. (1995) "O que a criança não nos diz – o lugar da empiria no modelo chomskiano". In: *LETRAS DE HOJE*. Porto Alegre. V 30, p. 83-89.
- LOPES-ROSSI M. A. C. (1996) *A sintaxe diacrônica das interrogativas-Q no PB*. Tese de Doutorado. Campinas:UNICAMP.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. (1991) *Análise da conversação*, série princípios. São Paulo: Ática.
- MARTINS, A. M. (1994) *Clíticos na História do Português*. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa.
- MEISEL, J. M. (1997) Parâmetros na Aquisição. In: Fletcher, P. e Whinney, B. M. *Compêndio da linguagem da criança*. (trad.) Porto Alegre: Artes Médicas.
- PESETSKY, D. (1987) "*Wh in situ*: Movement an Unselective Binding". In: Reuland, E. J. & Meulen, A. G. B. *(In)definiteness*. Massachusetts: MIT Press.

Referências bibliográficas

---

- PERRONI, Maria Cecília (1996) “O que é o dado em aquisição da linguagem?” In: M. F. P. de Castro (org.) O método e o dado nos estudos de aquisição da linguagem. Campinas: UNICAMP
- PINKER, S. (1984) *Language Learnability and Language Development*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.
- PRINCE, E. (1985) “Fancy syntax and ‘shared knowledge’”. In: *Journal of Pragmatics*, n.9, p. 65-81.
- RADFORD, A. (1990) *Syntactic Theory and the Acquisition of English Syntax: The nature of early child grammars of English*. Cambridge: Basil Blackwell.
- RAPOSO, E. (1992). *Teoria da Gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho.
- RAPOSO, E. (1994) Affective Operators and Clause Structure in European Portuguese and European Spanish XXIV LSRL, UCLA/USC.
- RIZZI, L.(1990) “Speculations on Verb Second”. In: Mascaró & Nespor, M. *Grammar in Progress*. Dordrecht, Foris Publications.
- RIZZI, L.(1997). The fine structure of the left periphery. In: Haegeman, L. *Elements of Grammar*. Kluwer Academic Publishers, Netherlands.
- SCARPA, E. (2001). “A Aquisição da linguagem”. In: Mussalim, F. E Bentes, A. C. *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez.
- SELL, F.S.F (2001) *Aquisição das interrogativas WH in situ em português brasileiro*. Memorial para Qualificação em Aquisição da linguagem, CCE, UFSC.
- SIKANSI, N. S. (1999) *A aquisição das interrogativas-Q do Português do Brasil*. Memorial para Qualificação de Tese de Doutorado, DL, IEL, UNICAMP.

Referências bibliográficas

---

- SIMÕES (1999) “Sujeito Nulo na Aquisição do Português do Brasil”.  
In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas: UNICAMP. n.36, p.  
105-130.
- URIAGEREKA, J. (1992) “A focus Position in Western Romance, to  
apper”. In: Kiss, K. (ed.) *Discourse Configurational Languages*. Oxford  
University Press.
- VILLIERS, J. de. (1997) Categorias vazias e frases complexas: o caso  
das perguntas QU-. In: Fletcher, P. e Whinney, B. M. *Compêndio da  
linguagem da criança*. (trad.) Porto Alegre: Artes Médicas.
- WATANABE, A. (1991) *Wh-in-situ, Subjacency and Chain Formation*.  
Massachusetts: MIT, ms.

# Anexos

Tabela 3 (dados de E. por sessão semanal)

Estruturas-QU →		QU deslocado		QU que		QU é que		QU in situ		é QU que		QU isolado		quem/sujeito(dado ambíguo)	
sessão ▼	idade ▼	E.	input	E.	input	E.	input	E.	input	E.	input	E.	input	E.	input
1 <sup>a</sup>	01;05.24		26		14		05		46		05		04		14
2 <sup>a</sup>	01;06.09	01	05		02		12		26				08		25
3 <sup>a</sup>	01;06.17	01	07		04		04		21		01		11		02
4 <sup>a</sup>	01;06.28	06	14		03		05		19		03	01	19		06
5 <sup>a</sup>	01;07.03		13		06		14		11			01	07		01
6 <sup>a</sup>	01;07.19	07	05		03		10		25		01		04		
7 <sup>a</sup>	01;07.26	08	20		06		04		31		05		02		03
8 <sup>a</sup>	01;08.02	05	14		03		10		23				09		
9 <sup>a</sup>	01;08.11		21		10		04		43		01		14		04
10 <sup>a</sup>	01;08.16	05	24		10		01		27		02		17		04
11 <sup>a</sup>	01;09.00		10		02		03		27		01		03		
12 <sup>a</sup>	01;09.06	12	20		05		10	01	41				04		14
13 <sup>a</sup>	01;09.13	02	26		08		03		38				09		07
14 <sup>a</sup>	01;09.19	02	24		11		11		41				10		
15 <sup>a</sup>	01;09.27	04	15		11		05		33		01		14		02
16 <sup>a</sup>	01;10.04	02	18		07		05		34				12		05
17 <sup>a</sup>	01;10.10	02	14		06		01		43				09		03
18 <sup>a</sup>	01;10.14	01	19		03		02		30				11		09
19 <sup>a</sup>	01;10.19		09		05		04		20				08		05
20 <sup>a</sup>	01;11.28	10	16		06		14		39			02	13	02	13
21 <sup>a</sup>	01;11.04		15		03	01	08	02	32		04		07		05
22 <sup>a</sup>	01;11.13	04	19		03		03		44				10		04
23 <sup>a</sup>	01;11.21		08		08		04		26			02	15		02
24 <sup>a</sup>	01;11.26	07	12		05		05		41		02	02	11		13
25 <sup>a</sup>	02;00.02		20		07		10	01	38		02	01	13		07
26 <sup>a</sup>	02;00.08		18		12		04		46		01		16		07
27 <sup>a</sup>	02;00.14		15		01		05	01	29				08		03
28 <sup>a</sup>	02;00.22	02	17		06	01	03		47					01	03
29 <sup>a</sup>	02;00.28	03	25		07		01	01	41		02	02		01	23
30 <sup>a</sup>	02;01.03	10	15		01	02	02	03	24			07			04
31 <sup>a</sup>	02;01.10	16	18		02		01	03	22			17			02
32 <sup>a</sup>	02;01.14	05	04	01	04		03	04	20						01
33 <sup>a</sup>	02;01.21		04				05		14		01				01
34 <sup>a</sup>	02;01.25	02	07		02		03	04	28		01	02		01	06
35 <sup>a</sup>	02;02.01	05	12		03		10	12	27		01	01		02	18
36 <sup>a</sup>	02;02.07	07	11		05		03		24		02	03		01	07
37 <sup>a</sup>	02;02.15	06	02		07		08	02	24		03				04
38 <sup>a</sup>	02;02.21	10	05	02	04		02	05	14		01	02	20		
39 <sup>a</sup>	02;02.29	02	22		06		06	11	20		02	01	26		04
40 <sup>a</sup>	02;03.09	01	03		02		04		13				11		01
41 <sup>a</sup>	02;03.18	05	05	01	02	01	05	02	26		02		18		04
Total por tipo		144	577	04	215	05	222	53	1218	00	44	44	343	09	236
Total geral (sem QU isolado e sem quem/sujeito)								E.	input						
								206	2276						

Tabela 4 (dados de L. por sessão semanal)

Estruturas-QU →		QU deslocado		QU que		QU é que		QU in situ		é QU que		QU isolado		quem/sujeito (dado ambiguo)	
sessão ▼	idade ▼	L.	input	L.	input	L.	input	L.	input	L.	input	L.	input	L.	input
1 <sup>a</sup>	01;06.22		01						33			01	03		02
2 <sup>a</sup>	01;06.29								01				01		03
3 <sup>a</sup>	01;07.09							01	07			01	03	11	03
4 <sup>a</sup>	01;07.14		04					01	04				02		01
5 <sup>a</sup>	01;07.22		02		03				17				03		01
6 <sup>a</sup>	01;07.27			01					08		01		03		01
7 <sup>a</sup>	01;08.06	02	02		02		01		34				09	02	01
8 <sup>a</sup>	01;08.12		03		01				11		02		14		
9 <sup>a</sup>	01;08.21								13		04	01	06		
10 <sup>a</sup>	01;09.00				02				13				14		01
11 <sup>a</sup>	01;09.08								03						
12 <sup>a</sup>	01;09.14				02				42				31		
13 <sup>a</sup>	01;09.21				01			01	27				17		16
14 <sup>a</sup>	01;10.00				01		01		14		02		14		
15 <sup>a</sup>	01;10.05		02						36		01		24		
16 <sup>a</sup>	01;10.12				02		01		27				27		
17 <sup>a</sup>	01;10.19							01	20				14		01
18 <sup>a</sup>	01;10.26		03		02		06		38				22		06
19 <sup>a</sup>	01;11.02		05				06		21				15		01
20 <sup>a</sup>	01;11.09		01		03		01		30		03		28		01
21 <sup>a</sup>	01;11.17				01		01		26		01	02	34		
22 <sup>a</sup>	01;11.23		01		02			01	51		01		40		06
23 <sup>a</sup>	02;00.02						01		29				26		
24 <sup>a</sup>	02;00.06				02		01		13		01		21		
25 <sup>a</sup>	02;00.13						02		19		01		09		
26 <sup>a</sup>	02;00.20		03				04		15				25		
27 <sup>a</sup>	02;00.27						01	05	07			01	12		01
28 <sup>a</sup>	02;01.04		01				01		12				17		02
29 <sup>a</sup>	02;01.10		01		03				15		01		24		01
30 <sup>a</sup>	02;01.19				02		01	04	11		01	02	17		04
31 <sup>a</sup>	02;01.25	05	04		16		03	09	72			04	34	06	15
32 <sup>a</sup>	02;02.01	02	02		03		02	09	24		01		12		
33 <sup>a</sup>	02;02.08	02	02		03	02	01	02	23		01	02	25	02	03
34 <sup>a</sup>	02;02.15	02	02					04	09			06	18	01	03
35 <sup>a</sup>	02;02.21	05	01		01			05	13			01	09		
36 <sup>a</sup>	02;02.29	02	09		06	05	04	32	39			15	46	04	21
37 <sup>a</sup>	02;03.06	02	08	03	02		05	17	34	01	02	01	26		05
38 <sup>a</sup>	02;03.13							19	10				12		12
Total por tipo		22	57	04	60	07	43	111	821	01	23	36	657	26	111
Total geral (sem QU isolado e sem quem/sujeito)								L.	input						
								145	1004						

Tabela 5 (ocorrências da cláusula *Que é isso (aqui/ai)?* por sessão semanal)

Sessão semanal	Ocorrências nos dados de L.			Ocorrências nos dados de E.		
	idade	L	Input de L.	idade	E.	Input de E.
1 <sup>a</sup>	01;06.22		03	01;05.24		21
2 <sup>a</sup>	01;06.29			01;06.09	01	03
3 <sup>a</sup>	01;07.09			01;06.17	01	06
4 <sup>a</sup>	01;07.14		03	01;06.28	06	07
5 <sup>a</sup>	01;07.22			01;07.03		17
6 <sup>a</sup>	01;07.27			01;07.19	07	04
7 <sup>a</sup>	01;08.06	02	01	01;07.26	08	14
8 <sup>a</sup>	01;08.12			01;08.02	05	06
9 <sup>a</sup>	01;08.21			01;08.11		11
10 <sup>a</sup>	01;09.00			01;08.16	05	13
11 <sup>a</sup>	01;09.08			01;09.00		05
12 <sup>a</sup>	01;09.14			01;09.06	12	14
13 <sup>a</sup>	01;10.21			01;09.13	01	04
14 <sup>a</sup>	01;09.00			01;09.19	02	11
15 <sup>a</sup>	01;10.05			01;09.27	04	10
16 <sup>a</sup>	01;10.12			01;10.04	02	11
17 <sup>a</sup>	01;10.19			01;10.10	02	05
18 <sup>a</sup>	01;10.26		05	01;10.14	01	04
19 <sup>a</sup>	01;11.02			01;10.19		04
20 <sup>a</sup>	01;11.09			01;11.28	08	08
21 <sup>a</sup>	01;11.17			01;11.04		04
22 <sup>a</sup>	01;11.23			01;11.13	04	06
23 <sup>a</sup>	02;00.02			01;11.21		01
24 <sup>a</sup>	02;00.06			01;11.26	05	04
25 <sup>a</sup>	02;00.13			02;00.02		08
26 <sup>a</sup>	02;00.20			02;00.08		09
27 <sup>a</sup>	02;00.27			02;00.14		08
28 <sup>a</sup>	02;01.04			02;00.22		07
29 <sup>a</sup>	02;01.10		01	02;00.28	01	06
30 <sup>a</sup>	02;01.19			02;01.03	01	01
31 <sup>a</sup>	02;01.25	04	01	02;01.10		02
32 <sup>a</sup>	02;02.01	01	01	02;01.14	03	
33 <sup>a</sup>	02;02.08	02		02;01.21		
34 <sup>a</sup>	02;02.15	02		02;01.25		03
35 <sup>a</sup>	02;02.21	01		02;02.01.		02
36 <sup>a</sup>	02;02.29	01	01	02;02.07	01	
37 <sup>a</sup>	02;03.06	01		02;02.15	03	01
38 <sup>a</sup>	02;03.13			02;02.21	09	01
39 <sup>a</sup>	-----	-----	-----	02;02.29	02	04
40 <sup>a</sup>	-----	-----	-----	02;03.10	05	09
41 <sup>a</sup>	-----	-----	-----	02;03.18	01	04
total		14	16		101	258

## SÍMBOLOS DE TRANSCRIÇÃO ORTOGRÁFICA UTILIZADOS<sup>51</sup>

1. [[ - dois turnos de fala iniciados ao mesmo tempo;
2. [ -sobreposição de vozes;
3. [ ] -sobreposição localizada;
4. (+), (++) , (2.5) -pausa;
5. **(incompreensível) ou (escreve-se o que se supõe ter ouvido)** -dúvidas e suposições;
6. / -truncamento brusco;
7. **MAIÚSCULA** -ênfase ou acento forte;
8. : :: ::: (co::mo) -alongamento de vogal;
9. (( )) -comentários do analista;
10. - - - - - - -silabação;
11. ” -subida rápida de entonação(interrogação);  
' -subida leve (vírgula ou ponto e vírgula);  
, -descida leve ou brusca;
12. *e e e ele, ca ca ca cada* -reduplicação;
13. *eh, ah, oh, ih ::, mhm, ahã,* etc. - para pausas preenchidas, hesitação ou sinais de atenção.
14. .... -transcrição de um trecho;  
/.../ -corte na produção de alguém.
15. Os turnos de fala devem ser iniciados com letras minúsculas.
16. Transcrição ortográfica seguindo a escrita-padrão, mas considerando a produção real.

---

<sup>51</sup> De acordo com MARCUSCHI (1991)